

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**VICTOR REIS CHAVES ALVIM**

**AS REPRESENTAÇÕES DA CAVALARIA EM *PERCEVAL OU O CONTO DO*  
*GRAAL*, DE CHRÉTIEN DE TROYES**

**CURITIBA**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**VICTOR REIS CHAVES ALVIM**

**AS REPRESENTAÇÕES DA CAVALARIA EM *PERCEVAL OU O CONTO DO*  
*GRAAL*, DE CHRÉTIEN DE TROYES**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito à conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães.

**CURITIBA**

**2014**

## **Dedicatória**

O presente trabalho é dedicado à memória de minha mãe, Margarida Reis Chaves Alvim  
(1955-2014).

## **Agradecimentos**

À minha mãe, Margarida Reis Chaves Alvim, que me incentivou a estudar até o fim de sua vida e que sempre me amou, me apoiou e me tratou muito bem. Ela não viveu para me ver desenvolvendo este trabalho, mas sua memória é um incentivo que tenho para seguir aprendendo.

Ao meu pai, Francisco Carneiro Alvim, que junto de minha mãe, pagou meus estudos até aqui, possibilitando a realização não só deste trabalho, mas também por se preocupar comigo e que gosta e cuida de mim, demonstrando isso constantemente.

À minha irmã, Bárbara Reis Chaves Alvim, por se preocupar comigo.

À minha professora orientadora, Marcella Lopes Guimarães, por ter aceitado meu projeto de pesquisa, pela extraordinária paciência com que sana minhas dúvidas e, pelo apoio humano que transcende a relação acadêmica, desde o falecimento da minha mãe.

À Bárbara Letícia Chimentão, pelo carinho e atenção que dedica a mim, pela ajuda em alguns dos momentos mais importantes de estudos e pela enorme paciência que possui.

Aos meus amigos da universidade e de fora da universidade pelo interesse em ouvir minhas histórias e por compartilharmos histórias de vida.

Por fim, ao CNPq pela bolsa de estudos PIBIC que me envia, bem como à sociedade brasileira que através dos impostos custeia meus estudos no Ensino Superior na condição de aluno de uma centenária instituição de ensino público e gratuito.

## **Resumo:**

O objetivo desta pesquisa é analisar como foram feitas as representações da cavalaria no livro *Perceval ou O Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes (escrito durante a primeira metade da década de 1180 e deixado incompleto devido à morte do autor) e suas relações com seu momento histórico. Para tanto nos valem, além da bibliografia estudada, também da obra *O Livro da Ordem de Cavalaria*, de Raimundo Lúlio (obra escrita entre 1274 e 1276), que apresenta preceitos sobre como deveria ser um cavaleiro ideal no que tange a seu comportamento e à sua moral, e que também aponta vícios que o membro de tal ordem não se deveria cometer. Dividimos o trabalho em três capítulos: os dois primeiros apresentam o contexto social, econômico, político, bem como o contexto literário no Reino da França no século XII, ao passo que no terceiro capítulo analisamos episódios ou blocos de episódios da narrativa d'*O Conto do Graal*. Ao analisarmos a obra observamos que Perceval opera como uma espécie de anti-Lancelot, sendo uma representação duma cavalaria ascética; que Gauvain é a representação da cavalaria mundana, e que o Graal opera simbolicamente como um substituto literário à Terra Santa que não pôde ser mantida por Filipe de Flandres e tantos outros cruzados.

Palavras-chave: Cavalaria – Literatura – Chrétien de Troyes

**Abstract:**

The aim of this research is to analyse how were made the representations of cavalry in the book *Perceval, The Story of the Grail*, by Chrétien de Troyes (written during the first half of the 1180s decade and left incomplete due to the death of the author) and its relations with its historical moment. To do so we employ, besides the studied bibliography, *The Book of the Order of Chivalry*, by Raymond Lull (oeuvre written between 1274 and 1276), which presents precepts about how an ideal knight should be in regard to their behaviour and their moral, and which also points the vices that the member of such order should not commit. We divided this work in three chapters: the first two present the social, economic, political as well as the literary context in the Kingdom of France in the 12<sup>th</sup> century, whilst in the third chapter we analyse episodes or blocks of episodes of the narrative of *The Story of the Grail*. By analyzing the oeuvre we observed that Perceval operates as some sort of anti-Lancelot, being a representation of an ascetic cavalry; that Gawain is the representation of the worldly cavalry, and that the Grail operates symbolically as a literary substitute to the Holy Land that could not be maintained for Philip of Flanders and many other crusaders.

Key-words: Cavalry – Literature – Chrétien de Troyes

## SUMÁRIO

### **As Representações da Cavalaria em *Perceval* ou *O Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes**

Introdução.....	8
CAPÍTULO I – O Contexto Político e Social .....	13
1.1 – O Renascimento do Século XII.....	14
1.2 - Cavalaria no Século XII, Aspectos Internacionais e o caso de Filipe de Flandres: .....	20
CAPÍTULO II - O Contexto Cultural na Literatura da França do século XII.....	32
CAPÍTULO III – Análise d’ <i>O Conto do Graal</i> .....	42
Prólogo .....	42
Episódio 1 – Perceval descobre a cavalaria.....	46
Episódio 2 – As recomendações da mãe e a donzela da tenda.....	54
Episódio 3 – A corte do rei Artur e o Cavaleiro Vermelho.....	57
Episódio 4 – Treinamento e adubamento de Perceval .....	62
Episódio 5 – A amiga de Perceval e os primeiros combates.....	70
Episódio 6 – O Graal e a lança que sangra.....	74
Episódio 7 – O reencontro com a donzela da tenda e o sangue na neve .....	80
Episódio 8 - Acusações .....	85
Episódio 9 – O torneio de Tintagel .....	89
Episódio 10 – Escavalon .....	93
Episódio 11 – A redenção de Perceval.....	97
Episódio 12 – Aventuras do século .....	103
Episódio 13 – O castelo sobre a falésia e Guiromelant.....	106
Conclusão .....	113

## Introdução

Os temas arturianos desde a *Historia Britonum*, do cronista Nennius, no século IX, e da *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, escrita entre 1135 e 1138, foram na Idade Média e continuam sendo ainda hoje, objeto de grande interesse de escritores, literatos e historiadores. A memória coletiva ocidental prontamente se lembra de Artur, de Guinevere, de Morgana, do mago Merlin, de Uter Pendragon, da icônica tábua redonda, e de Gauvain, de Lancelot, de Perceval, de Galaaz, de Kai e tantos outros cavaleiros do séquito do lendário rei, basta que analisemos os inúmeros livros<sup>1</sup>, filmes<sup>2</sup>, seriados televisivos<sup>3</sup> e jogos eletrônicos<sup>4</sup> que atualmente são produzidos com esta temática (ou que fazem remissão a ela), criando releituras e adaptações às realidades que nos são contemporâneas<sup>5</sup>. Estas adaptações e releituras evidenciam como o mundo à nossa volta nos influencia naquilo que concebemos, criamos e produzimos artisticamente, e na forma como apresentamos o trabalho artístico, seja este um exemplo de arte bastante recente, como um jogo eletrônico, ou um trabalho de arte mais tradicional, como um livro. Na Idade Média o mesmo fenômeno acontecia. Era comum que livros ligados à lenda de Artur e seus cavaleiros apresentassem em sua narrativa algumas inquietações do(s) autor(es) que os escreveram.

A representação do mundo real se dá também por meio dos trabalhos de ficção, de lendas. Através daquilo que o homem consegue representar podemos entender em boa parte sua forma de apreender a realidade que o rodeia e da qual ele mesmo é integrante. Podemos assim, através do que foi grafado, entender um pouco de sua psicologia, de seu imaginário, de suas preocupações, gostos, vontades, decepções e alegrias. Infelizmente não nos está disponível para análise aquilo que foi silenciado, que não foi grafado, de qualquer maneira

---

<sup>1</sup> O best-seller recente mais famoso a fazer referência ao graal é *O Código da Vinci* (*The da Vinci Code*), de Dan Brown, que recebeu uma adaptação ao cinema e uma adaptação para um jogo eletrônico. Livros que têm como tema de suas tramas o universo arturiano são; todos os livros da coleção *A Busca do Graal* (*The Grail Quest*), de Bernard Cornwell; todos os livros da coleção *As Crônicas de Artur* (*The Warlord Chronicles*), também de autoria de Bernard; todos os livros da coleção *As Brumas de Avalon* (*The Mists of Avalon*), de Marion Zimmer Bradley; todos os livros da série *Graal*, de Christian de Montella; entre muitos outros títulos.

<sup>2</sup> Para citar os mais famosos, temos *Lancelot du Lac* (1974), *Monty Python and the Holy Grail* (1975), *Excalibur* (1981), *First Knight* (1995) e *King Arthur* (2004).

<sup>3</sup> As mais recentes séries televisivas sobre o universo arturiano são *Merlin* (1998), *The Mists of Avalon* (2001), *Kaamelott* (2005-2009), *Camelot* (2010-2011) e *Merlin* (2008-2012).

<sup>4</sup> Os mais icônicos jogos eletrônicos sobre a matéria da Bretanha são *Conquest of Camelot: The Search for the Grail* (1989), *Knights of the Round* (1991), *King Arthur & Knights of Justice* (1995), *King Arthur* (2004) e os dois jogos da série *King Arthur: The Role-Playing Wargame* (2009 e 2012).

<sup>5</sup> Como é o caso da série televisiva britânica *Merlin*, que foi ao ar originalmente entre 2008 e 2012, que retrata vários personagens como sendo negros convivendo harmoniosamente (isto é, sem problemas de preconceitos raciais) em meio a uma sociedade europeia branca, o que denota a projeção de um problema do mundo atual feita numa lenda medieval.



nos é permitido criar hipóteses a respeito destes vazios, interrupções e silêncios. Até mesmo podemos estudar a importância e o lugar do silêncio em sociedades que já não existem mais, por meio daquilo que elas grafaram a respeito deste intervalo entre sons e falas que sempre, por diferentes razões, importou às várias sociedades humanas através das eras, suscitando diferentes reações racionais e emocionais. Tal é o caso do silêncio feito por Perceval na cena do banquete de jantar no castelo do Rei Pescador, quando o graal e a lança que sangra na ponta passam em cortejo diante de seus olhos no livro *Perceval ou o Conto do Graal* (em francês; *Perceval ou le Conte du Graal*) de autoria do escritor medieval Chrétien de Troyes, escrito no fim do século XII.

No conto, o fato de Perceval não dizer nada a respeito do graal ou da lança que passavam à sua frente durante o jantar é o pontapé inicial para a busca do graal (em francês; *quête du graal*), que se inicia na referida obra com a procura pelo cálice místico sendo feita principalmente por Perceval e por Gawain (ou em francês; Gauvain). Além d'*O Conto do Graal* e de suas continuações em outros manuscritos de diferentes autores, os anos seguintes à morte de Chrétien de Troyes viram surgir muitas obras que sofreram sua influência e que ficaram conhecidas como 'o ciclo do graal' ou ainda como ciclo 'Lancelot-graal'. Isto faz de Chrétien de Troyes o inaugurador de um importante ciclo literário medieval que transcendeu as fronteiras da língua francesa, pois temos escritos em alemão como no caso da obra épica *Parzifal*, de autoria do cavaleiro e poeta Wolfram von Eschenbach, e no caso de *Diu Crône* (em português; *A Coroa*), de Heinrich von dem Türlin; ou ainda a obra em língua galesa *Peredur Filho de Efwarg* (em galês; *Peredur fab Efwarg*), de autor anônimo. Destarte, por meio de seu legado, percebe-se a importância do trabalho de Chrétien de Troyes. Por esta grande importância, atribuída por nós hoje e também pelos escritores na Idade Média, é fundamental que *Perceval ou O Conto do Graal* seja analisado por um viés historiográfico (e também histórico, porque datado) para que seja possível compreender melhor como pensavam os homens medievais.

No caso, o propósito mais importante para o presente trabalho, é analisar como a cavalaria é nele representada, suas formas de agir, a maneira de se pronunciar, seus valores, seus costumes, como se relacionam entre si e com outras pessoas, sua forma de lutar e de amar, sua ligação com o místico-religioso, seus medos e receios, suas ideias de cavalaria ideal, e em todas as áreas que a fonte nos forem permitidas abordar, e, por meio dessa análise entender como os homens medievais enxergavam o corpo da cavalaria e o que pensavam a

seu respeito. A contribuição que este trabalho visa fornecer à área da História que se volta para os estudos da literatura e da cultura, e à História das mentalidades, é a de ser um estudo detalhado sobre a representação da cavalaria na literatura no século XII e de ser uma leitura inicial em português para aqueles que desejam estudar o ciclo do graal e/ou ciclo Lancelot-graal desde sua origem com Chrétien de Troyes. O fato de ser em português é de grande importância para o desenvolvimento do estado da arte dos estudos histórico-literários dos contos arturianos no Brasil, que ainda tem poucos artigos sobre a obra *Perceval ou O Conto do Graal* de Chrétien de Troyes – geralmente mais focados nos textos do século XIII, na literatura relativa ao graal produzida na Península Ibérica mais tardiamente (séculos XIV a XVI), ou quando abordam as obras de Chrétien, a preferência é dada frequentemente à *Yvain ou O Cavaleiro do Leão* (em francês; *Yvain ou le Chevalier au Lion*) ou a *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete* (*Lancelot ou Le Chevalier de la Charrette*) –, nenhuma tese bastante recente sobre o assunto (de acordo com uma pesquisa feita em Março de 2014 no Banco de Teses da Capes, que indica teses a partir de 2012), e poucos livros em português que tratam detidamente sobre Chrétien de Troyes, sobre análises específicas da obra *Perceval ou O Conto do Graal*, ou mesmo sobre o ciclo do graal – embora tenhamos livros que abordem esses assuntos em meio a outros, com maior ou menor grau de profundidade. Temos um material em português a ser disponibilizado publicamente e gratuitamente online ajudará os estudos brasileiros nos já referidos temas.

Para tornar possível a análise d'*O Conto do Graal* (escrito por Chrétien de Troyes até sua morte na década de 1180<sup>6</sup>), optou-se pela leitura de outros livros de Chrétien de Troyes disponíveis, a saber, os que chegaram até nós, já que três quartos de suas obras foram perdidas<sup>7</sup>; são eles *Érec et Énide* (*Erec e Enida*), de aproximadamente 1165<sup>8</sup>; *Cligès ou la Fausse Morte* (*Cliges ou A que Fingiu de Morta*), de 1175; *Lancelot ou Le Chevalier de la Charrette* (*Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete*), de 1181 a pedidos de Marie de Champagne (Maria da Champagne); e por fim, *Yvain ou Le Chevalier au Lion* (*Yvain ou O Cavaleiro do*

<sup>6</sup> A data da morte de Chrétien é muito discutida, no geral, a maioria dos estudiosos a localiza em algum momento entre 1180 e 1191.

<sup>7</sup> PAYEN, Jean Charler. *Le Moyen Âge: Des Origines à 1300*. Paris: Arthaud, 1970, p. 158.

<sup>8</sup> Jean-Pierre Foucher, no prefácio e tradução de *Érec et Énide* no livro de compilações *Romans de la Table Ronde*, Ed. Gallimard, 1974, considera que a data de produção do texto foi de 1160 a 1164. Já Philippe Walter admite que o livro foi produzido entre 1165 e 1170 (Cf. WALTER, Philippe. *Chrétien de Troyes*. Paris: PUF, 1997, p. 58). Por ser uma data média entre as sugestões dos dois autores, considero como sendo a data de escrita do livro como 1165.

*Leão*) também de algum período entre a segunda metade da década de 1170 e 1181<sup>9</sup>. Além de termos tomado conhecido das outras principais obras de Chrétien de Troyes, e as lido devidamente e detidamente, também nos valem aqui da obra do autor catalão Raimundo Lúlio (ou em catalão; Ramon Lull) intitulada *O Livro da Ordem de Cavalaria* (*Libre de l'Orde de Cavalleria*), escrito no século XIII. Escolhemos essa obra quase cem anos mais tardia do que *O Conto do Graal* porque ela se propõe a ser um manual para os novos cavaleiros e aprendizes de cavaleiros (com efeito, Lúlio defende que o rapaz tivesse conhecimento das regras e costumes da ordem de cavalaria antes mesmo de se tornar escudeiro), um livro ao qual o ‘*miles*’ (cavaleiro) e o ‘*juvenis*’ (cavaleiro em treinamento, ainda sem ter recebido o adubamento) poderiam sempre recorrer para se lembrar de quão importante, santa e gloriosa é e deve ser a cavalaria como um todo, e para que também soubessem sempre como bem agir. Como o livro de Raimundo Lúlio foi escrito no fim do século XIII, ele pode ser tomado como um bom exemplo de parte do imaginário cavaleiresco representado durante este período histórico. Como *Perceval ou O Conto do Graal* foi escrito quase às vésperas do século XIII, é possível aplicarmos os conceitos e valorações que constam na obra catalã na obra de Chrétien, visto que esta se encontra historicamente localizada no início do referido período histórico.

Evidentemente, devemos tomar a devida precaução em não incorrer no erro de acreditarmos que as representações da cavalaria nestas obras medievais apresentam este corpo social exatamente, ou mesmo as práticas por parte dos cavaleiros relatadas nestes textos, como de fato eram, porque se trata de uma representação, que além de artística, está embebida de uma ideologia, de uma mentalidade que visa o ideal – idealizada, portanto. Como apresentaremos no corpo deste trabalho, sabe-se que a cavalaria na Idade Média era conhecida por suas demonstrações de violência recorrentes, chegando mesmo ao ponto de a igreja católica estabelecer diversas medidas que visavam frear estas agitações sociais problemáticas causadas pelas ações violentas da cavalaria. Além disso, não podemos também nos iludir crendo que, através da análise das representações da cavalaria, poderemos delimitar e indicar como era o imaginário do fim do século XII a respeito da mesma, porque como diz Jacques Le Goff em *Heróis e Maravilhas da Idade Média*:

---

<sup>9</sup> Segundo Philippe Walter, o livro de Lancelot foi escrito entre 1176 e 1181, paralelamente com a escrita do livro de Yvain. Já *O Conto do Graal* tem uma data imprecisa, uma vez que a morte de Chrétien de Troyes não é bem datada.

*“O imaginário transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia, no sentido forte da palavra. O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos. Podemos defini-lo como o sistema de quimeras de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto. Em seguida, o imaginário deve ser distinguido da simbólica. O pensamento do Ocidente medieval realizava-se através de um sistema simbólico, a começar pelas constantes correspondências entre o Novo e o Antigo Testamentos [sic], pois o primeiro é a tradução simbólica do segundo. Para tomar o exemplo da definição de uma das maravilhas deste livro por Victor Hugo, quando o poeta diz de Notre Dame de Paris vista por Quasímodo: “Para ele, a catedral não representava apenas a sociedade, mas, mais do que isso, o universo, a natureza inteira”, ele cria não somente uma catedral simbólica, como também uma catedral imaginária, pois “toda a igreja louvava uma coisa fantástica, sobrenatural, horrível, aqui e ali olhos e bocas abriam-se”. Por fim, é necessário diferenciar o imaginário do ideológico. O ideológico é investido por uma concepção do mundo que tende a impor à representação um sentido que perverte tanto o “real” material quanto este outro real, o “imaginário”. ”<sup>10</sup>.*

Ter estas questões em mente ao lermos qualquer obra medieval, especialmente as literárias, como fazemos aqui, é essencial para compreendermos melhor a maneira como a sociedade medieval foi representada e, assim, aproximarmo-nos das aspirações das pessoas daqueles tempos. Por esta razão, propomos a divisão deste trabalho em partes.

Na primeira parte será apresentado de maneira geral, o contexto político e social do norte do Reino da França nas décadas de 1170 e 1180. Na segunda parte, explanaremos sobre o contexto literário da França no século XII e sobre as obras de Chrétien e a influência que ela exerceu no chamado Ciclo do Graal, para que então, possamos abordar na terceira parte a obra *Perceval ou O Conto do Graal* em si. Na terceira parte, portanto, faremos uma análise histórica das representações da cavalaria n’*O Conto do Graal* escrito por Chrétien de Troyes.

---

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 12-13.

## CAPÍTULO I – O Contexto Político e Social

*“A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele”<sup>11</sup>.*

Antes de discorrer mais detidamente sobre o tema central deste trabalho, as representações da cavalaria na obra *Perceval ou O Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes (1135-1185), convém conhecermos e levarmos em consideração o contexto na qual a obra e seu autor estão inseridos, para que possamos compreendê-la de maneira mais adequada, mais criteriosa, mais cientificamente orientada<sup>12</sup>. Esta contextualização é necessária porque de nada adianta conhecermos as representações das pessoas e das coisas se elas estiverem apartadas de sua realidade material, como já advertiu Georges Duby em sua aula inaugural do Collège de France em 4 de Dezembro de 1970:

*“O vasto domínio que, destarte, se abre à investigação é tanto mais sedutor para os medievalistas quanto é certo que a maioria dos documentos escritos desse tempo, porque redigidos por homens da Igreja, confere às realidades do espírito uma função bem mais relevante que às económicas. É um facto que fornecem poucos dados quantificáveis, susceptíveis de tratamento estatístico, mas, em contrapartida revelam-se particularmente esclarecedores quanto aos fenómenos mentais. Essa disposição constitui, no entanto, um sério escolho que alguns historiadores não souberam evitar: identificando-se, de certo modo, com a atitude mestra das testemunhas que interrogavam – cujo esforço estava totalmente dirigido para a libertação do espiritual do temporal –, foram por vezes levados a afastar-se do concreto e atribuir às estruturas mentais uma autonomia demasiado ampla relativamente às estruturas materiais que as determinam, fazendo assim a história das mentalidades desviar-se, quase insensivelmente, para terrenos próximos dos da Geistesgeschichte<sup>13</sup>.”<sup>14</sup>.*

Uma vez que Chrétien de Troyes escreveu na segunda metade do século XII, é importante que saibamos o que ocorreu neste século nos âmbitos político, social, cultural – incluindo aí a religião, tão presente e tão importante na vida das pessoas da Idade Média –, para que possamos traçar o contexto geral que gestou as mentalidades expressas por meio de tudo aquilo que chegou até nós, por meio de construções, artefatos religiosos, objetos do dia-

<sup>11</sup> BLOCH, Marc apud LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 107.

<sup>12</sup> Jacques Le Goff faz uma citação de Lucien Febvre bastante pertinente, e com a qual concordo, em seu livro *História e Memória*: “Lucien Febvre, restringido, disse: “Qualifico a história de estudo cientificamente orientado e não de ciência” (1941).” – LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 105.

<sup>13</sup> Em tradução livre do alemão para o português, algo como “espírito da história” ou ainda “espírito histórico”.

<sup>14</sup> DUBY, Georges. *Sociedades Medievais* – “Lição inaugural” proferida no Collège de France, em 4 de Dezembro de 1970. Lisboa: Terramar, 1999, pp. 10-11.

a-dia, tapeçarias, iluminuras, textos políticos e religiosos, e finalmente, através da literatura, que é o que nos interessa neste trabalho. Tendo em vista ainda que *Perceval ou O Conto do Graal* foi escrito na década de 1180 em Flandres, nos deteremos nesta região ao norte do Reino da França, após uma exposição geral de alguns aspectos contextuais do universo da cristandade latina destes anos tão icônicos e até “revolucionários”<sup>15</sup> que compreendem o século XII. Passemos, portanto, à contextualização.

### 1.1 – O Renascimento do Século XII

Quando falamos em “Renascimento”, com R maiúsculo, logo nos vem à mente o Renascimento que se deu ao longo dos séculos XV e XVI, inaugurando a Idade Moderna, e consequentemente nos recordamos também de suas grandes figuras das mais diversas áreas, como o dramaturgo português Gil Vicente (1465-1537), autor do clássico *Auto da Barca do Inferno*<sup>16</sup>, de 1517; o teólogo germânico Martinho Lutero (1483-1546), peça basilar do movimento da Reforma Protestante; o humanista italiano Giovanni Pico della Mirândola (1463-1494), escritor da impactante obra *A Dignidade do Homem*<sup>17</sup> (ou no original em latim, *Oratio de Hominis Dignitate*), de 1486; o escultor e pintor Michelangelo di Lodovico Bonarroti Simoni (1475-1564), responsável pela magnífica escultura do herói bíblico, o rei Davi (1501-1504) e pela também magnífica pintura em afresco do teto da Capela Sistina no Vaticano (1508-1512) – obras realizadas a pedidos dos expressivos papas Alexandre VI e Júlio II, respectivamente –; do inventor e pintor, enfim, do polímata florentino Leonardo da Vinci (1452-1519), que pintou o famosíssimo quadro de Mona Lisa (conhecido também em italiano como *La Gioconda*); entre outros homens. Lembramo-nos deste Renascimento, como O Renascimento. Este Renascimento, entretanto, por conta de seus próprios preconceitos associados à obsessão por resgatar ou simular a cultura tida como mais elevada de uma “era de ouro” da Roma da Antiguidade Clássica, acabou por negar e menosprezar tudo aquilo que o precedeu imediatamente. Buscando serem os reconstrutores e continuadores desta era de

<sup>15</sup> Por ‘revolucionários’ não queremos inferir o sentido de revolução política conforme entendemos depois do século XVIII. Aqui a palavra indica mudanças de âmbito econômico e monetário, *boom* cultural, início de uma mudança nas artes e na religião cristã latina, e melhorias das técnicas agrícolas. A política do século XII não se difere de forma tão significativa daquela do século XI a ponto de ser possível falar em ruptura ou revolução política – este não é o caso em absoluto.

<sup>16</sup> VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. – Curioso como nesta história são os cavaleiros que morrem lutando por Cristo os únicos salvos com mente sã. Provavelmente se trata de um resquício no século XVI da influência do ideal de cavalaria criado nos séculos XI, XII e XIII como veremos.

<sup>17</sup> Sobre o autor ver: MIRÂNDOLA, Pico della. *A Dignidade do Homem*. São Paulo: Escala, s/d, pp. 13-34; 75-93.

ouro perdida, os homens do Renascimento dos séculos XV e XVI inferiorizaram, negligenciaram e mesmo demonizaram este período de aproximadamente um milênio que os separavam do Império Romano, isto é, a Idade Média. Ao inferiorizarem a Idade Média, os renascentistas do início da Idade Moderna acabaram por desconsiderar outros Renascimentos medievais, também com R maiúsculo, porque comparáveis em suas intensidades, como o Renascimento Carolíngio (séculos VIII e IX) e o Renascimento do século XII. É sobre este último que falaremos aqui.

No século XII a Europa ocidental presenciou uma considerável expansão na produção agrícola e no espaço destinado às plantações. De início, este processo parece estar ligado às rudimentares técnicas agrícolas nesta região do mundo, pois até o século XI, de acordo com Jacques Le Goff, o arado de madeira, simétrico e sem rodas, era o instrumento mais utilizado na Europa na região do Mediterrâneo e também ao norte, o uso da charrua (em latim chamado de *carruca*) ainda era embrionário, e os carros de bois ainda eram debilmente utilizados. Para os senhores feudais e membros da nobreza em geral, as terras eram adubadas através de cobranças que estes faziam aos camponeses para lhes enviarem potes de excrementos ou por meio da obrigação dos camponeses de fazer permanecer seus rebanhos por alguns dias nas terras dos senhores, afim de que os animais deixassem nelas seus excrementos. Os servos, os camponeses [os *laboratores*, segundo a sociedade tripartida proposta por Adalbéron de Laon (falecido em 1030) na primeira metade do século XI<sup>18</sup>], por sua vez se valiam das sobras dos excrementos de seus animais e do recolhimento de folhas caídas de árvores (material orgânico vegetal) para nutrir as terras. Como este tipo de cultivo é bastante rudimentar, o solo se esgota com maior rapidez e se fazia necessário o desmatamento de novos bosques por meio da queima. “*Portanto a agricultura era devoradora de espaço, extensiva e semi-nômade*”<sup>19</sup>. Além desta necessidade por cada vez mais terras, observou-se durante a décima segunda centúria, movimentações demográficas, como a causada no Sacro Império Romano Germânico pela *Drang Nach Osten* (em alemão; Marcha para o Leste), que levou para terras ao leste, tão distantes como a região da cidade de Riga, não só a fé católica,

<sup>18</sup> PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 91.

<sup>19</sup> LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 18. No original: “*Portanto la agricultura era devoradora de espacio, extensiva y semi-nómada*”. – Todos os textos em outro idioma que não o português serão citados neste trabalho em traduções livres para o português feitas por mim, exceto quando indicado.

mas também contingentes consideráveis de camponeses, de modo a expandir a área de terras cultivadas.

Então, na transição do século XI para o XII tudo isto começou a mudar para melhor. O aumento demográfico na Europa ocidental foi constante, aumentando em cerca de dois a quatro milhões de habitantes a cada cinquenta anos entre o ano 1000 e 1150<sup>20</sup>. Este aumento demográfico constante, a despeito das altas taxas de mortalidade da época, permitiu o acúmulo da produção agrícola, o que por sua vez aumentou a qualidade de vida; mais pessoas comiam e, portanto, o progresso material se seguiu. Técnicas de cultivo mais desenvolvidas se disseminaram, tais como a rotação trienal das terras, o uso de arados com rodas, e de utensílios de ferro (ainda que este fosse um material escasso), o uso de cavalos em substituição aos bois para o arado por tração animal, entre outras melhorias.

Dessa forma, o excedente da produção fez aumentar o consumo e as trocas de produtos, criando também um excedente econômico, o que impulsionou um ciclo de crescimento das cidades por meio do comércio, que garantiu por sua vez a continuidade do progresso material. Este progresso material foi sensivelmente mais expressivo em duas zonas no norte da Europa próximas uma da outra; as terras a noroeste da Baixa Lotaríngia e em Flandres – região próspera em que no fim do século, Chrétien de Troyes (1135- c.1185) viria a escrever *Perceval ou O Conto do Graal*. Uma forma de confirmar este progresso se dá pela constatação da quantidade de abadias urbanas e rurais que funcionavam nestas áreas já ao fim do século XI e início do XII; as abadias de Lobbes, de Waulsort, de Stavelot, de Saint-Hubert, de Gembloux, de Saint-Trond, de Saint-Jacques e a de Saint-Laurent de Liège<sup>21</sup>. É interessante que em meio a esta explosão da produção agrícola, muitas vilas tenham crescido ao redor de abadias. De fato, Georges Duby indica que ao longo do século XII, os monges da abadia de Cister (em francês, abbaye de Cîteaux; uma abadia localizada na Borgonha, uma região próxima da Lotaríngia), por serem adeptos do ideal ascético do *contemptus mundi* (latim para ‘desprezo pelo mundo’), escolhendo se afastar das perturbações da vida mundana, se dedicaram ao trabalho manual, ao trabalho da terra como um ato de humilhação e penitência,

*“no entanto, esses homens se apressaram a pôr em aplicação o que havia de mais moderno nas inovações técnicas; eles se esforçaram por tornar cada vez mais produtivos os terrenos baldios em que haviam se estabelecido, vinculando-se assim, sem ter claramente consciência, ao que havia de mais*

---

<sup>20</sup> Idem, p. 9.

<sup>21</sup> Idem, pp. 25-28.



*vivo no movimento geral do progresso e acabando por situar seus domínios agrícolas na vanguarda dos êxitos econômicos”<sup>22</sup>.*

As ações dos monges foram destarte, também importantes para o progresso do século XII, e para o otimismo que começou a substituir o pessimismo do pensamento dos homens na parte latina da cristandade. A concepção do mundo se alterou tanto que a *renovatio* (em latim, renovação) do mundo, que anteriormente buscava recuperar o brilho de um mundo melhor que se encontrava em degeneração, passou, doravante, a ser outra; toda criação não seria mais uma recuperação do passado, mas sim uma criação nova, uma geração de algo novo. Foi este o espírito que caracterizou o Renascimento do século XII<sup>23</sup>.

Já ao sul dos Alpes, as cidades da Península Itálica, em especial Gênova, Pisa, Veneza e Amalfi se desenvolveram através do comércio marítimo na área do Mediterrâneo. Segundo C. W. Previté-Orton:

*“Uma parte importante do comércio italiano era levado a cabo com o Oriente. As cidades iam buscar ao Oriente as tão apreciadas especiarias e o açúcar, que temperavam a comida simples do tempo, e ainda a seda, o algodão, outros tecidos, objectos artísticos, corantes vegetais e vinho, e um pouco mais tarde também trigo e peixe do Mar Negro; esses produtos eram trocados por ferro, madeiras, peles, linho, pano e escravos do Ocidente. Os produtos orientais eram entregues aos transalpinos através de passagens das montanhas e pelos rios. Um dos grandes centros desse comércio eram as feiras de Champagne, que duravam quase todo o ano, e onde os mercadores do norte, incluindo os do Mar do Norte e do Báltico, que constituíam um círculo comercial independente, se encontravam com os homens do sul. A lã era o produto mais importante do Norte, que os italianos compravam quer por tecer, para ser depois tecida na Itália, quer já tecida nos panos grosseiros da Flandres e do Norte da França, que os artesãos italianos trabalhavam depois para tornar superfinos.”<sup>24</sup>.*

Esses mercadores das cidades do sul, que levavam e traziam produtos das regiões mais setentrionais do continente europeu se beneficiavam, portanto, das feiras de Champagne. Cabe então termos em mente quais lugares exatamente na Champagne, uma região que não era muito pequena (especialmente para os padrões de deslocamento espacial do décimo segundo século de nossa era), ocorriam as principais feiras.

De acordo com Jacques Le Goff;

<sup>22</sup> DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2011, p. 172.

<sup>23</sup> Idem, pp. 172-173.

<sup>24</sup> PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média, vol. 4: O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, pp. 85-86.

*“Junto aos “grandes” portos de exportação e importação havia alguns grandes mercados temporários que começavam a desempenhar um grande papel: as feiras. As principais se estabeleciam na zona de contato entre o comércio mediterrânico e o comércio nórdico: Flandres e a Champagne. As feiras de Champagne, ainda mais que as feiras flamencas, desempenharam desde finais do século XII um papel internacional. Dotadas pelos condes da Champagne de privilégios que asseguravam a proteção dos mercadores, das mercadorias e das transações, eram realizadas uma a duas vezes ao ano em quatro lugares sucessivamente: Bar-sur-Loire, Troyes, Lagny e Provins<sup>25</sup>. De fato, constituíam um mercado permanente onde não só se vendiam e intercambiavam os produtos do grande comércio (panos e especiarias particularmente), mas onde, além disso, se regulava toda uma série de operações de câmbio e crédito.”<sup>26</sup>*

A cidade de Troyes, onde provavelmente nasceu Chrétien, era então um dos maiores centros de comércio de toda a Europa ocidental. Certamente o escritor pôde ver e entrar em contato durante sua vida com pessoas de todos os cantos da cristandade – o que, diga-se de passagem, deve ter lhe ajudado bastante para adquirir inspiração para escrever, sobretudo quando visava falar de lugares distantes, como o Império Bizantino, tal como ocorre em seu romance *Cliges ou A que Fingiu de Morta* (em francês; *Cligès ou la Fausse Morte*), ou mesmo na ênfase que ele outorga aos bons tecidos em todos os seus romances quando deseja demonstrar riqueza e luxo nas cortes que criava.

Troyes, como indica Le Goff, dividia o calendário das feiras com outras três cidades principais, além de outras cidades menores com feiras menores, que certamente existiam na região no século XII. Estas cidades e suas respectivas feiras faziam entre si uma espécie de ciclo feirante, em que cada feira durava por volta de seis semanas, conforme sugere R. D. Face num pequeno artigo para a revista *The Economic History Review*, em sua edição de Abril de 1958:

<sup>25</sup> Destas feiras, certamente a mais famosa era a de Provins. Ainda hoje a cidade é famosa em consequência dos tempos das feiras medievais: A cidade de Provins é considerada como patrimônio mundial pela UNESCO desde 2001, conforme consta no site da própria organização. (<http://whc.unesco.org/en/list/873> - acesso em 21 de Março de 2014).

<sup>26</sup> LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 41. No original: “Junto a los “grandes” puertos de exportación e importación había algunos grandes mercados temporales que comenzaban a desempeñar un gran papel: las ferias. Las principales se establecían en la zona de contacto entre el comercio mediterráneo y el comercio nórdico: Flandes y la Champaña. Les ferias de Champaña, aún más que las ferias flamencas, desempeñaron desde fines de siglo XII un papel internacional. Dotadas por los condes de Champaña, de privilegios que aseguraban la protección de los mercadores, las mercancías y las transacciones, se celebraban una a dos veces al año en cuatro lugares sucesivamente: Bar-sur-Aube, Troyes, Lagny y Provins. De hecho, constituían un mercado permanente donde no sólo se vendían e intercambiaban los productos del gran comercio (paños y especias particularmente), sino que, además, se regulaba toda una serie de operaciones de cambio y crédito.”.

*“O ciclo inicial das seis feiras da Champagne funcionavam como se segue: a feira de Lagny começava em 2 de Janeiro; a feira de Bar-sur-Aube na terça-feira anterior ao meado da quaresma; a feira de Maio de Provins na terça-feira anterior à Ascensão; a feira do dia de São João, ou a ‘feira quente’ começava na primeira terça-feira depois da quinzena do dia de São João (24 de Junho); a feira de Santo Ayoul de Provins começava no dia da Exaltação da Cruz, i.e. 14 de Setembro; e a feira de São Remi, ou a ‘feira fria’ de Troyes começava no dia seguinte ao Dia de Todos os Santos, i.e. 2 de Novembro. Cada uma das feiras durava para mais de seis semanas, e cada uma seguia a mesma ordem rígida de negócios; primeiro, um período de oito dias para a ‘entrada’; em seguida, um período de dez dias para a venda de panos; então seguia-se um período de onze dias de venda de couro cordovês; em seguida, vinha um período de dezenove dias para a troca de itens vendidos a peso (‘avoir du pois’) e para o acerto de contas (‘pagamentum’); finalmente, depois que a feira propriamente havia acabado, então seguia-se um período de quatro dias nos quais as então chamadas ‘letras da feira’ eram compostas. Assim, o cronograma típico de uma feira totalizava cinquenta e dois dias.”<sup>27</sup>.*

Desse modo vemos a importância do comércio no século XII na parte da Europa que partilhava da fé católica. Fica evidenciado também o papel central que desempenharam as feiras flamencas e francesas, especialmente as feiras de Champagne, como a de Troyes, para esta nova rede comercial e de trânsito, pois o comércio pressupõe as viagens<sup>28</sup>. Contudo, a fragmentação monetária ainda era muito grande, ou seja, as várias moedas diferentes

---

<sup>27</sup> FACE, R. D. Techniques of Business in the Trade Between the Fairs of Champagne and the South of Europe in the Twelfth and Thirteenth Centuries. In: The Economic History Review – New Series, 10-3, p.427, (nota de rodapé número 2). No original: “The early cycle of the six fairs of Champagne ran as follows: the fair of Lagny began on 2 January; the fair of Bar-sur-Aube on the Tuesday before mid-Lent; the May fair of Provins on the Tuesday before the Ascension; the fair of St. John, or the ‘hot fair’ began on the first Tuesday after the fortnight of St. John’s day (24 June); the fair of St. Ayoul of Provins began on the day of the Exaltation of the Cross, i.e. 14 September; and the fair of St. Remi, or the ‘cold fair’ of Troyes began on the day following All Saints’ Day, i.e. 2 November. Each of the fairs lasted upward of six weeks, and each followed the same rigid order of business; first, an eight-day period of ‘entry’; next, a ten-day period of cloth sale; then followed an eleven-day period of cordovan sale; next came a period of nineteen days devoted to the exchange of items sold by weight (‘avoir du pois’) and to the settlement of accounts (‘pagamentum’); finally, after the fair properly was over, then followed a period of four days in which the so-called ‘letters of the fair’ were drawn up. Thus, the typical schedule of one fair totalled [sic] fifty-two days”. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0289.1958.tb00016.x/abstract> - acessado em 21 de Março de 2014.

<sup>28</sup> Sobre as viagens, por comércio ou peregrinação neste período, ver LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, pp. 48-55.

concorrendo entre si e sem que alguma se apresentasse mais forte ou visada, de modo que uma maneira muito comum de troca de produtos fosse ainda o escambo<sup>29</sup>, ou, podemos supor, o escambo em paralelo com a compra e venda. Os primeiros sinais da difusão de moeda aparecem por volta de 1080 nos documentos de Macon (região norte da França), porém somente cem anos depois o dinheiro estará por todos os lados, sendo usado por todos. Desta forma, durante o tempo de vida de Chrétien de Troyes, o dinheiro passou a ser progressivamente cada vez mais usado, atingindo um grau de disseminação que pode ser chamado de “geral” nos anos próximos à sua morte. Seja como for, a decrescente fragmentação monetária não impediu o século XII de produzir grandiosos edifícios como os castelos e catedrais, ou de criar estes outros edifícios culturais também grandiosos, tais como as canções de gesta, as canções de trovar, e evidentemente, os ciclos da Matéria da Bretanha e do Graal, todos apresentando modelos ideais de cavalaria, um corpo social que transformou o século XII e do qual convém falarmos.

## **1.2 - Cavalaria no Século XII, Aspectos Internacionais e o caso de Filipe de Flandres:**

No despertar do século XII os reinos da cristandade latina começavam a viver um período um tanto menos conturbado em seus próprios domínios, impulsionados também pela prosperidade. As muito frequentes guerras privadas de senhores feudais, condes e duques, por vezes até mesmo de reis, que varriam a Europa ocidental começaram a ser contidas pela canalização da violência para fora da esfera de presença da igreja romana, por meio das cruzadas<sup>30</sup>, que visavam libertar a dita “Terra Santa” do domínio dos muçulmanos. A primeira cruzada foi convocada em 1095 pelo papa Urbano II (1042-1099; pontificado de 25 de Junho de 1088 até sua morte) quando do Concílio de Clermont:

*“Os que estão habituados a combater maldosamente, em guerra privada, contra os fiéis, lutem contra os infiéis, e levem a um fim vitorioso a guerra que devia ter começado há tempo. Os que viviam até agora em brigas se convertam em soldados de Cristo. Os que até agora eram mercenários por negócios sórdidos, ganhem no presente as recompensas eternas. Os que se fatigaram em detrimento de seus corpos e de suas almas, se esforcem no presente por uma dupla recompensa [...] De um lado estarão os miseráveis, do outro as verdadeiras riquezas, aqui os inimigos de Deus, lá os seus amigos. Alistem-se*

<sup>29</sup> LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 42.

<sup>30</sup> DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2011, p. 81.

*sem demora; que os guerreiros arrumem os seus negócios e reúnam o necessário para prover às suas despesas; quando terminar o inverno e chegar a primavera<sup>31</sup>, que eles se movam alegremente para tomar a rota sob o comando do Senhor.”<sup>32</sup>.*

Com efeito, as violências entre cristãos latinos como ressaltada pelo papa em seu discurso, eram tão frequentes e afetavam diferentes grupos sociais, que chegam a se refletir nas mentalidades e, conseqüentemente nas maneiras de explicar os problemas do mundo, os problemas seculares. A ruína, bem como o insucesso, é explicada através da recorrência à figura simbólica da antiga deusa romana Fortuna. Jacques Le Goff diz que lançar mão desta explicação baseada no acaso, na fortuna, convinha

*“[...] tanto aos senhores feudais como aos burgueses. Nas crônicas senhoriais dos séculos XI e XII explica os azares (traições, emboscadas, mortes prematuras) de que são vítimas os nobres nas suas cavalgadas”<sup>33</sup>.*

Quis então Urbano II mudar a fortuna da cristandade latina, não ao acaso, e sim, por motivos consideravelmente seculares. Esta foi apenas uma das medidas tomadas pela igreja romana para atenuar a violência infligida pelos cavaleiros no seio da cristandade. Concretamente, para combater a violência endêmica entre a nobreza e também a violência contra si, a Igreja ao longo de séculos retomou sempre este ponto; a busca pela diminuição das agressões. Muitas das vezes, para que os acordos de não agressão fossem respeitados, os religiosos recorreram a ameaças de punição espiritual, geralmente após a morte, para os infratores que impedissem a paz. Para entendermos este movimento precisamos recuar duas centúrias.

Desde o século X, quando os cavaleiros já eram designados por ‘*miles*’ (como a raiz latina já indica; alguém com atribuições militares e que possuíam cavalo), em oposição aos ‘*pedites*’, guerreiros que andavam a pé, estavam despojados de cavalos e eram

<sup>31</sup> O Concílio de Clermont foi realizado no final do ano de 1095, entre 18 e 28 de Novembro, no fim do outono no hemisfério norte. Como naquela época a locomoção no inverno era bastante precária, sobretudo por conta da neve que cobre a Europa durante o inverno não raramente rigoroso, Urbano II convoca os guerreiros a iniciarem a marcha até Jerusalém e arredores na primavera, quando as rotas terrestres não estivessem mais barradas pela neve.

<sup>32</sup> Citação de Foucher de Chartre a respeito do enunciado do papa Urbano II presente em: PERNOUD, R. *Les Cruzadas*. Paris: s.n., 1960, pp. 17-18. Apud PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, pp. 83-84.

<sup>33</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 387.

hierarquicamente inferiores<sup>34</sup>. Nesta época, em meio ao esmigalhar do poder real em toda a Europa, estes *miles* se colocavam em serviço aos senhores feudais e participavam de suas guerras particulares, já mencionadas, que faziam muitas vítimas tanto entre a cavalaria quanto entre os camponeses e entre os clérigos – por meio do ataque e pilhagem de igrejas, monastérios e de terras pertencentes à Igreja.

Para se protegerem destes ataques por parte dos *miles* – a quem a Igreja enxergava como uma ordem mais ou menos bem definida, a *ordo militaris*<sup>35</sup> –, em 989, quando do Concílio de Charroux, foi decidido que os *miles* deveriam proteger os pobres (sobretudo os camponeses e as pessoas desarmadas, incluindo aí os clérigos que não portavam armas). Outra maneira de se evitar estes danos foi a contraditória necessidade dos membros da Igreja de disporem de cavaleiro para sua proteção. O historiador francês Jean Flori afirma que;

*“Os distúrbios sociais e políticos, que sucedem às invasões normandas, húngaras ou sarracenas dos séculos IX e X, acentuam esse duplo fenômeno contraditório: vítimas das múltiplas depredações e pilhagens suscitadas pela riqueza de seus monastérios (objetos de culto preciosos, relicários, etc.), os monges reforçam ainda mais sua aversão pela violência, pelas armas e por aqueles que as portam. Mas, ao mesmo tempo, para se proteger, eles sentem a necessidade crescente de se recorrer aos serviços desses guerreiros.”*<sup>36</sup>.

Para solucionar, ou ao menos, reduzir esse tipo de contradição, foram reforçadas as proibições, ou ainda regulamentações, do derramamento de sangue. Teóricos trabalharam para distinguir o que seria uma guerra justa de uma guerra injusta. Em termos gerais, as guerras justas eram as que tivessem por objetivo o restabelecimento da paz, que fora rompida por um inimigo, ou ainda as guerras levadas a cabo com o intento de recuperar terras espoliadas ou as guerras que fossem punir culpados por alguma transgressão. Estas guerras justas não deveriam ser movidas por vingança ou desejo de lucros. Por outro lado, as guerras injustas seriam todas as outras; as que instaurassem o caos e que abassem em saques. (A maioria das guerras continuou estando inseridas no grupo das consideradas injustas)<sup>37</sup>.

<sup>34</sup> Podiam ser designados ainda por ‘*caballarius*’ ou ‘*cavallarius*’, conforme aparecem nos cartulários das abadias de Lérins, de 1038; e da abadia de São Victor de Marselha, em documentos de 1029, 1042 e 1058. Esta terminologia era mais utilizada no que hoje é o sul da França, ou seja, na região tradicionalmente conhecida por Languedoc (ou Langue d’oc). Cf. DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 28 e nota n. 18 pp. 157-158.

<sup>35</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 28.

<sup>36</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria - As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 132.

<sup>37</sup> Idem, pp. 132-133.

Paralelamente, no decorrer dos anos que se seguiram ao Concílio de Charroux, os textos dos juramentos de paz (realizados entre 1023 e 1025) juntaram ao rol dos protegidos os mercadores, os peregrinos e as mulheres pertencentes à nobreza, além de mais uma vez indicar os pobres (*pauperii*)<sup>38</sup>. Iniciava-se dessa forma a *renovatio pacis* (em latim, renovação da paz).

*“A ação para a reformatio pacis, suas palavras de ordem, as decisões que a sustentaram, as fórmulas e as representações ideais que estas veiculavam, tudo isso contribuiu vivamente, a partir de 990 e durante todo o século XI, para reforçar o sentimento de que a cavalaria constituía um grupo social coerente. Primeiro porque ela reunia a militia, todos os caballarii, numa reprovação comum, porque organizava contra todo o corpo, para dele se proteger, um sistema de interdições, porque o englobava, como fez o bispo Jourdain de Limoges em 1031, numa mesma imprecação.”<sup>39</sup>*

Seguidamente, reafirmando as premissas do Concílio de Charroux, o Primeiro Concílio de Poitiers (1011-1014) legislou contra a violência mundana, praticada pelos cavaleiros. A Igreja se manteve a parte da sociedade juridicamente; foi-lhe reconhecido o direito a proteções especiais – direito esse que era garantido por sanções espirituais aos que porventura atacassem a Igreja.

Desta forma os membros da cavalaria começaram a se reconhecer efetivamente como uma *ordo*, como um grupo social delimitado. Uma consequência disso foi o emprego, cada vez mais frequente ao longo do século XI do termo *miles*, por parte dos próprios cavaleiros, que, não sendo grandes senhores (ou seja, aqueles que estavam na base da aristocracia nobiliárquica), desejavam se diferenciar do resto da sociedade laica, formada majoritariamente por camponeses (*rusticii*). Esse movimento teve início na região meridional da França em cerca de 1035 e nas regiões setentrionais por volta de 1080<sup>40</sup>. Havia assim, entre aqueles que oravam e entre aqueles que lutavam, certa noção de classe social guerreira estabelecida e reconhecida; a cavalaria. A regulamentação da cavalaria promulgada pelos concílios a limitou e a estabeleceu enquanto *ordo*. Depois impuseram, aos poucos, à cavalaria uma moral mais cristã, e no início do século XII, esta *nova militia* recebia para si a incumbência de formar ‘homens probos’<sup>41</sup>, que com suas armas abençoadas por padres no momento de sua sagração na ordem da cavalaria, deveriam defender a Igreja, os pobres, e que

<sup>38</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, pp. 40-41.

<sup>39</sup> Idem, p. 35.

<sup>40</sup> Idem, p. 34.

<sup>41</sup> Esta expressão é de fato muito utilizada por Chrétien de Troyes; no francês, *proudest hommes*.

deveriam combater os inimigos de Deus, fazendo reinar efetivamente a Paz de Deus (uma forma de organização social desejada e ideal)<sup>42</sup>.

Por conta destes concílios e da Paz de Deus, já não se enxergava a cavalaria no limiar do século XII como, *necessariamente* um caminho de mortes e pecados constantes (em especial, o homicídio); os cavaleiros que servissem a Deus seriam redimidos de suas faltas. Práticas novas então começaram a surgir, como, por exemplo,

*“orar antes de todo ataque, esforçar-se para não matar ninguém, dissuadir seus companheiros de qualquer pilhagem e de qualquer captura; em caso de fracasso, adiantar-se antes de todos os outros para ultrapassá-los e então fazer o maior número possível de prisioneiros e logo liberá-los sem resgate nem danos.”*<sup>43</sup>.

Concordamos com Jean Flori; essa prática não era muito eficaz. A maioria dos cavaleiros, muito provavelmente, não tomavam essas premissas a sério.

Então, em vista desse cenário, o papa Urbano II, em 1095 propôs outro método ao lançar convocatória para a Primeira Cruzada. Uma solução que se provou rapidamente eficaz e atrativa aos cavaleiros foi criada: aquele que fosse homem d’armas poderia ir para a região da Palestina não como monge, mas na posição de guerreiro, para libertar Jerusalém e os chamados lugares santos do domínio dos islâmicos que durava desde 638. O cavaleiro do mundo se convertia assim em cavaleiro de Cristo (ou em latim, *milites Christi*). Como garantia da empresa cruzadística, o papa concedia o perdão de todos os pecados do cruzado que partisse sem intenção de pilhagem e com bom intento de recuperar a terra de Jesus para os domínios da cristandade latina.

Após a Primeira Cruzada, que durou de 1096 a 1099, outras cruzadas maiores se seguiram, com “intervalos” entre si, preenchidos por cruzadas menores. As cruzadas obtiveram sucesso pelo enorme engajamento de nobres e de populares que durou até 1272 quando da Nona Cruzada. Depois do final do século XIII a intensidade do ideal cruzadístico diminuiu bastante<sup>44</sup>, mas é possível observar certa permanência do mesmo até o século XV.

---

<sup>42</sup> Idem, p. 47.

<sup>43</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria – As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 136.

<sup>44</sup> Ou pelo menos ele é reelaborado, de modo a concorrer com outras realidades religiosas, sociais, mentais (com influência dos efeitos de fronteira para a convivência das pessoas de povos diferentes), guerreiras, etc.



Um nobre que participou das cruzadas foi Filipe da Alsácia (1143-1191), depois de 1168, também conde de Flandres<sup>45</sup>. Sua primeira experiência como cruzado se deu em 1177, tendo sido aguardado com entusiasmo pelos francos do oriente, que se lembravam das quatro cruzadas que seu pai, o conde Thierry da Alsácia<sup>46</sup> participara. Filipe chegou a São João d'Acre no dia 2 de Agosto daquele ano, onde uma frota de navios bizantinos, à época aliados com os cristãos latinos<sup>47</sup>, aguardava o rei Balduíno IV de Jerusalém (1161-1185) para as invasões do Egito, terra que desde 1169 era controlada pelas forças de Saladino (Salah Al-Din, 1137-1193)<sup>48</sup>. Entretanto, o rei era acossado de lepra desde a infância, e embora já tivesse 16 anos em 1177 e estivesse teoricamente pronto para liderar o ataque por conta da doença e porque se recuperava de um grave ataque de malária<sup>49</sup>. Como Balduíno IV era primo de Filipe, propôs ao conde de Flandres que se tornasse regente de Jerusalém em sua ausência caso conseguisse liderar o ataque franco ao Egito<sup>50</sup> – o que era muito importante, visto que em meio às guerras contra os muçulmanos, o Reino de Jerusalém ficaria sem regente uma vez que Balduíno IV não teve filhos. Porém Filipe recusou afirmando que fora à Palestina apenas na condição de peregrino e em seguida explicando que ele não teria capacidade para tamanha responsabilidade. Na realidade, Filipe de Flandres se dirigiu a Jerusalém para casar os dois filhos de Roberto de Béthume (um vassalo seu) com as irmãs de Balduíno, Isabela (1172-1205) e a princesa Sibila de Jerusalém (1159-1190), que estava grávida, esperando o filho<sup>51</sup> de seu marido Guilherme de Montferrat (c. 1140-1177), recentemente morto de malária. Em

<sup>45</sup> Como consta no site Medieval Lands: "The *Genealogica Comitum Flandriae Bertiniana* names (in order) "*Philippum, Matheum, Petrum et tres filias*" as the children of "*Theodericus filius ducis Alsatie [et] Sibillam*". He was installed as count of Flanders in 1157 when his father left for Palestine, and continued to handle most administrative matters after his father returned in 1159. He succeeded in [1167] as **Comte de Vermandois**, by right of his wife. He succeeded his father in 1168 as **PHILIPPE Count of Flanders**." (itálico e negrito originais no site). — Medieval Lands: <http://fmg.ac/Projects/MedLands/FLANDERS.%20HAINAUT.htm#PhilippeIdied1191> - Acessado em 23 de Março de 2014.

A partir das próximas referências a Filipe, o designarei por 'Filipe de Flandres'.

<sup>46</sup> Também encontra-se a forma portuguesa de seu nome; Teodorico da Alsácia.

<sup>47</sup> Os bizantinos se aliaram aos cristãos latinos em 1176, após o imperador Manuel I Comneno (1118-1180) ter tido problemas com os seljúcidas. Após as tropas de Manuel I terem sido massacradas na Paflagônia pelo sultão Kilij Arslan, o imperador decidiu dar apoio à invasão franca do Egito. Quando o conde Filipe de Flandres chegou em São João d'Acre – Cf. RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas, vol. 2 – O Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002, p. 356.

<sup>48</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 121.

<sup>49</sup> RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas, vol. 2 – O Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002, p. 260; p.356.

<sup>50</sup> Embora Balduíno IV e Filipe de Flandres não tenham ido ao Egito em 1177, houve sim um ataque franco-normando e bizantino lá, que foi, porém, infrutífero. (LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 120).

<sup>51</sup> Trata-se de Balduíno V (1177-1186), que morreu precocemente, mas que foi co-regente de Jerusalém ao lado de seu tio Balduíno IV de 1183 até a primavera de 1185, quando então se tornou rei nominal sob a regência do conde Raimundo III de Trípoli até a data de sua morte.

virtude do pedido para o arranjo dos matrimônios Filipe foi duramente criticado pelo rei de Jerusalém e sua corte, e, contrariado por este fato, resolveu tomar parte nos cercos de Hama em 1177 ao lado de Raimundo III de Trípoli (1140-1187), também príncipe da Galileia; e de Harim (ou Harenc) em 1178 ao lado do príncipe Boemundo III de Antióquia, depois retornou para Jerusalém para a Páscoa. Em seguida Filipe tomou um navio em Latáquia com destino a Constantinopla<sup>52</sup>.

Depois de seu retorno à Europa, Filipe de Flandres foi nomeado pelo rei da França, Luís VII (1120-1180), que estava adoentado, como guardião de seu único filho, Filipe II (1165-1223)<sup>53</sup>. Ainda em 1179, Filipe II foi coroado rei (co-regente) em Reims a mando de seu pai, que por conta da doença que o paralisava não pôde ir à cerimônia. Filipe de Flandres, juntamente com os mais poderosos prelados e vassalos, tais como Teobaldo V (1130-1191), conde de Blois e de Chartres [que era casado com a filha de Luís VII e Leonor da Aquitânia (1122-1204), Alice de França (1150-1198)<sup>54</sup>]; e Henrique o Jovem (1155-1183), que à época era duque da Normandia e co-regente do trono inglês [e que era casado com outra filha de Luís VII, Margarida da França (1157-1197)<sup>55</sup>]<sup>56</sup>. De fato, o próprio Filipe de Flandres arranjara, no ano seguinte (1180) o casamento de seu protegido Filipe II com sua sobrinha, Isabela de Hainaut<sup>57</sup> (1170-1190), uma moça nobre e filha de Balduíno V de Hainaut (1150-1195) e Margarida I da Alsácia (1145-1194)<sup>58</sup>. Isabela tinha como dote o Condado do Artois e algumas outras localidades menores, que passaram para o domínio real francês assim que ocorreu o casamento, em Abril. Pouco tempo depois, em Setembro, o rei Luís VII morreu e Filipe II começou a tentar reerguer o poder real através de apreensões de bens<sup>59</sup> taxações, de

<sup>52</sup> RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*, vol. 2 – *O Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002, pp. 356-358.

<sup>53</sup> Filipe II da França foi o único filho de Luís VII, fruto de seu terceiro casamento, com Adélia de Champagne (1140-1206).

<sup>54</sup> Alice foi fruto do primeiro casamento de Luís VII, com Leonor da Aquitânia. O matrimônio durou de 1137 a 1152, quando então eles se separaram, pois conseguiram a anulação do casamento pela alegação de consaguinidade. Quando Leonor se separou de Luís, o Reino da França perdeu toda a Aquitânia, que passou ao controle de Leonor, e, posteriormente ao controle inglês, porque ela se casou com Henrique Plantageneta, que se tornou depois rei da Inglaterra. Sobre o assunto, cf. PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média*, vol. 4: *O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, pp. 146-182.

<sup>55</sup> Margarida da França foi fruto do segundo casamento de Luís VII, com Constança de Castela (c. 1140-1160). O casamento de Luís e Constança durou de 1154 a 1160, quando Constança morreu após o parto da segunda filha do casal, Adéla da França (1160-1220).

<sup>56</sup> Henrique o Jovem estava representando seu pai, Henrique II Plantageneta, durante a cerimônia de coroação de Filipe II.

<sup>57</sup> Em francês, Isabelle de Hainaut. Também se encontra a tradução de seu nome como 'Isabel'.

<sup>58</sup> Margarida I da Alsácia era filha de Thierry da Alsácia e, portanto, irmã de Filipe de Flandres.

<sup>59</sup> Um grupo que sofreu no reinado de Filipe II foi o dos judeus, que tiveram seu ouro recolhido, como nos conta Rigord. Cf. *Chroniques de Rigord et Guillaume le Breton*, (trad. GUIZOT, François.). In: BRIÈRE, J.-L.-J. *Collection de mémoires relatifs à l'histoire de France*, vol.11. Paris: Imprimerie de Lebel /Imprimeur du Roi,

tratados políticos e de anexações territoriais. Uma das anexações foi a do Vermandois, que era reclamada tanto por Filipe II quanto por seu vassalo, Filipe de Flandres. Por esta razão criou-se inimizade entre os dois e uma guerra estourou. O rei Filipe II colocou Balduíno V de Hainaut contra o conde de Flandres. As forças reais francesas e do condado de Hainaut tiveram êxito, pois intimidado pelo tamanho do exército de Filipe II, e já desgastado por combates contra Bauduíno V de Hainaut, Filipe de Flandres aceitou entregar, sem derramamento de sangue, o condado de Vermandois para o controle do Reino da França. Após este episódio, nos conta o monge cronista Rigord (c. 1145-1209) que a paz foi restaurada entre o rei e seu vassalo<sup>60</sup>.

Não devemos esquecer que, em meio a este cenário agitado na política da França e de Flandres, o que apresenta Georges Duby sobre o período:

*“Importa levar em conta indubitavelmente, nessa virada dos séculos XII e XIII, um fenômeno político, o fortalecimento dos grandes principados regionais. O rei numa vasta parte do espaço francês, os duques e os condes em outros lugares, em Flandres, na Provença, na Savóia, na Borgonha, na Guyenne, começam então a dispor de meios que lhes permitem reduzir a autonomia das pequenas potências locais que se haviam construído ao redor de cada castelo no início do século XI, por ocasião da decomposição feudal. Esses poderes regionais esmagam os “sires”, rebaixam-nos. Os agentes dos príncipes reivindicam para seu senhor o poder superior, o recrutamento de tropas para a guerra, a alta justiça, isto é, o que constituía outrora o prestígio e a riqueza dos castelões. Quanto aos direitos senhoriais inferiores – a exploração miúda dos camponeses, a polícia das aldeias –, estes tendem a se fracionar, a passar fragmentariamente (com o consentimento dos príncipes, cujo interesse é ver deslocar-se as castelâneas que os incomodam) às mãos dos simples cavaleiros. Estes, ao redor de sua morada, ao redor de sua casa-forte, apropriam-se nessa época dos poderes judiciários e fiscais, muito semelhantes, conquanto mais limitados, àqueles cujo monopólio os senhores de fortaleza haviam detido até então.*

*Por outro lado, o rei e os príncipes senhoriais empenham-se em conseguir a homenagem e os serviços feudais diretos [sic] dos cavaleiros, em ligá-los diretamente a si e em desviá-los de sua antiga dependência para com o castelão local. Assim se destroem as instituições que haviam assinalado as distâncias entre os dois escalões da aristocracia; assim se dissolve a superioridade política dos castelões; assim se explica a difusão, a vulgarização do título dominus da casa-forte, dos brasões...”<sup>61</sup>.*

---

1825, p. 195 – Disponível gratuitamente online no site Galica: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k94606h/f204.image.r=juives> (acessado em 25 de Março de 2014).

<sup>60</sup> *Chroniques de Rigord et Guillaume le Breton*, (trad. GUIZOT, François.). In: BRIÈRE, J.-L.-J. *Collection de mémoires relatifs à l'histoire de France*, vol.11. Paris: Imprimerie de Lebel /Imprimeur du Roi, 1825, pp. 34-38.

<sup>61</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 87.

Para manterem ainda certo grau de diferenciação entre si (membros das camadas mais altas da aristocracia, que desde o século XI designavam seus chefes pelo título de *sire*<sup>62</sup>), e as novas casas que surgiam e que eram provenientes de camadas mais baixas da aristocracia, muitos castelões buscaram enfatizar a diferença de poder e de prestígios, que até pelo menos 1180 os dividiam concretamente, por meio do incentivo à cultura. Os senhores que tinham meios de conseguir prestígios para suas casas não só lançavam mão dos feitos de armas, como também de feitos na produção cultural, fosse ela a criação de uma literatura genealógica – o que garantia o desejado fortalecimento de seus principados, como indica Duby na passagem – ou a criação de histórias, de romances. Tal foi o caso de Filipe de Flandres que, além de se tornar guardião de Filipe II em meio a um contexto conturbado e com direito mesmo à guerra indireta e à inimizade entre os dois, era ainda afeito às letras. O conde flamenco desejava, assim como os demais senhores bem estabelecidos da época, angariar prestígio ao seu nome (em parte possivelmente por conta das reprovações que lhe foram dirigidas no Reino de Jerusalém; e em razão da relação tensa com seu cunhado, Balduíno V de Hainaut, contra quem esteve em guerra e, ainda em partes, por consequência das também complicadas relações com a coroa francesa). Portanto, por volta de 1179, Filipe de Flandres mandou construir um novo castelo em pedra na cidade de Gante, em substituição ao antigo castelo datado do século IX e feito de madeira.

De fato este tipo de atitude acompanha um movimento de construções de vários castelos em pedra iniciado no final do século XI e que ganhou força ao longo do século XII. No último terço do século XII observou-se um gradual afrouxamento das regras de casamento para com os filhos. Não apenas o primogênito e as filhas casariam, mas outros filhos também. Isso fez aumentar o número de fortalezas e castelos, pois era necessário comportar este corpo aristocrático em expansão<sup>63</sup>. Por sua vez, este *boom* na construção de castelos e fortalezas por toda a Europa ocidental está relacionado com a já comentada necessidade dos grandes senhores da aristocracia em tentar se diferenciar da baixa aristocracia, que tentava copiar estas camadas mais altas e poderosas. Podemos enxergar este fenômeno na Inglaterra do século XII, durante o reinado de Estêvão da Inglaterra (1092-1154) quando vários castelos adulterinos (castelos erguidos sem o consentimento do rei) foram construídos<sup>64</sup>. C. W.

---

<sup>62</sup>Idem, p. 83.

<sup>63</sup>DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2011, p. 30.

<sup>64</sup>Além dos castelos adulterinos, a rapinagem foi constantemente praticada pelos barões, o que levou a uma guerra civil que durou entre 1139 a 1153. Muitos desses castelos foram destruídos a mando de Estêvão durante e

Previté-Orton indica que além dos castelos, os nobres ingleses construíram também mosteiros e popularizaram os torneios de cavalaria:

*“Estêvão deixou que os barões se tornassem demasiado poderosos. No entanto nem todos eram movidos por uma ambição meramente pessoal, e muitos construíram não só castelos, mas também mosteiros, com o fruto das suas extorsões. A nobreza adoptou o ideal, imperfeito embora, da cavalaria; os torneios tornaram-se populares. Verificou-se também um florescimento da arquitectura e das artes, tal como do conhecimento em geral, encorajado e protegido pelos grandes senhores tanto eclesiásticos, como laicos. Os senhores franceses e os seus súbditos ingleses começaram também por esta época a fundir-se numa nação.”<sup>65</sup>.*

Assim, em ambos os lados do Canal da Mancha os torneios ganham envergadura e sucesso enorme nas casas senhoriais, até porque a nobreza não obedecia aos limites territoriais políticos dos reinos, uma vez que era uma camada social que circulava muito, casava-se muito entre si. Estas casas senhoriais certamente conseguiam prestígio por conta dos torneios que realizavam. No mais, o aumento do número de castelos esteve também relacionado à intensificação comercial à qual nos referimos anteriormente, que permitiu o acúmulo de materiais e dinheiro que possibilitaram as construções dos mesmos. O castelo que Filipe de Flandres mandou construir no fim da década de 1170 estava, portanto, neste contexto e estava inclusive localizado numa cidade, e não em uma região agrária. Era um castelo construído num pólo econômico, o que pode ter trazido ainda mais prestígio para os condes flamencos.

Este novo castelo em Gante (cidade que no século XII era a segunda maior da Europa ocidental, atrás apenas de Paris), conhecido como Castelo dos Condes de Flandres (em francês, Châteaux des Comtes de Flandres; em holandês, Gravensteen – este último nome é mais utilizado mais recorrentemente), passou a ser sede da corte de Flandres em 1180 e por isso ganhou quartos, escritórios e masmorras<sup>66</sup>. O estilo arquitetônico do castelo foi inspirado no modelo dos castelos cristãos latinos presentes no Levante que Filipe de Flandres havia visto quando lá esteve entre 1177 e 1178. *“A entrada no formato de uma cruz, bem acima do*

---

depois da guerra. Ver PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média, vol. 4: O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, pp. 182-184.

<sup>65</sup> PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média, vol. 4: O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, p. 184.

<sup>66</sup> Informações encontradas online no site Deltawerken: <http://www.deltawerken.com/Gravensteen/869.html> (acessado em 25 de Março de 2014).

*portão de entrada principal prova que ele [o conde Filipe] já havia tomado parte numa cruzada quando o castelo foi construído*”<sup>67</sup>.

Como Filipe era um conde assaz ligado à corte dos reis da França desde os tempos de Luís VII e que participava dos eventos que nela aconteciam (como a coroação de Filipe II ou ainda o casamento de sua sobrinha com o novo rei, por exemplo) podemos presumir que ele teve contato com a produção cultural feita para a casa real. Provavelmente o conde Filipe ouviu jograis recitarem os versos escritos por Chrétien de Troyes, que nas décadas de 1160 e 1170 serviu na corte<sup>68</sup> da condessa da Champagne, Maria da França (1145-1198), filha de Luís VII e Leonor da Aquitânia, quando esta o imputou a responsabilidade de criar um romance de amor cortês, o Lancelot ou *O Cavaleiro da Charrete* (também conhecido em português como *O Cavaleiro da Carreta*)<sup>69</sup>. Quando o conde da Champagne [Henrique o Liberal (1126-1181)] morreu em Março de 1181, Maria da França entrou em um convento. Então, visto que as relações políticas e mesmo familiares entre o condado de Flandres e o da Champagne eram grandes, Chrétien procurou patronato com Filipe de Flandres, que o aceitou<sup>70</sup>.

O conde flamenco, buscando mais prestígio, além daquele que seu recém construído castelo de Gravensteen já lhe proporcionara, pediu a Chrétien de Troyes que criasse um novo conto, que fosse ao mesmo tempo uma novela de cavalaria arturiana (tradição que ganhou muita força no século XII, e na França, particularmente graças a Chrétien) e que tratasse do graal, como o autor afirma no prólogo do livro: “[...] *Chrétien não se empenhará em vão, ele que, por ordem do conde, ocupa-se em rimar a melhor história jamais escrita em corte real. É o CONTO DO GRAAL, cujo livro o conde lhe patrocinou.*”<sup>71</sup>.

<sup>67</sup> “The opening in the form of a cross, right above the main entrance gate, proves that he already had taken part in a crusade when the Castle was built [...]” - Informações encontradas online no site de guia de viagens World 66: <http://www.world66.com/europe/belgium/ghent/sights/thegravensteen> (acessado em 25 de Março de 2014).

<sup>68</sup> A corte de Champagne se localizava em Troyes, principal cidade da Champagne na época, o que ajuda a explicar como Chrétien chegou a servir Maria da França.

<sup>69</sup> Chrétien afirma no início do romance d’O Cavaleiro da Charrete que: “*Já que a senhora condessa de Champagne [Maria da França] deseja que eu escreva um romance, eu o farei de bom grado, como um homem que lhe é totalmente devotado em tudo o que pode realizar neste mundo.*” Entretanto o autor parece contrariado ao escrever o romance que é tão envolto de erotismo e exaltação à traição conjugal, provavelmente por ser um clérigo, uma vez que ele afirma também no início do conto que “*nesta obra, atuam mais as suas ordens do que meu talento e meu esforço*”. TROYES, Chrétien de. *Lancelote: O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 25.

<sup>70</sup> HARVEY, Vera de Azambuja. *Introdução* in: TROYES, Chrétien de. *Yvain, O Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. XIII.

<sup>71</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 26. – Caixa alta no original.

É possível dizer que era de grande importância para Filipe que demandasse a criação deste novo conto, pois além de se ver numa situação embaraçosa no jogo político de disputas com seu protegido Filipe II na primeira metade da década de 1180, ele ainda sofreu com a repentina morte de sua primeira mulher, Isabel de Vermandois<sup>72</sup> (1143-1183), com quem não teve filhos, de modo a lhe subtrair a força política de sua casa e o prestígio tão importante para a sociedade aristocrática de então. Fazia-se necessário reabilitar sua imagem pública. Por conseguinte, em 1183 Filipe de Flandres se casou novamente, tomando como esposa Teresa de Portugal (1151-1218)<sup>73</sup>, na esperança de ter herdeiros – o que acabou não acontecendo. Paralelamente, Filipe encomendou a Chrétien de Troyes o *Conto do Graal*, que Chrétien começou a escrever<sup>74</sup>, mas que não pôde concluir em razão de sua morte, provavelmente em 1185<sup>75</sup>. Após sua morte, o *Conto do Graal*, obteve enorme fama e exerceu influência em muitos autores que também acabaram por escrever sobre o graal. Desse modo, a obra de Chrétien iniciou o chamado Ciclo do Graal.

Assim como se faziam torneios de cavalaria, nos castelos da aristocracia, “faziam-se torneios de inteligência e jogos mentais”<sup>76</sup>. Chrétien de Troyes ao servir a Filipe de Flandres foi certamente um dos maiores homens em feitos nos torneios de inteligência da corte flamenca e de toda a Europa, através de sua produção literária de altíssimo nível, tornando-se um divisor de águas na literatura ocidental. Porém, como todo ‘divisor de águas’, Chrétien e sua arte, por mais inovadoras que tenham sido – e certamente o foram –, tinham seus limites sócio-psicológicos, e foram influenciadas pelo meio em que se encontravam, isto é, pelo seu contexto histórico. Este contexto histórico envolve também as mentalidades<sup>77</sup> da época, que

<sup>72</sup> Em francês, Élizabéth de Vermandois. É possível encontrarmos a forma portuguesa de seu nome como ‘Elizabete’.

<sup>73</sup> Nas regiões francófonas Teresa ficou conhecida como Matilde de Portugal. Ela era filha de Afonso Henriques (1109-1185), rei de Portugal.

<sup>74</sup> É provável que Chrétien tenha começado a escrever o Conto do Graal próximo do casamento de Filipe de Flandres com Teresa de Portugal.

<sup>75</sup> Sugiro que a morte de Chrétien de Troyes seja datada em 1185 por dois motivos. O primeiro motivo é que 1185 é a média entre as datas atribuídas à morte do autor, que vão de 1181 a 1191. O segundo motivo é o de que o ano de 1185 antecede a paz entre Filipe de Flandres e o rei Filipe II e seu vassalo Balduino V de Hainaut, datada em 1186, sendo, portanto, os anos em que o conde de Flandres se encontrava em conflitos, os que logicamente o fariam necessitar de maior prestígio, maior renome. Por estas razões não creio ser provável que Perceval ou O Conto do Graal tenha sido escrito depois da primeira metade da década de 1180.

<sup>76</sup> HARVEY, Vera de Azambuja. O Cavaleiro da Carreta e seu Universo. In: TROYES, Chrétien de. *Lancelote: O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.9.

<sup>77</sup> O plural é proposital. Nunca existiu uma sociedade, em era alguma da história humana que pensasse em bloco, de forma homogênea. Isto é simplesmente impossível, dadas as diferentes experiências de vida que são tão grandes quanto o número total de seres humanos que já viveram; dadas também as diferentes vontades (movidas quase sempre pelas paixões ou pela ira) manifestas por cada indivíduo ao longo de sua própria vida, ou ainda por conta de algumas determinações climáticas, geográficas, alimentares e materiais que se afetam entre si e que necessariamente afetam as culturas. O que existe, e isso é observável em todas as sociedades, é uma corrente de



se refletem em partes na produção cultural do período. Sendo dito isto, cabe discorrermos um pouco sobre os principais pontos da cultura e mentalidade mais influentes na Europa ocidental do século XII, em especial nas regiões da langue d'oïl e da langue d'oc<sup>78</sup> – os horizontes linguísticos em língua vernácula de Chrétien de Troyes e de seu público alvo; a aristocracia que compreendia francês.

## CAPÍTULO II - O Contexto Cultural na Literatura da França do século XII

Na transição do século XI para o século XII a França viu nascerem dois grandes movimentos literários. O primeiro foi a canção de gesta. Uma canção de gesta bastante famosa, a *Canção de Rolando* (em francês, *La Chanson de Roland*), de provável autoria do poeta Turolde<sup>79</sup>, que foi escrita por volta de 1090<sup>80</sup> em dialeto anglo-normando (uma das variações da langue d'oïl), discorre de forma épica sobre a batalha de Roncesvalles de 778, na

---

valores, tradições, pensamentos e costumes que são adotados por uma maioria da população de determinada sociedade, ou subgrupo social (castas, classe social, classe de profissionais, grupo religioso, etc.), constituindo uma mentalidade dominante, hegemônica, mas que de forma alguma engloba toda uma sociedade. As diferentes maneiras de se enxergar o mundo concorrem entre si, de forma pacífica ou agressiva. Por isso nos interessa estudar os textos produzidos pelas pessoas ao longo das eras, para que possamos compreender um tanto mais as muitas mentalidades do ontem e do hoje. A literatura evidentemente se insere neste escopo de buscar entender o passado e suas mentalidades que puderam chegar até nós.

<sup>78</sup> A langue d'oïl era a língua vernácula de origem latina falada nas regiões que hoje são o norte da França e a Bélgica. A langue d'oc era a língua vernácula, também de origem latina e próxima da langue d'oïl, falada nas regiões que hoje são a metade sul da França.

<sup>79</sup> Não se sabe praticamente nada sobre Turolde e sua autoria da *Canção de Rolando* é discutida por especialistas. O manuscrito mais antigo que nos chegou (o manuscrito de Oxford) apresenta na última linha que ali 'acaba a gesta que Turolde conta' [tradução minha] (em anglo-normando; "*Ci falt la geste que Turolde declinet*") e como na tradução ao francês moderno feita por Pierre Jonin consta; "*Ici prend fin l'histoire que Turnold raconte*" (TUROLDE. *La Chanson de Roland*. Paris: Gallimard, 2012, p.176, verso 4002) ["aqui tem fim a história que Turolde conta" (tradução minha)]. Além disso, é provável que o Turolde que escreveu a canção de gesta seja o mesmo Turolde normando (e seu nome é tipicamente normando, de acordo com André Burger – ver comentário a respeito em: Idem, p. 230) que aparece na tapeçaria de Bayeux – ele está representado próximo de um duque mensageiro vestido de vermelho, não muito longe de Guilherme o Conquistador (1028-1087) que está mais à esquerda, puxando cavalos, abaixo de onde está escrito '*dvcs venervnt*', ou então Turolde é o próprio mensageiro em vermelho. Já que ele era normando e a tapeçaria terminou de ser confeccionada em 1082, uma data próxima em oito anos da data original da *Canção de Rolando*, me parece ser legítima a ideia de que se trata da mesma pessoa e que foi Turolde quem escreveu esta grande canção de gesta, especialmente se levarmos em conta que os normandos cantaram a *Canção de Rolando* em 1066 quando da Batalha de Hastings para se animarem para o combate, conforme indica Guilherme de Malmesbury (1080-1143) em sua *Gesta Regum Anglorum*.

O trecho da tapeçaria de Bayeux em que aparece Turolde pode ser visto em:

<http://www.bayeuxtapestry.org.uk/bayeux5.htm> (acessado em 27 de Março de 2014).

<sup>80</sup> O manuscrito de Oxford, uma cópia do manuscrito original, que foi feita em algum momento entre 1140 e 1170, pode ser lido na íntegra e gratuitamente online no site da Bodleian Library:

<http://image.ox.ac.uk/show?collection=bodleian&manuscript=msdigby23b> (acessado em 27 de Março de 2014).

A última página da canção de gesta, que atribui a Turolde a autoria da obra, como eu defendi na nota de rodapé anterior, pode ser lida em: <http://image.ox.ac.uk/images/bodleian/msdigby23/72rb.jpg> (acessado em 27 de Março de 2014).



qual Rolando (?-778), sobrinho do rei francês Carlos Magno (742 ou 747-814<sup>81</sup>), morreu ao se recusar bater em retirada frente ao avanço dos sarracenos da cidade de Saragoça, liderados pelo rei Marsílio<sup>82</sup>, que atacaram a retaguarda do exército franco após Garnelão, padrao de Rolando, ter feito um acordo traiçoeiro com Marsílio para atacar os francos de surpresa. Rolando munido de sua espada Durendal lutou bravamente até a morte contra os milhares de sarracenos enviados para matá-lo<sup>83</sup>. A história tem os elementos típicos das canções de gesta: o relato de grandes batalhas épicas e a narração de grandes feitos de distintos heróis. Com efeito, o termo ‘canção de gesta’ (em francês, *chanson de geste*) provém do latim, onde ‘gesta’ pode ser traduzido por ‘feitos realizados’, ‘façanhas’, ou ainda ‘feitos notáveis’<sup>84</sup>. São mesmo canções de façanhas de cavalaria. As canções de gesta se inserem num movimento de exaltação dos feitos em armas, tão amplamente reconhecidos e valorizados pela sociedade militar laica dos senhores guerreiros da Idade Média central. As façanhas realizadas pelos protagonistas das canções de gesta sempre condiziam com a ideia de que as virtudes são naturais, vindas desde o nascimento.

Por si só as canções de gesta já foram grandiosas; a ruptura que elas proferiram nos âmbitos da literatura e das mentalidades (dois pontos que estão necessariamente estreitamente ligados) foi imensa, já não se escrevia mais em latim, e sim, na língua vulgar. A respeito desta virada linguística medieval Erich Auerbach afirma que:

*“Somente a poesia em língua vulgar [...], fez salientar os quadros isolados, de maneira que as personagens ganharam plenitude humana e vida, vida que está, evidentemente, limitada pela rigidez e estreiteza das categorias, que permanecem inalteráveis e que pode ser também facilmente interrompida pela falta de movimento progressivo e que, porém, justamente pela oposição que lhe oferece a moldura das rígidas categorias, ganha em efetividade e poder. Somente os poetas da língua vulgar viram o homem como ser humano e encontraram a forma na qual a parataxe possui força poética. Em lugar de*

<sup>81</sup> Baseado na *Vita Karoli*, de Eginhardo (770-814), Jean Subrenat defende que Carlos Magno tenha nascido em 742. Cf. SUBRENAT, Jean. “Sur la Mort de l’Empereur Charlemagne”. In: THIRRY, Charles & TYSENS, Madeleine (org.). *Charlemagne et l’Épopée Romane*. Librairie Droz, 1978, p. 205. – Disponível parcialmente online em: <http://books.google.fr/books?id=vTZDRTXafCoC&pg=PA205#v=onepage&q&f=false> (acessado em 27 de Março de 2014).

<sup>82</sup> O rei Marsílio existiu na vida real. Ele foi Abd-el-Melk-ben-Omar (718-788), um vizir de Abderramão I (731-788), omir omíada de Córdoba. Enquanto foi senhor de Saragoça resistiu às incursões dos exércitos de Carlos Magno no lado sul dos Pirineus. Sobre Córdoba e sobre os omíadas ver: HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 69-70; pp.618-619.

<sup>83</sup> Apesar do que é apresentado na canção de gesta subverter a verdade histórica, em que a batalha se deu contra os bascos, optamos por manter o que diz a narrativa literária uma vez que este capítulo se propõe a discutir sobre o contexto literário no século XII, e, como toda literatura, a *Canção de Rolando* possui licença poética para criar esta outra versão não-histórica, mas ficcional.

<sup>84</sup> Em um dicionário de latim-português se pode ler o seguinte: “**gesta, ðrum** <gero> n. pl. feitos notáveis, façanhas, gesta” – DICIONÁRIO de Latim – Português. Porto: Porto Editora, 2008.

*um frágil gotejar de justaposições, agora surge a forma da *laisse* [estrofe], que avança e retrocede aos trancos, cria em toda parte arrancadas enérgicas, e se constitui num novo estilo elevado. Se a vida, tangível nas suas obras é, também, estreitamente limitada e sem multiplicidade, ainda assim é uma vida plena, humanamente movimentada e vigorosa, uma liberação do estilo pálido e intangível da lenda da *tardia Antiguidade*. ”<sup>85</sup>.*

Estas canções deram origem à épica heróica, como indica Márcia Maria de Medeiros sucintamente a respeito dos dois principais topônimos da literatura medieval voltada para fins lúdicos:

*“No caso do período medieval, dois temas são caros e foram responsáveis pela formação de grande parte da literatura de cunho ficcional do período que vai dos séculos XI ao XV. São eles: amor e luta. O primeiro mote inspirador da poesia lírica, o segundo fonte primária da matéria épica. ”*<sup>86</sup>.

O tema literário que Medeiros expõe em segundo lugar, a luta, já foi tratado. Aqui nos interessa mais o outro tema, o amor.

O segundo grande movimento de produção literária, que sem necessariamente abandonar de todo os temas das façanhas em armas da cavalaria, foca no amor: se trata da literatura cortesã, em seus diferentes subgêneros. Na verdade talvez seja melhor falarmos de façanhas de amor.

A gênese destas narrativas de amor, dito cortês (ou fin’amor, fin amour; em occitano e francês respectivamente), pode ser estabelecida com uma série de poemas surgidos entre fins do século XI e o início do século XII na corte da Aquitânia, escritos pelo próprio conde Guilherme IX da Aquitânia (1071-1126), avô de Leonor da Aquitânia. Guilherme IX foi um bom cavaleiro, manjava bem as armas e fez as típicas andanças (para “enganar as donas” inclusive<sup>87</sup>, mas também por motivos cruzadísticos), mas seu nome entrou para a história como sendo o do primeiro trovador<sup>88</sup> e por conta da novidade literária que ele legou. Por meio dos onze poemas que chegaram até nós (e possivelmente de alguns outros que foram perdidos com o tempo) Guilherme IX, ele foi transformado em “*um fundador de um ousado estilo poético novo, numa nova língua românica, que, como outras nascentes línguas, não conhecia*

<sup>85</sup> AUERBACH, Erich. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 102.

<sup>86</sup> MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEM/UFGD, 2009, p. 89.

<sup>87</sup> Segundo conta Martín de Riquer apud SARAIVA, Arnaldo. Introdução. In: GUILHERME IX. *Poesia*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 14.

<sup>88</sup> LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, pp. 168-169.

*até então nenhum outro poeta digno desse nome*”<sup>89</sup>. Ele não ignorava sua novidade estilística; seu poema de número VIII inicia-se com: “*Farei cançoneta nova*” (no original; “*Farai chansoneta nueva*”)<sup>90</sup>. Seu discurso poético era dirigido aos senhores da nobreza de sua época, o que fica evidente no fato de que em três de seus onze poemas ele expõe no primeiro verso a quem fala; aos companheiros<sup>91</sup>. Na verdade, não apenas aos senhores já estabelecidos em suas casas, mas especialmente aos cavaleiros moços, os chamados *juvenis*, ainda não assentados e sem matrimônio, tal como é sugerido pelo próprio conde trovador em seu poema de número I:

“*Companheiros, farei um poema excelente:  
terá mais de louco do que de inteligente;  
misturará amor, prazer e fogo adolescente.*”<sup>92</sup>.

Esta temática agradava muito aos *juvenis*, pois em suas vidas de andanças buscavam além dos grandes feitos em armas, também uma esposa com bom dote, bela, e se possível, vinda de uma casa senhorial hierarquicamente superior. Georges Duby chega a afirmar que a literatura cavaleiresca toda, foi composta visando como público os *juvenis*. Ele cita exemplos<sup>93</sup> para ilustrar que não era à toa que a mocidade buscava aventuras constantemente; além das estruturas sociais forçarem os novos cavaleiros a isso, a mentalidade propagada por histórias fictícias ou (semi)verídicas de grandes feitos, de proezas e de busca por uma moça herdeira de grande fortuna (o que embora difícil, era possível) reforçava no âmago dos *juvenis* a busca por aventuras e grandes façanhas.

O tema lançado por Guilherme IX e outros trovadores das regiões sul e oeste da França obteve tanto sucesso que logo se espalharam por toda a Provença e Aquitânia, e mais tarde em Aragão, Castela e Portugal [reino em que futuramente seria agraciado com um rei trovador, Dom Dinis I (1261-1325)]. Não tardou muito para o jovem gosto mundano pelo amor cortês se dirigir ao norte e encantar os cavaleiros das cortes da França (Île-de-France),

<sup>89</sup> SARAIVA, Arnaldo. Introdução. In: GUILHERME IX. *Poesia*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 35.

<sup>90</sup> GUILHERME IX. *Poesia*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, Editora Unicamp, 2009, p. 76; p. 77.

<sup>91</sup> São os poemas I, II e III: respectivamente iniciados – e por consequência assim intitulados – em; *Companho, farei un vers [tot] convien* (*Companheiros, farei um poema excelente*); *Compaigno, non puosc mudar qu'eo non m'effrei* (*Companheiros, não direi que aborrecido*); e *Companho, tant ai agutz d'avols conres* (*Companheiros, dão-me tão mal tratamento*).

<sup>92</sup> Idem, p. 41. – No original:

“*Companho, farei un vers [tot] convien:  
e aura i mais de foudatz no i a de sem,  
et er totz mesclatz d'amor e de joi e de joven.*” – Idem, p. 40.

<sup>93</sup> Ver: DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, pp. 103-105.

da Champagne, da Bretanha, da Normandia e de Flandres, onde se mesclou com os gostos mais guerreiros dos senhores do norte, fazendo surgir a literatura cortesã, os romances cortesões.

Sobre essa literatura cortesã, Jacques Le Goff comenta que:

*“[...] para o historiador o mais apaixonante problema de todos os que cria esta literatura é sem dúvida a natureza do amor cortês e a importância da mulher. Se pode observar como, inclusive antes das cruzadas, se realizou uma emancipação da mulher no Ocidente (sobretudo da mulher nobre, porque o papel das mulheres nas linhagens, naqueles parentescos fundados no “sangue”, é grande). Rodeadas de clérigos, vigiando a educação de seus filhos em sua primeira idade, favorecem a dulcificação dos costumes e consolidam sua influência sobre os homens da aristocracia militar. Estes, por outro lado, se afeminam, e crêem menos nos moralistas. Na corte anglo-normanda, principalmente, os homens usam cabelos alisados ou largos (e inclusive perucas), roupas de cauda, sapatos com a ponta levantada. Os que não caem em sodomia (muito em moda na poesia e na prática, portanto) se esforçam para agradar as mulheres não por sua virilidade mas por sua “cortesia”. Este culto da mulher se estende à Virgem, cujo culto goza no século XII de um favor até então desconhecido. Nossa Senhora é “a senhora” por excelência.”<sup>94</sup>.*

Cerca de 40 anos após a morte de Guilherme IX da Aquitânia, Chrétien de Troyes iniciaria sua produção original. Tudo isso a despeito da reação clerical contra a disseminação do amor cortês, visto como pecaminoso<sup>95</sup>. Chrétien se inseria no movimento de transformação

<sup>94</sup> “[...] para el historiador el más apasionante problema de todos los que plantea esta literatura es sin duda la naturaleza del amor cortés y la importancia de la mujer. Se puede observar cómo, incluso antes de las cruzadas, se realizó una emancipación de la mujer en Occidente (sobre todo de la mujer noble, porque el papel de las mujeres en los linajes, en aquellos parentescos fundados en la “sangre”, es grande). Rodeadas de clérigos, vigilando la educación de los hijos en su primera edad, favorecen una dulcificación de las costumbres y consolidan su influencia sobre los hombres de la aristocracia militar. Estos, por otra parte, se afeminan, y creen menos en los moralistas. En la corte anglonormanda, principalmente, los hombres llevan los cabellos lizados o largos (e incluso pelucas), vestiduras con cola, zapatos con la punta alzada. Los que no caen en la sodomía (muy de moda en la poesía y en la práctica, entonces) se ingenian a agradar a las mujeres no por su virilidad sino por su “cortesía”. Este culto de la mujer se hace extensivo a la Virgen, cuyo culto goza en el siglo XII de un favor hasta entonces desconocido. Nuestra Señora es “la señora” por excelencia.” - LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 168.

<sup>95</sup> Isto porque os laicos entendiam que casamento e amor não andam bem juntos. O amor cortês é necessariamente encontrado fora do casamento, entre um *juvenis* e uma senhora (por isso os senhores estabelecidos estão fora desse jogo amoroso). No *Policraticus* de João de Salisburry, o casamento é apenas um mal menor - evidência do espírito antimatrimonial do autor e da literatura profana no século XII. Já em *Historia Calamitatum* [História das minhas Calamidades], há um tom contrário ao casamento, e a favor do amor livre. Porém o motivo é por conta da aversão à materialidade e interesses materiais e financeiros relacionados com a instituição matrimonial na época; exalta-se o amor livre disso. Este tipo de mentalidade influenciou muitos homens no século XII, por exemplo o conde Balduino de Hainaut, cunhado de Filipe de Flandres (patrono de Chrétien de Troyes), que ainda que casado, fornicava, tinha amores – e os amores só podiam estar fora do casamento na concepção desses homens. Certamente isto não agradava aos membros do clero, que consideravam isto como um pecado da carne. - Cf. DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: 2011, Companhia das Letras, pp. 28-45.

e criação do estilo literário, passando da canção de gesta para o romance cortês. Le Goff diz ainda que:

*“Naquele século a “cortesia” não se limitava à lírica. Invade também à poesia épica e transforma a rude atmosfera das canções de gesta. Cria assim um gênero novo, o roman courtois [romance cortês]. E aqui o mundo do norte se põe à frente porque as principais obras são escritas na corte da Inglaterra e de Champagne. Em meados do século XII aparecem dois heróis que substituem Carlos Magno e seus vassallos: Alexandre e Artur.”*<sup>96</sup>.

Chrétien de Troyes iniciou sua produção de romances de cavalaria arturianos depois de ter feito algumas traduções de Ovídio do latim para língua vernácula<sup>97</sup>, como ele mesmo indica no início de *Cliges ou A que se Fingiu de Morta*<sup>98</sup>. Chrétien escreveu um romance de Tristão e Isolda (*O Rei Marc e Isolda a Loura*) no início de sua carreira como escritor de contos cavaleirescos, mas esta obra, assim como a maioria de suas traduções de Ovídio à exceção de uma (*A Metamorfose do Cardeal, da Andorinha e do Rouxinol*, conhecida como Filomena em referência à metamorfose de Tereus, Filomena e Procne, do Livro VI das *Metamorfoses*) foi perdida, talvez no incêndio da cidade de Troyes de 1188, que destruiu a abadia de Notre-Dame-aux-Nonnais, a colegiada de Saint-Étienne, o palácio dos condes da Champagne, e a antiga catedral de Troyes (que depois foi reconstruída entre o século XIII e o XVIII). As obras que chegaram até nós são; o romance cortês arturiano *Eric e Enide* (*Érec et Enide*), de cerca de 1165; *Cliges ou A que Fingiu de Morta* (*Cligès ou la Fausse Morte*), de

---

<sup>96</sup> “En aquel siglo la “cortesía” no se limitaba a la lírica. Invade también a la poesía épica y transforma la ruda atmósfera de las canciones de gesta. Crea así un género nuevo, el roman courtois. Y aquí el mundo del norte se pone al frente porque las principales obras son escritas en la corte de Inglaterra y en la corte de Champaña. A mediados del siglo XII aparecen dos héroes que pasan a sustituir a Carlomagno y a sus vasallos: Alejandro y Arturo.” - LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 169.

<sup>97</sup> Em meio à renovação espiritual e intelectual no seio da igreja católica que se deu no século XII, em 1141 Pedro o Venerável (1092-1156), abade de Cluny, foi até a Península Ibérica e impulsionou as traduções do árabe e do latim para as línguas vernáculas, prezando pela exatidão das traduções. De fato, entre 1120 e 1160 encontra-se o período em que mais se realizaram traduções na região em que hoje é a Espanha. Entre as traduções estavam as obras de Ovídio, que era tido como um grande modelo no século XII, ao ponto em que Jacques Le Goff afirma ser possível chamar o século XII de ‘aetas ovidiana’ (era de Ovídio). Ovídio era tão famoso entre os letrados da época, que Baudri de Borgueil (1046-1130) o imitava. Uma hipótese que podemos lançar é que Chrétien de Troyes e outros letrados (especialmente monges) das regiões ao norte da França tiveram acesso a Ovídio por meio de Pedro o Venerável, que pode ter dissimulado os estudos ovidianos ao norte dos Pirineus. – Cf. LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, pp. 147-152.

<sup>98</sup> O prólogo de *Cliges* começa assim: “Este que fez *Eric e Enide*, os *Mandamentos de Ovídio* e *A arte de amar em romance-mito*, que escreveu *A mordida no ombro*, *O rei Marc e Isolda a Loura*, *A metamorfose do cardeal*, *da andorinha e do rouxinol*, começa aqui um novo romance [...]” – TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 77.

1171; *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete* (*Lancelot ou le Chevalier de la Charrette*)<sup>99</sup> escrito entre 1176 e 1181 em paralelo com *Yvain ou O Cavaleiro do Leão* (*Yvain ou le Chevalier au Lion*); e por fim, *Perceval ou O Conto do Graal* (*Perceval ou le Conte du Graal*), escrito até 1185, quando Chrétien morreu, deixando-o inacabado.

Com Chrétien de Troyes o romance cortês encontra seu apogeu e é reabilitado do ponto de vista religioso. O amor conjugal também é reabilitado, com exceção de Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete que aborda o caso de amor entre Guinevere, mulher do rei Artur, e Lancelot. Chrétien ainda “reconcilia “clerezia” e “cavalaria” introduz as classes urbanas (os trabalhadores da Champagne em Yvain e os rebeldes populares de Perceval) e, com o Graal, abre caminho para uma religiosidade cujo sentido segue mal iluminado”<sup>100</sup>. Chrétien se vale dos temas mundanos, do romance de cavalaria, da Matéria da Bretanha (forma como são conhecidos os contos sobre o rei Artur e seus cavaleiros), para promover os ideais de uma boa cavalaria e para restaurar e mesmo reforçar vínculos do universo dos senhores com o universo da Igreja. Esta tendência de Chrétien de Troyes fica bastante evidente n’*O Conto do Graal*, um conto que funciona quase como uma resposta às sucessivas derrotas que os cristãos latinos vinham sofrendo na Palestina e na região onde hoje é o sul da Turquia durante a segunda metade do século XII. Existe ainda um aspecto mais relacionado à honra cavaleiresca e à fé católica nesta resposta literária de Chrétien, que trataremos mais à frente.

No que se refere à vida de Chrétien sabemos muito pouco. Provavelmente nasceu em Troyes, na Champagne e foi um clérigo. Já se argumentou que ele foi chamado de ‘Chrétien’ (Crestien, Chrestien ou ainda Cristiannus; todos os nomes significando ‘cristão’) de Troyes em oposição à Rashî de Troyes (1040-1105), um influente pensador judeu da cidade de Troyes, mas esta ideia parece improvável, já que Rashî morreu trinta anos antes de Chrétien nascer. Aquilo que Chrétien fez entre seu nascimento e 1160 é totalmente desconhecido. A partir então desta data sabe-se que ele realizou as traduções de Ovídio às quais já nos referimos e também escreveu na década de 1160 seu romance de Tristão e Isolda, uma vez

<sup>99</sup> O romance de Lancelot não foi escrito por completo por Chrétien de Troyes, outro escritor, talvez um amigo de Chrétien, chamado Godefroi de Lagny completou a obra com seu consentimento. Ao final do texto, lê-se que: “Godefroi de Lagny, o clérigo, terminou O Cavaleiro da Carreta. Ninguém pense em censurá-lo por ter ido mais longe do que Chrétien em busca do seu rastro. Fê-lo de acordo com aquele que o precedeu. Sua tarefa começou no momento em que Lancelote foi preso na torre; e não parou antes do desenlace. Foi essa a sua contribuição: não deseja anda acrescentar e nada omitir. Do contrário recearia prejudicar o conto.” – TROYES, Chrétien de. *Lancelote: O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 139.

<sup>100</sup> “reconcilia “clerezia” y “caballería”, introduce las clases urbanas (los obreros de Champaña em Ivain y los rebeldes populares em Perceval) y, con el Graal, abre el camino para una religiosidad cuyo sentido sigue mal aclarado.” - LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 171.

que ele indica no prólogo de *Cliges* que fora autor desta obra e destas traduções, além de ter escrito o romance de Erec e Enide. A partir da escrita de *Lancelot ou O Cavaleiro da Charrete*, sabemos que Chrétien tinha como patronos Maria da França e Henrique o Liberal, portanto, *Yvain ou O Cavaleiro do Leão* também foi escrito quando o autor serviu na corte de Champagne. Então em Março de 1181 morreu Henrique o Liberal e Maria da França se retirou para um convento. Assim, Chrétien deixou Troyes e partiu para a corte de Flandres e serviu ao seu novo patrono, o conde Filipe I de Flandres, provavelmente em seu novo castelo, na cidade de Gante, onde trabalhou na escrita de *Perceval ou O Conto do Graal*, porém não pôde finalizar a obra, pois morreu em meados da década de 1180. Às vezes se atribui à Chrétien de Troyes a autoria de Guilherme da Inglaterra (Guillaume d'Angleterre)<sup>101</sup>, mas isso não pode ser confirmado.

É possível que Filipe de Flandres tenha lido um livro que continha uma história do graal para que ele criasse seu conto, ao menos essa é uma interpretação que pode ser feita a partir do prólogo de *O Conto do Graal*. Entretanto também é possível que Chrétien de Troyes tenha tido contato com a Matéria da Bretanha antes mesmo de servir a Maria da França, talvez por ter ouvido os cantares dos bardos, harpistas bretões que “*percorriam as províncias anglo-normandas e francesas, narrando suas histórias sobre o rei Artur, Tristão, Merlin, etc.*”<sup>102</sup>, ou ainda através de alguma tradução para o francês (realizada por Robert Wace que vivera cerca de oitenta anos antes de Chrétien no norte da França) da obra *Historia Regum Britanniae* (latim para *História dos Reis da Bretanha*), de Geoffrey de Monmouth, que pode ter sido vendida na Champagne a alguma abadia de modo que Chrétien tivesse acesso, mas isto são apenas hipóteses que lançamos.

Após a morte de Chrétien de Troyes é pouco provável que o conde Filipe de Flandres tenha requerido que alguém continuasse *Perceval* ou *O Conto do Graal*. Talvez ele não tenha nem ao menos tido tempo para tal; em 1190 Filipe de Flandres foi para sua segunda cruzada, junto do rei da França, Filipe II<sup>103</sup>, deixando o condado de Flandres a encargos de sua esposa, Teresa (Matilda) de Portugal. Numa situação em que se fazia necessária e retomada de terras pelos cristãos latinos uma vez que as tropas de Saladino vinham conquistando extensas áreas

<sup>101</sup> HARVEY, Vera de Azambuja. O Cavaleiro da Carreta e seu Universo. In: TROYES, Chrétien de. *Lancelote: O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 12.

<sup>102</sup> Idem, pp. 11-12.

<sup>103</sup> Sobre Filipe II e a Terceira Cruzada ver: FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 112; pp. 118-119. – Na página 112 Fernandes afirma que Filipe II levou consigo 650 cavaleiros e 1300 escudeiros. Filipe de Flandres era um desses cavaleiros.

no Levante e ameaçavam a permanência de dos latinos, sobretudo por conta da Batalha de Hattin de Julho de 1187 quando Saladino reconquistara Jerusalém<sup>104</sup>. Após aportar em São João d'Acre em Abril de 1191 junto de Filipe II para impor cerco aos islâmicos, o conde Filipe de Flandres caiu doente, acossado pela peste que afligia os acampamentos dos cristãos, e morreu em Junho. Teresa de Portugal fez seu corpo retornar ao ocidente para ser sepultado em Claraval<sup>105</sup>.

Como Filipe e Teresa não haviam tido filhos, o condado de Flandres passou para a irmã de Filipe, Margarida I de Flandres e para seu marido Balduíno V, que governou Flandres sob o título de Balduíno VII de Flandres. Visto que era já outra família que governava Flandres somado ao fato de que Balduíno V havia sido combatido por Filipe menos de dez anos antes, é ainda mais improvável que estes tenham conferido patronato a algum escritor para que terminasse o romance interrompido de Chrétien de Troyes, *Perceval ou O Conto do Graal*.

A obra, de qualquer modo ganharia bastante fama no final do século XII e início do século XIII, dando origem ao Ciclo do Graal (ou Ciclo da Busca pelo Graal). O conto de Chrétien de Troyes então ganhou algumas continuações, pelas plumas de escritores que desejavam imitar Chrétien e/ou dar fim ao romance que inaugurou o Ciclo do Graal. A primeira continuação foi escrita por Wauchier de Denain vinte anos depois da morte de Chrétien<sup>106</sup>. A segunda continuação também foi escrita por Wauchier logo depois da primeira. O Conto do Graal recebeu ainda uma continuação por Gerbert de Montreuil, também no início do século XIII. Outra continuação foi a Continuação de Manessier (chamada de *Terceira Continuação*, porque está localizada nos manuscritos que não incluem a continuação de Gerbert de Montreuil<sup>107</sup>). Foi redigido ainda um poema anônimo chamado *A Elucidação*

<sup>104</sup> Sobre a Batalha de Hattin ver: RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas, vol. II: O Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, pp. 391-396; 417-421.

<sup>105</sup> Sobre Filipe de Flandres, em sua participação na Terceira Cruzada: "He returned to Palestine in 1189, and died of plague during the course of the siege of Acre. He designated his brother-in-law Baudouin V Comte de Hainaut as his successor but Philippe II King of France claimed that Flanders had escheated to the French crown in default of male heirs. His final illness and death are recorded by William of Tyre (Continuator). The *Annales Blandinienses* record the death in 1191 of "Philippus Flandrie et Viromandie comes magnificus". The *Flandria Generosa* records his death "Kal Iulii 1191" at Acre, his burial in the "basilica sancti Nicholai" in Acre, and the repatriation of his body, arranged by his widow, to "Claramvallem". - <http://fmg.ac/Projects/MedLands/FLANDERS,%20HAINAUT.htm#PhilippeIdied1191> (acessado em 1 de Abril de 2014).

<sup>106</sup> A respeito da primeira continuação ver a introdução de Henri de Briel em: DENAIN, Wauchier de. *La Première Continuation du Roman de Perceval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1972, pp. 7-9.

<sup>107</sup> Trata-se dos textos incluídos nos manuscritos de Mons, textos aos quais tivemos acesso parcial, por meio de uma tradução para o português que não abrange as histórias integralmente, pois apresentou a tradução apenas de alguns episódios das continuações do manuscrito de Mons e de Gerbert de Montreuil para criar uma sequência e um fim para *O Conto do Graal*.



(*L'Élucidation*), que serviu como prólogo ao *Perceval* de Chrétien<sup>108</sup>. Existe também um outro prólogo de outro anônimo do século XIII chamado de *Prólogo de Bliocadran*, ou simplesmente *Bliocadran*, porque este é o nome que o prólogo atribui ao pai de Perceval (que não recebe nome no escrito de Chrétien de Troyes)<sup>109</sup>.

Além das continuações, *O Conto do Graal* inspirou outros livros que compõem o Ciclo do Graal, tais como a *Busca Pelo Santo Graal* (*Queste du Saint Graal*), de Walter Map (1140-c.1209), surgido na primeira década do século XIII<sup>110</sup> e que faz parte do Ciclo Lancelot-Graal (ou Lancelot em prosa); *Didot-Perceval* e os poemas de *José de Arimateia*, de Robert de Boron; *Perlesvaus*, de autor anônimo da década de 1200, conto que deveria ter sido uma continuação de *Perceval* ou *O Conto do Graal*, mas que por sua originalidade, acabou sendo um conto a parte; *Peredur Filho de Evrwac* (*Peredur fab Efraug* ou *Peredur ab Efrwag*), que faz parte dos três romances galeses do *Mabinogion*<sup>111</sup> (uma compilação de onze prosas galesas escritas por volta de 1190); *A Coroa* (*Diu Crône*), da década de 1220, escrito por Heinrich von dem Türlin; e o famoso *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach (1170-1220), escrito no primeiro quartel do século XIII; entre outros contos e poemas que de alguma forma foram influenciados pelo *Conto do Graal*<sup>112</sup>.

Certamente a influência de Chrétien de Troyes foi enorme. Ele é um exemplo de até onde o pensamento da alta sociedade francesa da segunda metade do século XII pôde chegar, e por isso mesmo ele foi um autor de alto nível, tanto por seu emprego de octossílabos em todos os seus romances de cavalaria – inclusive em *Perceval* – e por ter atingido um novo grau de realismo e fluidez narrativa em suas obras quando comparadas com as produções anteriores (especialmente com as canções de gesta, muito mais rígidas), quanto por ter sido um marco divisor de águas na literatura ocidental. É certo, não devemos acreditar que ele esteve à frente de seu tempo, pois incorreríamos em erro, pois como afirma Marcella Lopes Guimarães;

<sup>108</sup> Sobre as continuações ver: TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 155; 255-259.

<sup>109</sup> O *Briocadran* está disponível gratuitamente online em sua totalidade, numa tradução para o inglês moderno, feita por Samuel N. Rosenberg para o site The Camelot Project (um projeto vinculado à Robbins Library Digital Projects, da Universidade de Rochester, em Nova York): <http://d.lib.rochester.edu/camelot/text/bliocadran> (acessado em 1 de Abril de 2014).

<sup>110</sup> Seção ‘Queste del Saint Graal’ em: <http://www.lancelot-project.pitt.edu/LG-web/TheStory-Summary.htm> (acessado em 1 de Abril de 2014).

<sup>111</sup> Cf. Anônimos Galeses. *The Mabinogion*. Mineola: Green Edition/Dover Publications, 1997, pp. 124-156.

<sup>112</sup> Sobre as obras influenciadas pelo conto de Chrétien ver: TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 258-262.

*“[...] ninguém conseguiu a mágica de estar à frente de seu tempo, embora às vezes se diga isso... Só o contexto permite sua excepcionalidade, porque esta se constrói em relação a paradigmas, com os quais evidentemente o indivíduo dialoga ou contra os quais se opõe.”<sup>113</sup>.*

Tendo apresentado o contexto em que Chrétien de Troyes escreveu, cabe agora, para darmos continuidade ao trabalho, passarmos à análise do romance no que diz respeito às representações da cavalaria presentes no mesmo.

### CAPÍTULO III – Análise d’*O Conto do Graal*

#### Prólogo

Antes de o leitor começar a percorrer as páginas que se seguem, é importante dizer que nesta parte do trabalho, iremos utilizar a seguinte forma de apresentação: Apresentarei trechos importantes da obra de Chrétien de Troyes e em seguida discorreremos acerca do trecho apresentado nos valendo da bibliografia à qual lançamos mão, e assim sucessivamente até o fim da parte d’*O Conto do Graal* escrita por Chrétien de Troyes. Passemos então ao Prólogo do romance.

*“Quem pouco semeia colhe pouco”*<sup>114</sup>. Assim Chrétien de Troyes inicia o prólogo de seu conto. Diz ele que por meio do romance que inicia, ele estaria semeando o conto em bom lugar e que isso traria proveito. Já que ele

*“trabalha para o mais nobre que já existiu no império de Roma: o conde Filipe de Flandres, que vale mais do que Alexandre, de quem cantam louvores por toda parte. Mas Alexandre nem sequer se compara ao conde, que está livre de todas as fraquezas e de todos os vícios que existiam reunidos naquele rei.”*<sup>115</sup>.

<sup>113</sup> GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: O Trabalho com Fontes*. Curitiba: Aymará Educação, 2012, p. 113.

<sup>114</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 25. – Na tradução para o francês moderno, realizada por Michèle Gally, se lê: *“Qui sème peu, récolte peu.”*. – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 26. – A partir daqui, acrescentarei nas notas de rodapé citações de *Perceval ou le Conte du Graal* em francês moderno, e todas são traduções realizadas por Michèle Gally.

<sup>115</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 25. – *“Il le fait pour l’homme le plus valeureux qui soit dans l’empire de Rome. Il s’agit du comte Philippe de Flandres qui dépasse en valeur Alexandre dont on dit qu’il fut si bon. Mais je prouverai que le comte vaut bien mieux que*

O elogio de Chrétien fica claro aqui e, como a proposta do presente trabalho é analisar a cavalaria do conto, se faz necessário analisarmos também a estas passagens iniciais, repletas de intenções por parte do patrono do autor.

Como já comentado anteriormente, Filipe de Flandres se encontrava em guerra com o conde do Hainaut por conta de seus conflitos com o rei da França, Filipe II, à época imediatamente anterior à qual ele mandou escrever *Perceval* ou *O Conto do Graal*. Pode-se dizer que Filipe de Flandres perdeu a guerra, pois firmou um acordo de paz com o rei francês – isso explica a tentativa implícita no discurso do prólogo em comparar o conde com o rei da Macedônia Alexandre o Grande (356 AEC-323 AEC<sup>116</sup>, rei de 336 AEC até sua morte) e colocá-lo acima deste excepcional ícone histórico no que tange às façanhas militares. Além disso, não podemos esquecer que quando Filipe de Flandres arranhou o casamento de Isabela de Hainaut com o rei Filipe II (em 1180), este recebera de sua esposa um dote consideravelmente desproporcional à sua condição política e social: apenas o condado do Artois – o que presumivelmente afetou a imagem de Filipe de Flandres. Igualmente outra coisa que não se pode deixar passar batida é a frustrada tentativa do conde de Flandres de casar os filhos de seu vassalo Roberto de Béthume com as filhas do rei de Jerusalém, Balduíno IV, seu primo, e as consequentes más línguas que o maldisseram no Reino de Jerusalém por conta disto. A imagem pública de Filipe certamente não era a pior da época, mas também certamente poderia ter sido melhor se não fossem por esses equívocos no jogo político cometidos por ele.

Levando isto em consideração, leiamos as palavras seguintes de Chrétien:

---

*celui-ci, car Il avait rassemblé en lui tous les vices et les travers dont le comte est pur et exempt.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 26.

<sup>116</sup> AEC, ou seja, antes da era comum. Opto por este modo de grafar o tempo anterior ao nascimento de Jesus (1-33) para que a datação fique mais objetiva e científica. Embora não altere a divisão temporal estabelecida pelo cristianismo (antes de Cristo e depois de Cristo), a datação utilizando ‘AEC’ evita a tendência religiosa e pode ser aplicada para qualquer sociedade, uma vez que no mundo atual tanto as sociedades majoritariamente cristãs quanto as sociedades não-cristãs (como a indiana, a islâmica, a chinesa e de demais povos do Oriente) compartilham de uma mesma era comum, por motivos diversos; dominação cultural do Ocidente, facilidades econômicas e políticas em adotar um mesmo calendário globalmente, convenções historiográficas, convenções de imprensa(s) e artística(s), etc.

*“Tal é o conde, qual nunca dá ouvidos a vil zombaria ou tolice, sentindo pesar quando ouve falarem mal de alguém, não importa quem seja.*

*O conde ama justiça reta e lealdade e santa Igreja. Detesta toda vilania. É mais dadivoso do que pensam. Dá segundo Evangelho, sem hipocrisia nem artifício, dizendo: “Não saiba a tua mão esquerda o bem que fará a mão direita! Saiba-o apenas quem receber, e Deus, que vê todos os segredos e conhece tão bem todos os mistérios que estão no coração e nas entranhas.” [...]*

*Portanto, sabeí em verdade que as dádivas do conde Filipe são de caridade. Porém, jamais fala disso a alguém, exceto a seu coração generoso que o incita a fazer o bem. Não vale então mais que Alexandre, que nunca se ocupou de caridade nem de qualquer outro bem? Naturalmente não podeis ter dúvida.*  
 „117

Nestas palavras, é localizável uma tentativa subentendida de dizer aos nobres da região setentrional do Reino da França (ente eles Balduíno V de Hainaut, seu cunhado, e o rei Filipe II) que o conde Filipe de Flandres era um homem que dá com largueza, conforme convinha à cavalaria nas concepções da Idade Média central (séculos XI, XII e XIII)<sup>118</sup> e conforme sugere a Bíblia<sup>119</sup>. Também observamos a necessidade de indicar que Filipe de Flandres não se importava com a zombaria. Ora, por que isto consta no texto? Trata-se de um ressentimento com relação ao caso de seu fracasso em casar as filhas de seu primo Balduíno IV com os filhos de seu vassalo, logo após ter recusado o cargo de comandante do exército do Reino de Jerusalém ofertado pelo seu próprio primo, gerando os comentários de reprovação.

Cotejando esta pequena análise do passado relativamente recente de Filipe de Flandres e somando ao fato de ele ter sofrido derrotas em Harim (Harenc), durante o cerco à cidade tomada pelos muçulmanos num momento em que a aliança dos cristãos latinos e dos

---

<sup>117</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 25-26. – “*Le comte est homme à n’écouter ni plaisanterie de mauvais goût ni propôs stupide et s’il entend dire du mal d’autrui, quel qu’il soit, il s’en attriste. Le comte aime la vraie justice, la loyauté et la sainte Église, il hait toute bassesse. Il est plus généreux qu’on ne croit car il donne, suivant l’Évangile, sans hypocrisie et sans arrière-pensée, selon le précepte qui dit: que ta main gauche ignore le bien que fera la droite. Qui le sache celui que le reçoit et Dieu qui voit tous les secrets et qui connaît les intentions cachées au fond du cœur et des entrailles. [...]. Sachez donc en toute vérité que les dons distribués par le bon comte Philippe sont donc de charité et que personne d’autre que son cœur ferme et généreux ne l’y engage et ne le pousse à faire le bien. N’est-il donc pas meilleur qu’Alexandre qui ne se soucia ni de charité ni de bonne action? Oui, absolument, sans aucun doute.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 26-27.

<sup>118</sup> Irei abordar a questão da largueza da cavalaria mais à frente.

<sup>119</sup> A referência cuja Chrétien de Troyes lançou mão é Mateus 6:3-4: “*Mas quando deres esmolas, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita, para que a tua esmola seja dada em segredo. Então, teu Pai, que vê em secreto te recompensará.*” Chrétien de Troyes atribui isto a Paulo, mas pode ter se enganado.

bizantinos fracassava no Egito, é bastante razoável pensar que o conde precisava ser retratado como bom guerreiro, como acontece no prólogo d'*O Conto do Graal*, e como um bom cristão (afinal de contas, ele não fora até Jerusalém lutar pela fé cristã?), o que também está indicado na passagem em questão.

Com efeito, o próprio conto, com sua narrativa inovadora para a época, que mescla tão bem aspectos guerreiros, cavaleirescos, ao gosto dos homens do norte da França, com aspectos religiosos cristãos, parece ser por si só uma forma que o conde de Flandres encontrara para procurar restituir ou reabilitar sua imagem após ter sido um tanto denegrida por acontecimentos adversos e tumultuosos. Inclusive, o livro de Chrétien de Troyes remete de certo modo à própria natureza do conde (e que poderia ser encontrada em tantos outros cavaleiros de seu tempo). Uma natureza dual, localizada no limiar do religioso e santo – a luta por Cristo e pela fé católica na Palestina – e do secular profano, com os jogos de amor e divertimentos da cavalaria do mundo, desejosa de realizar grandes feitos e angariar honra para si. Esta honra era o que Filipe de Flandres buscava, por isso fez da casa de Flandres um centro de acolhimento aos letrados, era realmente um centro exportador de cultura, de produção literária, a nível regional (e com o passar dos séculos, a nível continental, como veremos). Por conta da vontade de Filipe de Flandres trazer honra para si e para sua casa, nasceu um dos maiores marcos da literatura medieval; *Perceval ou O Conto do Graal*.

Diz Previté-Orton a respeito da literatura na época de Chrétien de Troyes que;

*“No norte da França ou país de língua d’oil, por outro lado, e a semelhança do que acontecia também em Inglaterra e na Alemanha, o tema favorito da literatura em vernáculo eram as histórias românticas de aventuras. Acontecimentos extraídos do folclore, da tradição antiga e recente, ou até mesmo factos contemporâneos eram narrados   saciedade, em variantes múltiplas, que se inspiravam umas nas outras, inventando também pormenores novos. Os incidentes e situações que serviam de tema a essas narrativas eram frequentemente extraídos da antiguidade histórica ou mítica, sendo porém alterados, misturados, desenvolvidos e renovados de tal forma que acabavam por parecer novos, e isso com tanto maior facilidade, quanto lhes não era aplicada uma perspectiva histórica, sendo portanto apresentados de acordo com as ideias e os costumes do público e do país a que se dirigiam.”*<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média*, vol. 4: *O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, p. 249.

Tal é o caso de todos os contos arturianos; inclusive d'*O Conto do Graal*, que apresenta personagens míticos e (semi)históricos do século VI<sup>121</sup>, como se fossem nobres do século XII, isto é, parecidos com aqueles que eram o público ouvinte [mais raramente, leitor<sup>122</sup> (pois usualmente a literatura na Idade Média era assistida/ouvida por um jogral que a recitava nas cortes<sup>123</sup>)]do conto.

Tendo abordado o prólogo do livro, adentremos a obra propriamente.

### Episódio 1 – Perceval descobre a cavalaria

O cenário inicial é de uma floresta primaveril (nomeada de Gasta Floresta) nas primeiras horas da manhã ao som do canto de pássaros, de forma a deixar a ambientação mais deslumbrante. Perceval (que por enquanto não tem seu nome revelado, e é apenas chamado de ‘filho da viúva’ caça com seus dardos, divertindo-se, quando encontra os cavaleiros. Em princípio por conta do barulho dos homens e de suas armas que “*esbarravam nos ramos de carvalho e das bétulas*”<sup>124</sup>, fazendo as lanças chocarem-se com escudos, “*soava o ferro de escudos e lorigas*”<sup>125</sup>. O herói pensa então, ao lembrar das palavras de sua mãe, que estes são

<sup>121</sup> O personagem principal do ciclo arturiano, o rei Artur, existiu. Talvez ele não tivesse este nome, talvez ‘artur’ fosse um título céltico insular para um líder de hoste, um líder guerreiro. Segundo um monge galês do século IX, Nênio (em latim, Nennius), em seu livro *Historia Brittonum* (latim para *História dos Bretões*), Artur foi um chefe de guerra excepcional, que ao lado do rei dos bretões, combateu os saxões quando estes invadiram a Grã-Bretanha no começo do século VI (parte de sucessivas ondas migratórias que ocorreram entre os séculos V e VII), matando 960 homens. Além disto, quase nada se sabe sobre do Artur histórico. Foi no século XII, com a *Historia Regum Britanniae* (latim para *História dos Reis da Bretanha*), de Geoffrey de Monmouth, que o rei Artur mitológico-literário surgiu. No final do século XII, portanto, Chrétien de Troyes seria responsável por ampliar a lenda, transformando Artur (e agora, seus cavaleiros) em personagens famosos através de sua produção literária. – Cf. LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 29-40.

<sup>122</sup> As palavras “ouvinte” e “leitor” aqui são empregadas no sentido lato: que por ‘ouvintes’ se entenda ‘aqueles que ouvem’, ainda que isto seja uma leitura; e que por ‘leitor’ entenda-se ‘aquele que lê um texto silenciosamente ou em voz alta, percorrendo com os olhos as palavras escritas’.

<sup>123</sup> Georges Duby sugere que apesar do movimento de educação dos cavaleiros em *literati* (latim para *literatos*, *letrados*) e das moças em *literatae* (mesma expressão latina, porém no feminino) e das práticas semiprofanas dos padres em trabalhar para casas senhoriais para disseminar e produzir cultura (erudita cristã e/ou profana), boa parte do que chegou à aristocracia, em língua vulgar, foi antes da leitura, pela audiência. Escutar um capelão, um trovador, um clérigo ou mesmo um aristocrata instruído falar, recitar, cantar, ler, proferir um sermão, era certamente um dos maiores meios de se adquirir cultura ainda no século XII, para a aristocracia leiga. – Cf. DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 281-288.

<sup>124</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 26. – “*Les armes de ceux qui venaient faisaient beaucoup de bruit, car souvent les branches de chênes et des charmes les heurtaient.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.30.

<sup>125</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 26. – “*Le bois résonnait, ainsi que le fer des écus et des hauberts.*” – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.30.

demônios por conta do barulho. Depois, ao vê-los, pensa que são anjos e que o líder deles é o próprio Deus. O líder dos cavaleiros lhe faz uma pergunta, sobre cavaleiros que conduziam três donzelas, que ele nunca responde, pois fica fazendo por sua vez outras perguntas a respeito das armas, escudo e das vestes do cavaleiro. Depois pergunta como ele conseguiu se tornar cavaleiro, e o guerreiro então responde que há poucos dias havia sido sagrado cavaleiro pelo rei Artur, de quem recebera o arnês que portava.

A narração apresenta, indiretamente, que a mãe de Perceval o mantinha longe do mundo da cavalaria – o que está muito claro, uma vez que ele nunca havia visto um cavaleiro antes e os confunde com demônios e depois com anjos –, criando seu filho em uma floresta em seu solar materno, porque ele poderia se interessar pela atividade militar e querer ser um cavaleiro ele mesmo, o que faz sentido, pois a narrativa apresenta um jovem que se diverte caçando. A caça é a chave referencial para indicar que se trata de um nobre<sup>126</sup> (e a cavalaria no final do século XII quase exclusivamente composta pela nobreza<sup>127</sup>), pois, como já destacou Émile Théodore Leon Gautier em seu livro *La Chevalerie*, a partir dos sete anos de idade, o menino nobre (que a priori se tornará cavaleiro) já começava a aprender a caçar. A caça era, neste período, era praticada com cães, homens que guiavam os cães (em francês chamados de *breniers*, um tipo de servo que executava a tarefa de cuidar dos cães do nobre

---

<sup>126</sup> Com as devidas ressalvas, Perceval parece também um tipo de Adão vivendo harmonicamente em seu Éden chamado de Gasta Floresta, onde vive também com sua mãe e senhora. É apenas com a chegada da cavalaria que a harmonia começa a se desfazer e o sentimento de curiosidade aflora em Perceval, assim como afloravam as flores da primavera neste “outro Éden” um pouco menos estático do que o bíblico. Afora esta comparação, é possível percebermos aqui o peso da narrativa do Gênesis na sociedade ocidental cristã. O narrador se preocupa em situar o protagonista em um lugar, em um ambiente, tal como na Bíblia. Este impacto psicológico se opõe, no geral, às tradições literárias clássicas, anteriores ao cristianismo, como se pode perceber quando se lê o início da *Odisséia*, de Homero (obra do século IX AEC), narrativa de onde beberam a rigor todos os grandes narradores: na obra homérica o Canto I não situa o leitor espacialmente, há uma profusão de localidades e uma breve citação de Tróia – isto bastava aos antigos. Com o advento do cristianismo surge uma verdadeira revolução mental e literária: a alta literatura pode se juntar com o baixo estilo, como acontece em toda a Bíblia, porém o impacto decisivo para além da nova religião adotada no ocidente é o fato de partir daquilo que é maior para aquilo que é menor, do universo, passando pelo mundo, pela natureza e finalmente chegando ao homem. Isto não só é observado na narrativa de Chrétien de Troyes; hoje mesmo, no despontar do século XXI, após os fortes (e possivelmente decisivos e irreversíveis) golpes que o progresso técnico, industrial, e científico deu nas religiões – em especial no cristianismo –, após o Iluminismo do século XVIII e do cientificismo do século XIX e do secularismo de fins do século XX dos quais nossa atual sociedade hiper moderna e globalizada é herdeira, ainda está em nossas entranhas o *modus operandi* psicológico legado pelo cristianismo. Desde livros baratos de banca de jornal até importantes ensaios acadêmicos é quase unânime a repetição da fórmula do Gênesis (e este trabalho é exemplo disto): primeiro é apresentado ao leitor o conjunto maior, a estrutura geral, em seguida a conjuntura, depois então a individualidade. Ainda que porventura sejamos irreligiosos ou pós-cristãos no que tange a nossa racionalidade, nossa maneira de perceber a realidade ainda carrega um quê de cristianismo por conta deste efeito. – A título de comparação ver: HOMERO. *Odisséia*. Porto Alegre: L&PM, 2010, pp. 12-37 e na narrativa bíblica, Gênesis 1-2.

<sup>127</sup> Ver gráfico sobre a relação de cavalaria e nobreza, na composição da primeira em: FLORI, Jean. *A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 120.

senhor feudal) ou com falcões<sup>128</sup>. Ao menos é isto que indicam iluminuras e textos literários<sup>129</sup> estudados por Leon Gautier. Se pensarmos a respeito da caça a partir deste ângulo, veremos como a caça de Perceval é anômala; ele não tem servos em sua companhia, ele não está acompanhado de um cão e nem de um falcão, mas ele caça sozinho se esgueirando pela floresta, furando a floresta, com a arma de caça em punho. Ora, esta primeira cena detém um grande significado para as pessoas da Idade Média, porque a caça era destinada apenas aos nobres, sendo assim a origem nobre de Perceval se anuncia logo no início, mesmo que em meio a toda sua rusticidade primordial e ignorância no que diz respeito à cavalaria.

Além destes elementos da narrativa, há ainda uma dose de ironia, pois os cavaleiros por vez são tidos como demônios, e por vez como anjos, o que denota as ambiguidades do século XII no que concerne à cavalaria: as glórias vãs, os divertimentos mundanos, os guerreiros “do século”, que violentavam, matavam, e pilhavam; contra a ideia dos cavaleiros bondosos, defensores da justiça, das mulheres e de deus e sua Igreja, sempre alinhados com os ditames da igreja católica e que combatiam os infiéis e os heréticos. De fato, a violência praticada pelos membros da cavalaria era bastante conhecida e criticada por clérigos<sup>130</sup> (como Chrétien de Troyes parece fazer aqui, embora sutilmente). Talvez Chrétien tenha jogado com essas noções desde o início para lembrar ao seu público, em grande parte formado por cavaleiros, principalmente por cavaleiros jovens, de moços (em latim chamados de *juvenis*), como indica Geroges Duby em *A Sociedade Cavaleiresca*<sup>131</sup>, para que estes, mesmo quando se divertindo ao ouvir contos, pensassem a respeito de que tipo de cavaleiros gostariam de ser: um cavaleiro ruim, assustador como um demônio; ou um cavaleiro exemplar, tal como um anjo.

Em seguida, durante a conversa de Perceval com o líder dos cavaleiros (o que inclusive está de acordo com a cavalaria da época, pois como Duby explicou, era normal que houvesse um líder de cavaleiros quando estes se dedicavam a andanças, como é o caso no

<sup>128</sup> GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, pp. 95-99.

<sup>129</sup> A diversidade de referências à caçada é indicativo da importância que esta tinha para a alta sociedade da França, bem como de outros locais na Europa, durante o século XII.

<sup>130</sup> Tratarei mais adiante sobre a violência da cavalaria e as medidas tomadas pela Igreja para contê-la.

<sup>131</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 103. – “Convém observar, antes de mais nada, que a “mocidade” formava o público por excelência de toda a literatura que se denomina de cavalaria e que por certo foi composta principalmente para seu uso.”



conto<sup>132</sup>), as perguntas do jovem caçador eram todas destinadas ao cavaleiro para que ele lhe explicasse o que era cada um dos adereços que estava portando. Esta passagem serve, evidentemente, para descrever como um cavaleiro aparenta, que armas porta. São descritos a lança, que “*serve para aplicar um bom golpe*”<sup>133</sup>, o escudo que “*protege de golpe de lança e de flecha, tudo aparando*”<sup>134</sup> e a loriga (cota de malhas) que, diz o cavaleiro a Perceval, “se disparasses uma flecha ou então um de teus dardos, não me poderias fazer mal”. Então Perceval pergunta ao homem se ele havia nascido vestido como cavaleiro, ao que ele responde que não, e que havia sido Artur que cinco anos antes o havia sagrado cavaleiro e, portanto, só então passara a portar tais apetrechos.

Comparando a apresentação das armas de um cavaleiro e sua serventia com aquela apresentada por Raimundo Lúlio (em catalão, Ramon Llull) (1232-1315) n’*O Livro da Ordem de Cavalaria*, obra escrita entre 1274 e 1276, a realizada por Chrétien de Troyes é mais prática, mais simples, menos poética, dado que, além de apresentar mais instrumentos e vestimentas do que o conto do século XII (tais como a espada, capacete – chamado de “chapéu de ferro” por Lúlio –, calças de ferro, espora, gorjeira<sup>135</sup>, maça, perponte<sup>136</sup> e bandeira, além de apetrechos do cavalo<sup>137</sup>), na obra apologética à cavalaria (e de regramento da mesma), Lúlio afirma que:

<sup>132</sup> Idem, p. 99. – O autor aponta que no fim do século XII os jovens eram geralmente armados cavaleiros entre os 17 e 22 anos de idade. Comumente o pai desses jovens cavaleiros estava na faixa de 50 anos de idade e sentia que podia gerir sua casa por mais tempo, e assim, colocavam o filho para sair em vida errante de mocidade por um ou dois anos, até que voltassem à casa paterna. Nessas andanças o filho do senhor local liderava os outros *juvenis*. Quando voltavam, não raro os jovens se sentem lesados das aventuras, a atividade doméstica não os agradava mais e a estadia era cansativa de modo que partiam novamente. Às vezes também entravam em conflito com o pai, por conta de dinheiro de herança materna.

<sup>133</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 28. – “*On en frappe au contraire de tout près*”. – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.32.

<sup>134</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 28. – “[...] *il est si fiable que si quelqu’un dirige sa lance ou as flèche contre moi, il se met au-devant des coups, voilà le service qu’il me rend.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.33.

<sup>135</sup> Segundo nota de Ricardo da Costa, uma gorjeira era uma “*peça metálica de combate ajustada ao elmo, presa ao pescoço. Em inglês, neckguard.*” (grifo no original) - LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 81.

<sup>136</sup> Segundo nota de Ricardo da Costa, uma perponte era uma “*espécie de casaco curto alcochoado que se vestia sobre a camisa e que cobria os cavaleiros desde o pescoço até a cintura.*” - Idem, p. 85.

<sup>137</sup> Cf. Idem, pp. 76-87.

*“A lança é dada ao cavaleiro para significar a verdade, porque verdade é coisa direita e não se torce<sup>138</sup>; e a verdade vai diante da falsidade. E o ferro da lança significa a força que a verdade tem sobre a falsidade; e o pendão significa que a verdade se demonstra a todos, e não tem poder de falsidade nem de engano. E verdade é a base da esperança, e assim das outras coisas que são significadas de verdade pela lança do cavaleiro.”<sup>139</sup>*

Ainda sobre a cota de malha, diz Lúlio que;

*“Cota de malha significa castelo e muro contra vícios e faltas; porque assim como castelo e muro estão protegidos em volta para que homem não possa entrar, assim cota de malha é fechada e tampada por todas as partes para que dê significado à nobre coragem de cavaleiro a fim de que não possa entrar nele traição nem orgulho nem deslealdade, nem nenhum outro vício.”<sup>140</sup>*

E finalmente, sobre o escudo Raimundo Lúlio diz que;

*“Escudo é dado ao cavaleiro para significar ofício de cavaleiro, porque assim como o cavaleiro mete o escudo entre si e seu inimigo, assim cavaleiro é o meio que está entre rei e seu povo. E assim como o golpe fere antes no escudo que no corpo do cavaleiro, assim cavaleiro deve pôr seu corpo diante de seu senhor se algum homem desejar tomar ou ferir seu senhor.”<sup>141</sup>*

É possível imaginarmos que a maioria dos ouvintes/leitores d’*O Conto do Graal*, ao se depararem com a referência a esses três elementos que porta (ou ao menos deveria portar) todo cavaleiro tivessem em seus pensamentos algumas ideias pelo menos próximas das apresentadas por Lúlio, pois apesar da obra luliana ter sido escrita noventa anos depois da de

---

<sup>138</sup> Em nota da possível tradução, Ricardo Costa diz que poderia ser também a lança “é coisa que se serve da mão direita e não se torce”. - Idem, p. 77. No original em catalão se lê: “Lansa és donada a cavayler per significar veritat, cor veritat és cosa dreta, e veritat va devant falsat.” – Idem, p. 76.

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> Idem, p. 79.

<sup>141</sup> Idem, p. 83.

Chrétien de Troyes, as concepções gerais acerca da cavalaria ainda eram relativamente as mesmas<sup>142</sup>.

Voltando à história da narrativa arturiana, a certeza de que Perceval era nobre chega até o público – mais uma vez; a despeito de o próprio Perceval não ter consciência de sua nobreza –, pois o cavaleiro, insistente em ter notícias dos outros cavaleiros que procuravam e das três donzelas, pergunta sobre o paradeiro destes, ao que Perceval responde que além dos bosques que coroam uma montanha próxima viviam os gradadores de sua mãe, que trabalham as terras dela. Então, demandado a guiá-los até as terras onde trabalhavam os gradadores de sua mãe, Perceval monta um cavalo e sai a galope. Tanto o fato de pertencer a uma família que possui terras – e ele diz que as terras são de sua mãe – quanto o fato de saber montar a cavalo e galopar são fortes indicativos da nobreza deste personagem.

Após indicar o caminho e conseguir as informações, Perceval pergunta onde estaria o rei que fazia cavaleiros, recebendo a resposta de que ele estaria em Cardwell. Então o jovem cavalga até sua casa e conta a sua mãe do encontro que tivera. Sua mãe desfalece e quando volta a si, maldiz sua sorte e lhe conta a história da família. Ela mesma era filha de um dos melhores cavaleiros da região e o pai de Perceval fora um probo cavaleiro, mas que um dia foi ferido nas pernas em combate, o que o fez se estabelecer na residência da Gasta Floresta. Perceval teve também dois irmãos, que de acordo com a vontade do pai, foram treinados em armas; o mais velho na corte do rei de Escavalon e o outro na corte do rei Ban de Goneret. Os dois foram sagrados cavaleiros no mesmo dia e saíram para voltar à Gasta Floresta para rever a família, mas nunca chegaram, porque morreram em combate no caminho. Assim, em virtude da perda dos filhos, o pai de Perceval morreu de desgosto. Tudo isto aconteceu quando Perceval tinha dois anos de idade e em meio ao caos que sucedeu a morte de Uterpendragon, pai do rei Artur, que foi marcado pela morte de muitos gentis-homens<sup>143</sup>. Desde então a mãe

---

<sup>142</sup> O movimento iniciado no século XI de inserir a cavalaria numa lógica a serviço da fé (inclusive na lógica de cruzada) se mantém por séculos, sob a noção da *militia Christi* (latim para ‘*milícia de Cristo*’, ou seja, cavaleiros empreendidos em salvaguardar a Igreja e em expandir o cristianismo, chegando à conquista latina do Levante para livrar Jerusalém das mãos dos muçulmanos tidos como infiéis, o movimento das cruzadas, da qual o próprio Filipe de Flandres tomou parte duas vezes), em oposição à *militia* do século, aos guerreiros mundanos. Juntamente com outros tantos clérigos e cavaleiros que escreveram tratados e literatura Chrétien de Troyes contribuiu para a popularização da aliança, ou da mescla, de cavalaria e do campo religioso, do profano e do sagrado, sobretudo ao escrever *Perceval ou O Conto do Graal*. Décadas depois, Raimundo Lúlio seria influenciado por estas mesmas concepções e iniciou sua vasta produção. Portanto, apesar da diferença de quase um século entre uma obra e outra, é possível dizer que elas dialogam.

<sup>143</sup> Gentil-homem: a expressão designa um homem pertencente à nobreza. É geralmente empregada para fazer referências aos bons nobres, cortesões, honestos, educados.

mantinha o filho afastado do mundo da cavalaria, ao qual ele deveria pertencer caso seu pai ainda estivesse vivo.

Apesar do que lhe foi contado, o jovem não dá ouvidos ao que disse sua mãe e se prepara para partir, o que faz três dias depois.

A história indica o destino do rapaz: tornar-se cavaleiro. Isto fica explícito pelo fato de possuir ancestralidade cavaleiresca da parte de ambos seus progenitores, o que fazia toda a diferença na época em que Chrétien de Troyes escreveu o livro, como indica Jean Flori, porque a cavalaria se fechada aos não-nobres:

*“A situação muda a partir do século XII, em ligação com outra forte reação nobiliária suscitada pela ascensão econômica e social da burguesia e dirigida contra ela. Essa reação é expressa ao mesmo tempo nos textos históricos e na literatura. Ela leva a proibir, a partir daí, a investidura, que se torna altamente honorífica aos filhos de famílias plebéias. Em outros termos, a aristocracia fecha aos não-nobres o acesso à cavalaria, que ela reserva para seus filhos. Vários documentos legislativos traduzem em fatos essa nova atitude. A partir de 1154, na Sicília normanda, os Tribunais de Ariano exigem a todo homem que queira ser investido a prova de que ele conta comum cavaleiro entre seus ancestrais. Em 1186, o imperador Frederico Barba Ruiva infligiu uma multa a todo senhor que investisse filhos de clérigos ou camponeses. Entre 1200 e 1230, os costumes, registrados por escrito em diversas regiões, reservam o acesso à cavalaria apenas aos filhos de cavaleiros ou aos donos de terras consideradas nobres.”<sup>144</sup>*

Com relação ao caos vivido quando Perceval era um bebê, após a morte de Uterpendragon, era algo bastante comum na Idade Média (e mesmo durante a Idade Moderna) que monarquias passassem por crises de sucessão. Para exemplificarmos historicamente, nos atendo apenas ao período de vida de Chrétien de Troyes, vale citar o período conhecido como A Anarquia, uma guerra que se estendeu por dezenove anos; de 1139 a 1153, na Inglaterra e na Normandia. N'A Anarquia Estêvão de Blois (1092-1154) reclamou o trono inglês em 1135, pois o herdeiro por direito do trono, Guilherme Adelin (em inglês; William Adelan) (1103-1120) havia morrido em 1120 no naufrágio de um navio, e Matilde da Inglaterra (1102-1167) não conseguiu manter o trono após a morte de Henrique I da Inglaterra (1068-1135).

---

<sup>144</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 122.

Estêvão conseguiu ascender ao trono e por isso uma guerra civil se instaurou, com apoiadores de Matilde atacando Estêvão recorrentemente nos territórios mais a oeste da Grã-Bretanha, onde se firmaram por algum tempo. Com efeito, um exemplo de péssimo comportamento de um nobre foi o caso do conde Godofredo de Essex (? – 1144). Quando Henrique II resolveu em 1143 tomar-lhe os castelos, Godofredo revoltou-se e ficou um ano (até sua morte) entrincheirando-se nos Fenlands. Diz Previté-Orton que:

*“Durante o tempo que aí esteve refugiado, comportou-se como o pior dos salteadores, de acordo com a tradição dos barões rapaces dos tempos de anarquia; os actos de crueldade, as extorsões e as torturas que praticou inspiraram as referências feitas ao reinado de Estêvão na continuação de Peterborough da Crónica Algo-saxónica.”*<sup>145</sup>

Como nenhum dos lados conseguia vencer, a guerra se estendeu por muito tempo, até que em fins de 1153 firmou-se o Tratado de Wallingford, que estabelecia que Estêvão continuaria a ser rei até sua morte, mas que ele deveria reconhecer Henrique II Plantageneta (1133-1189), filho de Matilde, como sucessor. Uma vez que é possível que Chrétien de Troyes tenha tido contato com a corte Plantageneta, como sugere Dominique Barthélemy<sup>146</sup>, não   difícil imaginarmos as inquieta es que inspiraram o autor quando ele escrevia esta passagem, nem   improvável que realmente tenha sido isso que aconteceu, afinal a mãe de sua antiga patrona, Maria da Champagne, Leonor da Aquitânia, foi casada com Henrique II Plantageneta.

Antes de darmos procedência   história, convém ressaltar que o fato de os dois irmãos de Perceval terem sido sagrados cavaleiros no mesmo dia, ainda que pertencentes a casas senhoriais diferentes, não é totalmente estranho, porque a sagração de cavaleiros por muitas vezes acontecia em datas festivas do calendário litúrgico, como indica Raimundo Lúlio, porque;

---

<sup>145</sup> PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média*, vol. 4: *O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973, p. 182.

<sup>146</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga   França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 520.

*“Para armar cavaleiro, convém uma festa das honradas do ano, para que pela honra da festa se ajustem muitos homens naquele dia e naquele lugar onde o escudeiro deve ser feito cavaleiro: e que todos orem a Deus pelo escudeiro, que Deus lhe dê graça e bênção pela qual seja leal à Ordem de Cavalaria.”*<sup>147</sup>

## **Episódio 2 – As recomendações da mãe e a donzela da tenda**

Chega o momento da partida de Perceval. Sua mãe, depois de ter lhe dado uma roupa grossa de cânhamo, uma cota e um capote ornado de couro de cervo, se despede pedindo ao filho que:

*“Se encontrardes, perto ou longe, dama que tenha precisão de ajuda ou damizela em desgraça, sede pronto a socorrê-las assim que vos solicitarem. Quem às damas não presta honra é porque não tem honra no coração. Por toda parte sereis louvado. E, se requestardes alguma, evitai importuná-la. Nada façais que lhe desagrade. Se ela vos consentir um beijo, proíbo-vos o restante. Donzela dá muito quando concede um beijo. Se ela trouxer anel no dedo ou esmoleira na cintura, e por amor ou por rogo vos presentear, usareis então seu anel, assim quero. Em caminho ou em pousada, não tendais longamente companheiro de que não pergunteis o nome, pois pelo nome conhecemos o homem. Caro filho, falai com os homens probos, ide ter com eles. Homem probo nunca dá mau conselho. Na igreja como no mosteiro, orai a Nosso Senhor! Que neste mundo Ele vos conceda honra, consentindo em vos conservar para bom fim alcançar.”*<sup>148</sup>

<sup>147</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 67. – Ver ainda o comentário do autor sobre o jejum do escudeiro/cavaleiro em honra ao santo da festa.

<sup>148</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 32. – “Si vous trouvez de près ou de loin une dame qui ait besoin d’aide ou une jeune fille désamparée, que votre aide leur soit toute acquise si elles vous la demandent, car toute votre honneur en dépend. Qui n’honore pas les dames a tué son propre honneur. Soyez au services des dames et des jeunes filles, vous serez partout tenu en honneur. Et si vous en aimez une malgré elle, ne faites rien que lui déplaie. Celui qui embrasse une jeune fille obtient beaucoup. Si elle vous accorde un baiser, je vous defend de prendre davantage si vous voulez bien pour moi y renoncer. Mais si elle a un anneau à son doigt ou une aumônière à sa ceinture et que, par amour ou sur votre prière, elle vous le donne, il est bon que vous emportiez son anneau. Personnellement je vous autorise à prendre l’aumônière comme l’anneau. Mon cher fils, j’ajouterai autre chose: n’ayez jamais longtemps un compagnon de route ou de repos sans lui demander son nom et son surnom complet. Par son surnom on connaît l’homme. Mon cher fils, parlez aux hommes honnêtes et recherchez leur compagnie. Un homme honnête ne fourvoie pas ceux qui l’accompagnent. Par-dessus tout, je veux vous presser d’aller prier Notre Seigneur dans les églises et les monastères qu’il vous accorde l’honneur en ce monde et vous accorde de vous conduire pour faire une bon fin.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 41-42. É notável que a tradução para o francês moderno conta com mais detalhes.

Nesta parte o pedido e as recomendações da mãe de Perceval são um discurso moralizante, é uma instrução que ela lhe dá muito seriamente, ainda que em prantos por sua partida, e que ela espera que ele leve por toda a vida. Porém, além ou apesar do discurso “ser dela”, ele é de Chrétien de Troyes<sup>149</sup>, que estava interessado em passar adianta alguns temas (*topoi*). Os *topoi* principais no discurso da mãe são o serviço e o respeito à dama e a ligação com a religião, o louvor a Deus. As duas coisas eram, ao menos nominalmente, vistas como corretas, como necessárias pelo autor e pelo público – ou caso o discurso não fosse totalmente aceito pelo público, ele reforçava a necessidade de que os cavaleiros deveriam seguir aqueles preceitos. Não apenas o discurso é dirigido a Perceval, mas também aos ouvintes do romance para que fossem também homens probos. Efetivamente, estes preceitos estão de acordo com regras mais ou menos gerais para a cavalaria da Europa ocidental da época. É possível enxergarmos no discurso da mãe de Perceval uma referência ao Concílio de Charroux, que em 989, já pressupunha ser preciso defender os pobres (sobretudo os camponeses, chamados de *pauperii*) e as pessoas desarmadas, e também aos textos dos juramentos de paz, criados entre 1023 e 1025, que juntavam ao rol dos protegidos também as mulheres nobres, os peregrinos e os mercadores<sup>150</sup>. Podemos ainda observar também uma concordância no que tange à fé no que é apresentado por Lúlio n’*O Livro da Ordem de Cavalaria*<sup>151</sup>.

Prosseguindo, então, Perceval deixa sua casa e viaja em direção à corte de Artur. Ao segundo dia de viagem, ele encontra no caminho uma tenda e, em sua ignorância, pensa ser a

---

<sup>149</sup> De Chrétien e de muitos outros que concordam com o que é dito, de modo que o jogral que fosse recitar os versos do conto de Chrétien, o escritor e criador do texto (portanto o autor empírico do mesmo), seria como um enunciador da locutora – a mãe de Perceval –, partindo de uma análise baseada na Teoria da Polifonia de Oswald Ducrot (que por sua vez lançou mão da ideia de polifonia encontrada nos trabalhos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, criando uma extensão de Bakhtin no campo da Linguística). Sobre esta questão vale a pena ressaltar que na concepção de Ducrot, para que um enunciado-argumento ‘E’ possa ter uma efetiva relação lógica (dentro do que se espera de bom senso dos interlocutores), é preciso que haja um *topos* que funcione como lugar comum para todos, para o ouvinte e para o locutor<sup>149</sup>. Só tendo esse lugar comum, com suas premissas básicas, as diferentes partes se encaixam, criando a conectando o argumento à conclusão, formando um discurso<sup>149</sup>. O público de Chrétien certamente partilhava dos *topoi* por ele empregados. Os *juvenis* queriam ouvir de grandes feitos e aventuras com mulheres, já que, como vimos há pouco, a literatura de cavalaria era voltada para eles. Ao mesmo tempo, o interesse clerical era de conformar estes cavaleiros dentro das normas cristãs, e é aí que entra a tentativa de argumentação de Chrétien para o convencimento daqueles que lessem ou ouvissem seu conto. – Sobre a Teoria da Polifonia de Ducrot ver: AZEVEDO, Tânia Maris de. *Em Busca do Sentido do Discurso*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 86.

<sup>150</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 41.

<sup>151</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 89. - “*Cavaleiro sem fé não pode ser bem acostumado porque, pela fé vê o homem espiritualmente a Deus e suas obras, crendo nas coisas invisíveis. E pela fé o homem tem esperança, caridade, lealdade, e é servidor da verdade. E pela fraqueza de fé, o homem descrê em Deus e nas suas obras e nas coisas verdadeiras invisíveis, às quais o homem sem fé não pode entender nem saber.*”

casa de Deus, um mosteiro. O personagem adentra o pavilhão e encontra uma donzela dormindo, que acorda com o barulho do cavalo do jovem. Ela, que estava sozinha e assustada, pois seu amigo<sup>152</sup> havia se ausentado e logo voltaria, diz a Perceval para ir embora. Ele, entretanto lhe diz: “*–No entanto vos beijarei, juro! Tanto pior para quem se agastar.*”<sup>153</sup> Ela se nega, mas o jovem é mais forte e a agarra e a beija à força. Ele vê então seu anel de ouro com uma esmeralda e o toma a despeito da moça se recusar a dá-lo de bom grado. O jovem diz que o beijo que ela lhe deu foi bom, porque diferentemente das servas de sua mãe, na Gasta Floresta, ela não tinha a boca amarga. Então, Perceval quando está de saída, vê que na tenda havia vinho e tortas. Como ele estava faminto ele come e bebe avidamente. Após se satisfazer, Perceval parte e agradece à donzela.

Em seguida, o amigo da donzela retorna e pergunta o que havia acontecido. Quando ela lhe conta que o galês que por ali passara tinha a beijado, seu amigo se enche de cólera. Ele decide castigá-la porque pensa que ela havia concedido o beijo de bom grado, bem como ao jovem que ali comeu e bebeu, roubou seu anel e a beijou. Como castigo, ela jamais trocaria de roupa ou veria seu cavalo receber cuidados enquanto seu amigo não cortasse a cabeça do galês que cometeu tamanho insulto.

Esta sequência da narrativa apresenta os primeiros erros de Perceval. Em sua rusticidade de costumes. Além de não ser capaz de reconhecer o que é uma tenda e o que é um mosteiro (porque nunca viu um mosteiro antes), ele entende mal o que sua mãe lhe recomendara a respeito de como tratar uma dama. O beijo que rouba não é ofertado pela dama por vontade dela nem por rogo do jovem, é um beijo forçado. Eis aí o erro de Perceval, que gerará não só a desgraça da moça como também criará para si um inimigo na cavalaria, o que vai contra as tentativas da Igreja em diminuir as lutas (e inimizades) entre cristãos, havendo portanto, uma moral implícita: não fazer mal às damas, pois isto pode evitar problemas futuros com a cavalaria, com a nobreza. Entretanto há de se ressaltar que não acontece problema algum com quem faz mal a mulheres não pertencentes à nobreza, afinal Perceval deixa claro que ele beijava as servas de sua mãe, e, ao que se sabe, nada lhe acontecera. A

---

<sup>152</sup> Todas as vezes que a palavra ‘amigo’ for empregada para a relação de uma mulher e um homem, ela indica, nas novelas de cavalaria, um companheiro amoroso, ao melhor estilo do fin’amor ou amor cortês.

<sup>153</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 34. – “*–D’abord, je vous embrasserai, sur ma tête, fait le jeune homme, en dépit de quinconque, car ma mère me l’a appris.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 47.



proteção e o respeito deve ser voltado às mulheres da nobreza. Quanto às outras mulheres, a cavalaria não incorreria em pecado grave se nelas depositasse sua conhecida violência.

A tomada do anel seguida do beijo, ambos à força, é em si um ato de violência simbólica para aquela sociedade<sup>154</sup>. No século XII, o anel simbolizava um contrato, uma união, como aquela do vassalo a seu senhor. Como no amor cortês o homem que ama, tem como senhor sua amada, um anel como deveria ser, idealmente, entregue por esta ao amigo de forma benévola, firmando um contrato, uma ligação entre os dois, de caráter afetivo. Por sua vez o beijo era parte do ritual do contrato vassálico<sup>155</sup>. Certamente roubar um objeto com tamanha carga simbólica é a atitude mais descortês da jornada de Perceval no conto de Chrétien de Troyes. É possível, para o público, até mesmo imaginar que o anel selava a ligação entre a donzela e seu amigo, o que tornaria a cena ainda mais forte.

O outro erro de Perceval é a gluttonia, que segundo Raimundo Lúlio, é um vício para aquele que pretende fazer parte da cavalaria<sup>156</sup>.

### **Episódio 3 – A corte do rei Artur e o Cavaleiro Vermelho**

A jornada do jovem gaulês continua e este chega à corte do rei Artur. Antes de entrar na corte, vê passar um cavaleiro com armadura vermelha, carregando uma taça. Este Cavaleiro Vermelho não era bom vassalo de Artur; a taça que trazia na mão foi roubada do rei e ele tem a ousadia de dizer a Perceval para entregar mensagem ao rei dizendo sobre a taça. Perceval se nega e diz querer ter a armadura vermelha e que iria pedi-la a Artur. Vai a galope e entra montado em seu cavalo na corte, onde o rei está pensativo. Diz algumas palavras, mas o rei o ignora absorto em seus pensamentos e só percebe sua presença quando o cavalo de Perceval faz o esbarra. Artur explica que o Cavaleiro Vermelho era seu pior inimigo e que estava contestando seu reino, mas o gaulês não dá importância para isso. Artur pede então que

<sup>154</sup> Cf. DELORT, Robert. *Introduction aux Sciences Auxiliaires de l'Histoire*. Paris: Armand Colin, 1969, p. 35.

<sup>155</sup> Sobre o ritual do contrato vassálico, em especial sobre o beijo, em Flandres (mesmo local onde Chrétien escreveu sua obra aqui estudada), conferir o trecho traduzido da obra *Vita Karoli Comitum Flandriae*, de autoria de Galberto de Bruges, que descreve o ritual de ligação vassálica envolvendo o conde Carlos, o Bom (1083-1127) em: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 96.

<sup>156</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 95.

o jovem descesse do cavalo, porque logo seria cavaleiro. Mas Perceval está ansioso. Se recusa a descer travando o seguinte diálogo com o rei:

*“– Por que desejais que eu apeie? Aqueles que vi na charneca não puseram pé em terra. Por minha cabeça, não descerei! Fazei depressa e irei embora.”*

*– Ah – torna o rei –, meu amigo querido, de mui bom grado o farei.*

*– Pela fé que devo ao Criador, coloco outra condição para ser Cavaleiro Vermelho! Dai-me as armas daquele que encontrei diante da porta carregando vossa taça. ”<sup>157</sup>*

O senescal, chamado Kai (ou em francês Keu), o estimula a ir tirar as armas do Cavaleiro Vermelho, afirmando que elas lhe pertenciam. O rei então o repreende, dizendo que fazer tal zombaria não era atitude que convém a homem probo (portanto, aqui é possível vermos que o senescal não é probo, que não é uma boa companhia<sup>158</sup>). Perceval, que ia embora (acreditando nas palavras de Kai) vê uma donzela, saúda-a, e esta que lhe dirige um sorriso, que diz que ele seria o melhor cavaleiro se vivesse o bastante. Quanto o senescal Kai ouve o comentário da donzela, fica furioso e a esbofeteia no rosto com tanta força que ela cai no chão. Perceval nada diz e sai a cavalo da corte. Galopando, vai de encontro ao Cavaleiro Vermelho, e reclama para si a armadura. Os dois travam um diálogo acalorado e Perceval ameaça seu oponente.

<sup>157</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 38 – “*Ils n’avaient pas mis pied à terre ceux que j’ai vu tantôt dans la lande et vous voulez que je le fasse? Par ma tête, je ne descendrai pas de cheval, mais faites vite, je vais partir.*

*– Ah! fait le roi, mon cher ami, j’agirai bien volontiers selon votre intérêt et mon honneur.*

*– Mais, par la foi que je dois au Créateur, fait le jeune homme, bien cher roi, je ne serai Chevalier avant de mois, si je ne suis pas chevalier vermeil. Donnez-moi les armes de celui que j’ai rencontré dans l’extérieur de la porte et qui emporte votre coup d’or.”* - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 53-54.

<sup>158</sup> Sobre os senescais, Leon Gautier era possível que, em casos excepcionais, é claro, homens não nobres se tornassem cavaleiros no século XII (o que condiz com o gráfico de Jean Flori, já indicado aqui). Burgueses muito ricos, jograis e senescais poderiam se tornar cavaleiros em casos excepcionais. Assim podemos explicar como o senescal Kai, em *Perceval ou O Conto do Graal*, pôde ser retratado também como um cavaleiro, especialmente, quando luta com Perceval no campo nevado, como veremos mais adiante. - GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, p. 128.

*“Furioso, o cavaleiro agasta-se. Com as duas mãos ergue a lança e assesta um golpe terrível na altura das espáduas do jovem galês, um golpe que o faz pender até as orelhas do cavalo. Ferido, o rapaz encoleriza-se: visa-o no olho o melhor que pode e lança direto seu dardo. O tiro vaza a pupila e torna a sair pela nuca, espalhando miolo e sangue. [...]”*

*O rapaz desmontou. Pega a lança do que jaz, coloca-a de lado. Do colo tira o escudo, mas não consegue libertar-lhe a cabeça do elmo. É forçado a deixá-lo. Gostaria de o livrar da espada, mas não consegue sequer tirá-la da bainha. Empunha-a e tenta puxar.”<sup>159</sup>*

Vendo a dificuldade apresentada pelo jovem, outro cavaleiro que assistia a cena, chamado Ivonet, resolve ajudá-lo a desvestir o morto e lhe dá as armas. Entretanto, Perceval não aceita vestir a túnica de seda e lã do Cavaleiro Vermelho, nem quer colocar as esporas, pois quer permanecer com as roupas grosseiras que sua mãe lhe dera – e que considera melhores do que seda e lã – e porque prefere usar sua varinha para bater no cavalo. De resto Perceval veste tudo e recebe de presente um cavalo de Ivonet para que usasse. Perceval então entrega a taça para Ivonet e pede que ele a entregue ao rei. Pede também que diga à donzela que recebeu o golpe de Kai, que, ele a vingaria.

Esta passagem continua a apresentar a rusticidade de Perceval, seu comportamento pouco cavaleiresco. Podemos listar seus erros: entrar na corte do rei e se dirigir a ele sem desmontar do cavalo, falar em tom imperativo ao rei, questionando sua autoridade com relação ao adubamento e o fato de dar ouvidos ao senescal Kai<sup>160</sup>. No combate, ter atacado o Cavaleiro Vermelho usando um dardo também pode ser uma coisa a ser encarada como atitude pouco cavaleiresca. Explico-me.

---

<sup>159</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 40. – “*Le chevalier se mit alors en colière, il brandit sa lance à deux mains et lui en donna un grand coup en travers des épaules avec la patie qui n’étaient pas métallique. Il le fit tomber en avant sur l’encolure de son cheval. Le jeune homme fut furieux de sentir le coup qui l’avait blessé. Du mieux qu’il peut, il le visa à l’œil et laissa filer son javelot. Avant que l’autre n’y prête attention ni ne le voie ou l’entende, le coup traversa jusqu’au cerveau si bien que le sang coula de sa tête et que sa cervelle se répandit. [...] Le jeune homme a mis pied à terre. Il met la lance d’un côté, lui ôte l’écu du cou, mais il ne peut venir à bout du heaume qu’il avait sur la tête, car il ne sait comment le prendre, pas plus que l’épée qu’il détache aussitôt, mais don’t il ne sait que faire. Il ne parvient pas à le désarmer. Il prend alors le fourreau, le secoue et le tire.*” – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 56.

<sup>160</sup> Em todos os contos arturianos escritos por Chrétien de Troyes o senescal Kai é apresentado como um personagem moralmente baixo, um homem que serve de exemplo para tudo aquilo que um verdadeiro cavaleiro não deve ser. Este padrão pode ser observado em: TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Com relação à falta de honra prestada ao rei, Perceval incorre em erro, pois, evidentemente não é assim que se trata um rei, por mais que na vida real no século XII, ainda houvesse muita descentralização feudal, fazendo do rei por vezes um personagem não tão importante<sup>161</sup>, e por isso, passível de insubordinação por parte de seus vassalos, senhores feudais. Não convém que um homem que quer se fazer armar cavaleiro por um rei não aceite se submeter hierarquicamente a este – esta lógica de submissão ao rei está presente ao longo de todo *O Livro da Ordem de Cavalaria* de Lúlio. Dar ouvidos ao que Kai disse zombando também denota certa afetação, certa perturbação mental de Perceval, pois a despeito de estar presente na corte quando Artur reprimiu os comentários do senescal, ele continua a acreditar que a armadura do Cavaleiro Vermelho lhe pertencia (coisa que o rei não afirmou). Indica também que Perceval não soube distinguir quem é homem probo e quem não é, conforme sua mãe o havia sugerido; ele segue o que Kai disse, apesar de sentir raiva de Kai por ter batido na donzela, mas não se importa com o que o rei Artur diz – rei aliás que mesmo com o desrespeito da parte de Perceval ainda o honraria fazendo-o entrar na ordem de cavalaria<sup>162</sup>. Mas não só de erros da parte de Perceval a cena é formada.

O erro do Cavaleiro Vermelho também é perceptível, pois para Lúlio, o cavaleiro “*que quer ser senhor e quer despossuir seu senhor não segue o ofício pelo qual é chamado cavaleiro*”<sup>163</sup>. Neste sentido, ainda de acordo com o que o autor catalão apresenta, se poderia considerar o ataque de Perceval ao Cavaleiro Vermelho como justo, apesar de Perceval não ser ainda ordenado cavaleiro e apesar de não atacá-lo com uma arma típica da cavalaria, mas com seu dardo de caça, porque cavaleiros traidores, salteadores e ladrões devem ser mortos por bons cavaleiros<sup>164</sup>. Perceval inicia uma mudança, lenta, pode-se dizer, mas visível. Ele age como bom cavaleiro ao mandar devolver a taça ao rei e ao enviar a mensagem de que vingaria a donzela. Diferentemente da forma como tratou a outra donzela na tenda da floresta, o jovem galês trata bem, e de certo modo cortesmente, a donzela da corte real. Entretanto, o jovem que deixou para trás a Gasta Floresta e que passa por Cardwell ainda não é um cavaleiro por assim dizer. Ele só porta as armas e parte das indumentárias de um membro da

<sup>161</sup> Definitivamente não era o caso da França.

<sup>162</sup> “*Senhor que em sua corte e em seu conselho e em sua tábua faz honra a cavaleiro, faz honra a si mesmo na batalha. E senhor que de sábio cavaleiro faz mensageiro encomenda sua honra á nobreza de coração. E senhor que multiplica honra em cavaleiro que seja seu servidor, multiplica sua honra mesma. E senhor que ajuda e mantém cavaleiro, ordena seu ofício e mantém seu senhorio. E senhor que é privado com cavaleiro, possui amizade com Cavalaria.*” - LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 111.

<sup>163</sup> Idem, p. 29.

<sup>164</sup> Idem, p. 41.

cavalaria. Seu exterior é o de um cavaleiro, mas em seu âmago ainda carrega parte da *ruscitia* (rudeza, em latim – termo empregado em diversas fontes medievais para opor-se à nobreza, ou ao comportamento nobre ideal), como fica simbolizado pela recusa em vestir novas roupas, em se ater à grossa camisa de cânhamo que o liga à mãe, e também pela recusa em calçar as esporas – um dos símbolos da cavalaria e do ritual da sagração na ordem, como veremos mais à frente – que Ivonet se oferece para ajudá-lo a calçá-las. Perceval está num momento de transição, algo bastante natural a qualquer ser humano.

Chrétien de Troyes cria aqui um personagem que muda gradualmente; sua psicologia vai se alterando ao longo do livro. Nisto ele se difere, por exemplo, do autor da Canção de Rolando, que apresenta personagens um tanto mais estáticos, mais rígidos. Chrétien de Troyes apresenta uma mudança leve, lenta, mas constante nos personagens de seus romances – e podemos observar isto muito bem em Perceval, tão bem ou até melhor do que em Yvain<sup>165</sup> –, em oposição ao estilo não muito leve e mais paratático da canção de gesta, como já vimos anteriormente. Segundo Eric Auerbach, o que observamos em Chrétien de Troyes é um maior realismo de seus personagens em comparação com o que vinha sendo produzido na literatura ocidental até então. Antes os personagens que representavam, *grosso modo*, estados de espírito, algum valor, ou que sempre agiam de forma parecida (sendo por isso mais pessoas-símbolo de algo, do que propriamente humanos), a partir dos romances cortesês de Chrétien, apesar de certas limitações<sup>166</sup>, passam a ter características mais humanas: é dado um passo a mais em direção ao realismo, à humanização das personagens<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> Yvain é o personagem principal de Yvain, O Cavaleiro do Leão. Yvain começa como um cavaleiro solteiro, muito corajoso, mata outro cavaleiro, que era senhor de um castelo e se casa com sua mulher. Então, convidado por seus amigos, sai em andanças, torneios e jogos, desobedecendo o prazo que sua mulher estipulara para seu retorno e assim ele perde seu amor, fica louco e vaga nu em uma floresta por certo tempo, agindo muito estranhamente, até que com a ajuda de dama de companhia, consegue o amor de sua mulher novamente. – Cf. TROYES, Chrétien de. *Yvain, O Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

<sup>166</sup> Os romances cortesês têm seu realismo comprometido não só pelas questões de classe social (apenas uma classe é retratada), mas também pela atmosfera feérica. Basicamente não há um encargo, um contexto político-histórico definido (e declarado no texto), diferentemente das canções de gesta de cerca de setenta anos antes. Com efeito, Auerbach diz que: “*A atmosfera feérica é o próprio ar que se respira no romance cortês, que não quer exprimir somente as formas exteriores da vida, mas também, e sobretudo, as representações ideais da sociedade feudal de fins do século XII.*” – AUERBACH, Eric. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 116.

<sup>167</sup> Idem, p. 111.

## Episódio 4 – Treinamento e adubamento de Perceval

Este Perceval em vias de metamorfose continua sua jornada, agora ornado como cavaleiro. Após viajar bastante, encontra em uma colina, que se ergue de frente a um rio de planície, um castelo. Vale dizer que a descrição do castelo é muito interessante; parece ser um castelo muito completo, por assim dizer, pois, a descrição elenca quatro torres que parecem surgir direto das rochas da colina cada uma em um canto de uma muralha de pedras. O castelo também apresenta sistema de defesa desenvolvido, já que;

*“Diante de um castelinho circular, uma ponte de pedra atravessa o rio, construída de cal e areia. No meio da ponte [há], outra torre, donde sai uma ponte levadiça de tal forma arranjada que durante o dia é ponte e à noite porta fechada.”<sup>168</sup>*

Este castelo da ficção está de acordo com o modelo ideal de castelo apresentado por Leon Gautier ao longo de *La Chevalerie*. Além disso, o castelo por ser de pedra, ter m sistema de defesa com ponte levadiça (com um fosso, o que está subentendido) e tantas torres, segue o modelo dos castelos dos cruzados, a exemplo do castelo de Krak dos Cavaleiros (em francês Krak dês Chevaliers), próximo da atual cidade de Homs, na Síria, construído em sua maior parte até os anos 1170, ou mesmo o castelo de Gravesteen em Gante, pertencente ao próprio conde Filipe de Flandres. O castelo que Perceval encontra é, portanto, um castelo nobre, bem equipado e dele só poderíamos esperar a melhor estirpe. De fato é isto que nos é apresentado.

Perceval segue pela ponte do castelo e no meio dela encontra “*um homem probo vestido com roupa púrpura, que perambulava esperando-o*”<sup>169</sup>. Os dois trocam palavras.

<sup>168</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 42. – “Devant le châtelet rond, un pont de pierre, de sable et de chaux avait été construit au-dessus de l'eau. Le pont été solide et haut, entièrement crénelé. Au milieu du pont se trouvait une tour et, au-devant, un pont-levis fait et construit pour remplir as fonction: le jour, il sert de pont et la nuit, de porte.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 61.

<sup>169</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 42. – “Vêtu d'une robe d'hermine, un homme noble flânait sur le pont et attendait ainsi celui qui s'avancait sur le pont.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 61. Notemos que na tradução para o francês moderno o homem não veste roupa púrpura, mas sim uma roupa de pele de arminho. O pelo do arminho pode ser amarronzado ou amarelado no verão, ou, mais comumente, branco, quando está com sua pelagem de inverno. O estar vestido com peles faz mais sentido para o ambiente em que o homem se encontra; um castelo de pedras no início da primavera, pois como apresenta Leon Gautier, existia o '*pelisson*', uma espécie de túnica forrada com peles; se tratava de uma vestimenta quente - o que era importante no inverno em especial se considerarmos a amplitude não aquecida dos castelos de pedra, com seus grandes salões, muitas vezes com

Perceval conta ao homem sua trajetória e pede para que ele lhe conceda albergue por uma noite. Perceval apeia do cavalo e um valete o leva. Perceval continua a pé com o homem, que calça esporas, monta num cavalo e pendura um escudo no colo pela correia, segura uma lança e pede para que o jovem lhe observasse para aprender a usar armas. Diz a narrativa:

*“Desfralda então sua insígnia, mostra ao rapaz como se deve segurar o escudo. Deixa-o pender um pouco à frente, a tocar o pescoço do cavalo. Coloca a lança no seu apoio da sela e espicaça o ginete que bem vale cem marcos, pois é cavalo de qualidade. O homem probo sabia mui bem guiar cavalo, manejar escudo e lança, pois aprendera já na infância. Tudo isso muito apraz o rapaz, que deseja fazer igualmente bem. Após galopar bastante, o senhor volta para junto do aluno, lança em riste.”<sup>170</sup>*

Então, o senhor convida Perceval a fazer os mesmos movimentos que fizera.

*“O galês monta por sua vez, prontamente portando lança e escudo com tanta destreza que parecia ter passado seus dias em guerras e torneios. Um verdadeiro freqüentador de batalhas e aventuras! A cousa estava em sua natureza. Quando natureza e coração de juntam, nada mais é difícil.”<sup>171</sup>*

O probo senhor continua a ensinar Perceval, que aprende com grande rapidez e executa perfeitamente todos os movimentos. Eis que o senhor lhe direciona a palavra, dando no diálogo que se segue:

---

bastante umidade e pouca luz do sol. Acima do pelisson havia o b্লাiut, uma túnica que era assim nomeada tanto para mulheres quanto para homens; Gautier indica que o b্লাiut era usado por cima da cota de malha nas situações de guerra (presumivelmente também nas de justas e torneios). – Cf. GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, pp.326-328.

<sup>170</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 44. – “Ayant déployé la bannière, il lui enseigne et lui montre comment on doit prendre son écu. Il le laisse un peu prendre en avant jusqu’à toucher l’encolure du cheval, il met la lance en arrêt et éperonne le cheval, qui valait cent marcs d’argent car aucun ne se lançait plus volontiers ni plus rapidement ou avec plus de fougue. Le gentilhomme savait bien manier écu, cheval et lance, car il avait appris à le faire dès l’enfance. Le jeune homme prit beaucoup de plaisir et d’intérêt à tout ce que fit le gentilhomme.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 63-64.

<sup>171</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 44. – “Alors le gentilhomme le fit monter à cheval, et lui commença à porter si adroitement la lance et l’écu qu’il semblait avoir passé sa vie dans les tournois et les batailles, et erre sur la terre entière en quête de combats et d’aventures. Ce don lui venait de Nature et quand Nature l’enseigne et que le cœur y adhère pleinement, aucun effort ne pèse là où Nature et le cœur agissent.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 64.

“- Amigo, que faríeis se topásseis com cavaleiro que vos golpeasse?

- Eu o golpearia também!

- E se vossa lança quebrasse?

- Correria para ele e golpearia com os punhos. Que fazer além disto?

- Amigo, é o que não deve ser feito.

- Que fazer então? E por quê?

- É preciso recorrer à espada.”<sup>172</sup>

Após isto, ambos se recolhem ao castelo, onde o jovem fica sabendo o nome do senhor: Gornemant de Goort<sup>173</sup>.

Passemos à análise do trecho. Primeiramente, Gornemant de Goort, que misteriosamente parece já esperar Perceval (como se soubesse que ele iria para aquele lugar) porta roupas que o distinguem, como convém a um nobre senhor. Suas armas também são armas de senhor, pois ele já é cavaleiro adubado há tempos. Quando ele decide ensinar Perceval a bem manejar as armas, pede que o galês apeie o cavalo, e ele monta em outro cavalo. A simbologia contida aqui é grande. Perceval segue o senhor a pé ouvindo suas palavras e observando seus movimentos com atenção e fascínio, exatamente como faz um escudeiro em relação a seu mestre cavaleiro. É como se Perceval nem mesmo precisasse passar pela condição infantil de aprendiz, ante de se tornar escudeiro, ou pelo menos as duas posições se confundem em uma só na narrativa de Chrétien. Nisto o este “Perceval escudeiro”

<sup>172</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 45. – “*Mon ami, si vous rencontriez un chevalier, que ferriez-vous s’il vous frappait?*

- *Je le frapperais à mon tour.*

- *Et si votre lance ronppait?*

- *Je me jetterais sur lui avec mēs poings, ni plus ni moins.*

- *Mon ami, vous ne feriez pas cela.*

- *Que ferai-je donc?*

- *Par l’escrime, vous iriez le requerre à l’épée.”* - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 65.

<sup>173</sup> Na tradução para o português moderno o nome do senhor aparece como Gornemant de Gort, entretanto na tradução para o francês moderno seu nome tem um ‘O’ a mais; Gornemant de Goort. Optou-se por utilizar a grafia da tradução francesa por questão de maior fidelidade.



se difere de seu mestre, pois Gornemant tudo aprendeu na infância<sup>174</sup>, como é o normal para os nobres que, por meio de suas famílias, eram destinados a se tornarem cavaleiros nos séculos XI, XII ou XIII. Efetivamente, Gornemant, sendo um cavaleiro típico se encontra em consonância com aquilo que Raimundo Lúlio afirma, isto é, que convém que o filho do senhor/cavaleiro aprenda a cavalgar desde a infância, pois não será possível aprender na velhice: “*A ciência e a escola da Ordem de Cavalaria é que cavaleiro faça que se ensine cavalgar seu filho já em sua juventude; pois, se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice*”<sup>175</sup>. Claro, apesar de Perceval já saber cavalgar, ele certamente não o sabia fazer portando uma lança com destreza, não estava acostumado a isto, pois até pouco vivera em reclusão com sua mãe afastado da cavalaria. Raimundo Lúlio diz ainda que enquanto escudeiro, o jovem deve aprender a esgrimir espada e a se defender e usar seus equipamentos<sup>176</sup>.

Perceval aprende com rapidez aquilo que vê; copia os movimentos do senhor, pois o espírito de cavalaria é sua natureza, a cavalaria vem de sangue, reforçando as ideias linhagísticas que vinham cada vez mais restringindo a cavalaria à nobreza no final do século XII<sup>177</sup>.

A instrução do jovem galês, ainda que breve, segue como deve ser; seu mestre lhe indica o caminho correto e o erro a ser evitado. Quando este pensa que, desprovido de lança, deveria se projetar contra o oponente para atacá-lo com os próprios punhos – o que seria algo um tanto animalesco e baixo, nada condizente com a cordialidade idealizada para a cavalaria,

<sup>174</sup> Por ‘infância’, entendamos; antes dos 15 anos de idade.

<sup>175</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 19.

<sup>176</sup> Ibidem.

<sup>177</sup> Retomando este ponto, Jean Flori indica que até o final do século XII cavalaria era uma corporação aberta. No começo do século XIII ela se fechou, e então, para ser cavaleiro, era preciso provar que ao menos quatro de seus antepassados foram também cavaleiros. Destarte, a cavalaria teria se tornado uma casta, de acordo com o pesquisador. – FLORI, Jean. *A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 40. – Questiono em certo ponto Flori me valendo de seu próprio livro: a mudança é gradual, a abertura que ele indica existir no final do século XII era sim real, mas decrescente; ela terminou de se fechar no início do século XIII, ou seja, o mesmo processo que vinha desde o século XII restringindo o ingresso à cavalaria culmina no despontar da centúria seguinte. Ora, se no começo do século XIII era preciso que o aspirante a ingressar na ordem de cavalaria demonstrasse que quatro de seus antepassados foram também cavaleiros, não seria lógico observar também em fins do século XII sinais disto? O fato da mãe de Perceval dizer que ela é filha de cavaleiro e o fato de que Perceval também é filho de um cavaleiro, somados ao comentário do narrador d O Conto do Graal de que Perceval aprendia rápido e nada lhe parecia difícil porque esta era sua natureza, me parecem indicar este fenômeno em progressão na década de 1180, culminando na total interdição à aceitação na cavalaria aos não nobres e aos que mesmo nobres não tivessem antepassados cavaleiros.

é verdade –, Gornemant logo corrige o equívoco; um cavaleiro deve saber usar a espada<sup>178</sup>. Outra vez existe, logicamente com exceção do tempo transcorrido (apenas um dia!), consonância entre o que é realizado na narrativa de Chrétien de Troyes e a realidade, pois novos cavaleiros deveriam ser treinados por cavaleiros exclusivamente, e estes jovens, enquanto escudeiros serviriam cada qual ao seu senhor<sup>179</sup>; eram escudeiros dos grandes. Além disso, também Lúlio, que defende que a cavalaria (entendida não só como uma ordem, mas também aqui como função social) deve ser ensinada somente por quem já for cavaleiro, porque;

*“quem deseja ser cavaleiro convém que tenha mestre que seja cavaleiro, porque é coisa inconveniente que escudeiro aprenda a Ordem de Cavalaria de outro homem, mas de homem que seja cavaleiro, como seria coisa inconveniente se o carpinteiro ensinasse ao homem que desejasse ser sapateiro.”*<sup>180</sup>

Por fim, quando Gornemant de Goort gentilmente honra Perceval concedendo-o estadia em seu castelo, o galês pergunta seu nome, pois se lembra do conselho da mãe, de perguntar o nome de todo homem que estivesse com ele por bastante tempo tanto em caminho ou em pousada. Assim, observamos Perceval mudando ainda mais; após o treinamento com o senhor do castelo, ele já se comporta de maneira adequada, e se lembra do conselho da mãe, obedecendo-a.

Dando procedência ao conto, no dia seguinte, pela manhã, Gornemant oferece a Perceval “calções de pano fino, pernas tingidas de vermelho [...], cota de seda tecida na Índia”, mas o jovem recusa, pois crê que as roupas que sua mãe lhe dera valiam mais e eram

<sup>178</sup> Vale dizer que no século XII o tipo de espada mais usado na França era a dita espada normanda, mas existiam ainda a espada romana (uma reminiscência), e uma terceira espada que tinha a lâmina direita curta, com empunhadura direita e com botão (fim do cabo) redondo. - GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, p. 331.

<sup>179</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 60. – O autor nos diz que não só jovens eram escudeiros. Muitos homens permaneciam a vida toda sem receber adubamento, sendo assim escudeiros durante a idade adulta. Jean Flori coloca a proporção de dez vezes mais homens não adubados para cada filho de senhor que recebia a sagração da cavalaria.

<sup>180</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 19.

melhores. O senhor então o lembra que no dia anterior ele havia prometido que obedeceria a todas as suas ordens, de modo que o galês se põe a vestir as roupas novas<sup>181</sup>:

*“Então o rapaz se veste, mas não com as roupas dadas pela mãe. O senhor curva-se e lhe calça a espora direita. Pois tal era o costume: quem fazia cavaleiro devia calçar-lhe a espora direita. Chegam valetes trazendo as peças da armadura, apanhando-se à porfia para armar o jovem. Mas é o senhor que lhe cinge a espada. Beija-o e diz:*

*– Com esta espada que ora entrego, confiro-vos a ordem mais alta que Deus criou no mundo. É a Ordem de Cavalaria, que não admite vilania. Caro irmão, se tiverdes de combater lembrai que, quando vosso adversário vencido implorar mercê, deveis ser misericordioso e não o matar. Não faleis mui facilmente. Quem fala demasiado pronuncia palavras que se transformam em loucura. Quem fala demais faz pecado, diz o sábio. Peço também: se acontecer que encontreis em desgraça, por falta de socorro, homem ou mulher, órfão ou dama, prestai socorro, se possível. Agireis bem. E finalmente eis algo mais que não deve ser esquecido: ide amiúde ao mosteiro orar ao Criador de todas as cousas, que ele tenha mercê de vossa alma e que neste mundo terreno vos guarde como seu cristão.”<sup>182</sup>*

Esta cena é, com certeza, um dos pontos mais altos (talvez apenas menos importante do que o cortejo do Graal) contidos no romance. O adubamento é o rito de passagem da cavalaria por excelência e, como todo rito de passagem indica uma mudança de estado. Analisando a narrativa, é possível observar que, apesar da pompa, não há grande festa sagração de Perceval se comparada com a sagração dos cavaleiros do castelo que Gauvain

<sup>181</sup> Perceval é um personagem que revela ao homem medieval que ele não estava “terminado” ou “condenado” ao seu status. “Ensina” à sociedade que um homem não nasce pronto, que erra e que pode aprender e se aprimorar.

<sup>182</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 46. – “Il ne tarde plus à mettre lès vêtements et laisse ceux de sa mère. Le gentilhomme se baisse et lui chausse l'éperon droit. C'était la coutume que celui qui faisait un chevalier lui chaussait l'éperon. Il y avait beaucoup d'écuyers qui, chacun en s'approchant, participèrent à son armement. Le gentilhomme a pris l'épée, l'a lui a ceinte et lui a donné le baiser. Il lui dit qu'avec l'épée il lui a donné l'ordre plus haut que Dieu a créé et commandé, à savoir l'ordre de chevalerie qui doit être sans bassesse. Il lui dit: “Mon ami, gardez cela à l'esprit s'il vous arrive de devoir combattre un chevalier: je voudrais vous prier, si jamais vous avez le dessus et qu'il ne puisse plus se défendre ni vous résister, mais soit à votre merci, de ne pas le tuer volontairement. Faites attention aussi à ne pas être trop bavard ni trop envieux. Aucun bavard ne peut s'empêcher de dire quelque chose qui tourne à son déshonneur. Le sage dit et proclame: “Celui qui parle trop, pêche.” C'est pourquoi, mon cher frère, je vous avertis de ne pas trop parler. Je vous prie aussi, si vous trouvez un homme ou une femme – demoiselle ou dame –, priez de tout apui, aidez-les, vous agirez bien, si vous savez le faire et en avez la possibilité. Je veux vous apprendre autre chose, ne la négligez pas car elle n'est pas à négliger: allez avec plaisir à l'église prier celui qui a tout créé d'avoir pitié de votre âme et de vous garder, en ce monde d'ici-bas, comme son chrétien.” – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 67-68.

conquista mais à frente na história. Perceval, com efeito, não sabia que seria adubado; o acontecimento é uma surpresa – e quais não deveriam ser as reações dos cavaleiros medievais quando em grandes ocasiões escutavam os melhores jograis de Flandres narrarem esta cena?! –; a cena acontece fora de um dia de festa das mais importantes do ano, é um dia comum, entretanto com seriedade e, sobretudo, envolta de certo ar solene. É notável também que não há jejum, uma vez que o jovem Perceval não sabia que seria ordenado cavaleiro.

N’*O Livro da Ordem de Cavalaria*, Raimundo Lúlio diz que, no dia do adubamento, deve haver uma missa e que “*convém que a missa seja cantada solenemente. E o escudeiro deve vir diante do altar e deve se oferecer ao presbítero, que está no lugar de Deus, e à Ordem de Cavalaria, para tal que seja servidor de Deus*”<sup>183</sup>. Igualmente;

*“O escudeiro, diante do altar, deve ajoelhar-se e levantar seu olhos, corporais e espirituais, a Deus e suas mãos a Deus. E o cavaleiro deve cingir-lhe a espada, para significar castidade e justiça; e, em significação de caridade, deve beijar seu escudeiro e dar-lhe uma bofetada para que se lembre disso que prometeu e do grande cargo a que se obriga e da grande honra que recebe pela Ordem de Cavalaria”*<sup>184</sup>.

Porém, quase nada disso acontece. Ainda que Chrétien de Troyes fosse um clérigo, ele não faz uma representação de um adubamento coordenado por um presbítero, não é um adubamento litúrgico. Sua representação deste rito é puramente mundana no que tange a seus personagens, não podendo nem mesmo ser um adubamento religioso, pois, na ausência de um padre que abençoasse a espada do novo cavaleiro e fizesse-lhe o sinal da cruz, para que aí sim um membro do laicato (outro cavaleiro) pudesse consagrar o novo cavaleiro<sup>185</sup>, tudo é feito exclusivamente por Gornemant e por seus valetes<sup>186</sup>. Contudo, devemos sempre lembrar que, segundo Dominique Barthélemy;

<sup>183</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 67.

<sup>184</sup> Idem, p. 73.

<sup>185</sup> A respeito do adubamento de tipo litúrgico e do adubamento de tipo religioso ver: GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, p. 141.

<sup>186</sup> De fato, havia cavaleiros que eram adubados em ocasiões mais simples, mas nem por isso eram menos importantes. Tal é o caso do conde de Pembroke Guilherme Marechal (1147-1219), adubado na primavera de

*“O adubamento constitui uma sequência ritual de geometria variável, mesmo no século XII. Alguns de seus elementos são facultativos ou reiteráveis. Os testemunhos podem divergir sobre o que é essencial. Por exemplo, no que diz respeito a sabermos se Henrique Beauclerc foi adubado por seu pai, Guilherme, o Conquistador, ou pelo arcebispo franco de Canterbury. E se, depois de toda especulação, ele tivesse sido adubado por um e pelo outro? Lamberto de Ardes, por volta de 1200, não dá um lugar de destaque ao arcebispo Tomás Becket, anfitrião de passagem no adubamento de Balduíno de Guines em 1170?”<sup>187</sup>*

Quem sabe existia a possibilidade de se fazer cavaleiro sem a participação de um clérigo, sem com isto, deixar de ser uma sagração tão válida quanto outras. Barthélemy indica ainda que, no século XII, talvez a Igreja não pudesse colocar no ritual feudal e cortês de sagração de cavaleiro o mesmo peso e a mesma rigidez existente no ritual do casamento, isto porque poderia ocasionar a temeridade dos jovens (isto é, dos escudeiros)<sup>188</sup>. Mesmo assim, Leon Gautier considera o adubamento como um “oitavo sacramento”<sup>189</sup>. Seja como for, por outro lado, no discurso de Gornemant de Goort, além do beijo (símbolo de pactos na sociedade medieval, como já explicamos antes) em concordância com as práticas tradicionais<sup>190</sup>, estão contidos os princípios básicos que a Igreja esperava dos cavaleiros, em concordância com os concílios de paz, como já referidos no primeiro capítulo desta monografia: as ajudas preconizadas no Concílio de Charroux (989) que eram devidas às mulheres, aos pobres, aos órfãos, etc. Em concordância também com a chamada ‘trégua de Deus’, pois esta estabelecia momentos temporários no ano em que não se deveria combater, e porque a trégua de Deus também estimulava que os cavaleiros renunciassem às armas por certo tempo. Sobre a trégua de Deus Georges Duby indica que;

---

1167. Cf. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, pp. 96-97.

<sup>187</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga à França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 301.

<sup>188</sup> Ibidem.

<sup>189</sup> Idem, p. 298.

<sup>190</sup> “E o cavaleiro deve cingir-lhe a espada, para significar castidade e justiça; e, em significação de caridade, deve beijar seu escudeiro” - LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 73.

*“Em certas datas, a classe belicosa, por um movimento de conversão quase monástica, proíbe a si mesma esse prazer. Discernem-se as primeiras disposições que preparavam essa nova inflexão no texto dos juramentos de paz, borguinhões e depois franceses, redigidos em 1023-1025. A versão proposta pelo bispo Garin de Beauvais estendia a salvaguarda prometida aos pobres pela jurisdição da paz de Deus ao cavaleiro que durante a Quaresma se despojasse voluntariamente de seu arnês militar. Ninguém devia atacá-lo. A medida era natural: penitente, o cavaleiro renunciou a suas armas, juntou-se aos pobres e, por espírito de pobreza, incorporou-se ao grupo dos inermes; logo, tem direito às mesmas seguranças.”<sup>191</sup>*

Assim, é possível interpretarmos que durante o tempo em que vale a trégua de Deus, a mercê não somente ao adversário vencido, mas ao adversário que não está vencido, desde que se destituísse de suas armas durante dado período. No discurso de Gornemant de Goort a presença da oração, da ida ao mosteiro é bastante notável e certamente também está de acordo com todo o movimento de paz e de trégua de Deus que ainda estavam presentes nas regiões setentrionais da França, como sugere Barthélemy<sup>192</sup> e que procurava fazer dos cavaleiros homens mais brandos e ligados à fé.

Outra questão muito importante (para o romance inclusive) no discurso de Gornemant é o do saber falar. O mestre de Perceval está basicamente instruindo-o na virtude da temperança, na boa e justa medida. De fato, Lúlio diz que *“cavaleiro bem acostumado deve ser temperado nos ardores e no comer e no beber e no falar”*<sup>193</sup>.

## **Episódio 5 – A amiga de Perceval e os primeiros combates**

Ao fim discurso, portanto, Gornemant de Goort abençoa Perceval e o novo cavaleiro parte à procura do solar de sua mãe. O recém-vestido cavaleiro cavalga até chegar ao mar, onde encontra um castelo na costa em estado lastimável. O rapaz se dirige até ele e, ao pedir abrigo, entra no castelo acompanhado de quatro homens d’armas mal nutridos. Dentro do castelo não havia ninguém nas ruas além de freiras e monges desamparados; a escassez de tudo, inclusive de alimento, era notável. Dentro da corte então, encontra sua anfitriã; uma

<sup>191</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

<sup>192</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga à França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p.328.

<sup>193</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 103.

moça esbelta e pálida, muito bem vestida. Então, após uma pequena conversa, na qual a damizela revela que Goernemant de Goort é seu tio – Perceval depois disso emudece –, segue-se uma parca refeição (para os padrões da nobreza): um pouco de vinho, seis pães e carne de veado. Terminada a refeição, todos se retiram para irem dormir. No meio da noite, a moça sai de seu quarto e chorando se dirige ao aposento onde dormia Perceval. O cavaleiro acorda em virtude do choro da anfitriã, que está desejosa de lhe contar algo muito importante:

“[Perceval] Avista a damizela ajoelhada à beira do leito, abraçando-lhe estreitamente o peito. Por cortesia, abraça-a da mesma forma e, estreitando-a firmemente pergunta:

– Bela, o que desejais? Por que viestes?

– Piedade sire cavaleiro! Por Deus e por seu Filho, suplico que não me julgueis mais vil porque vim tão pouco vestida como vedes. Na loucura não pensei nisso um único instante. Não consigo mais suportar que não haja um só dia sem sofrimento. Tal é minha vida. Porém não verei outra noite nem outro dia, além desse que chega, pois vou me matar. Dos trezentos e dez cavaleiros que guardavam este castelo, restam apenas cinquenta. Os outros foram levados por Anguingueron, o senescal de Clamadeu das Ilhas, pérfido cavaleiro que os matará ou lançará em prisão. [...] Um inverno inteiro e todo um verão fomos sitiados por Anguingueron, que nunca arredou um só passo.”<sup>194</sup>

E ela continua, explicando sobre a escassez de víveres ocasionada pelo cerco e sobre seu plano de se matar para que ela não seja entregue a Clamadeu das Ilhas como cativa – segundo ela, esta seria a única saída além de uma intervenção divina. Isto desperta em Perceval a vontade de lutar para defendê-la, e ele a certifica de que no dia seguinte ele lutaria para

<sup>194</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 50-51. – “Il la voit agenouillée devant son lit: elle le tenait, étroitement embrassé par le cou. Il se conduisit avec beaucoup de délicatesse et la pris à son tour dans ses bras. Il l’attire sur-le-champ vers lui et lui demande ce qu’elle veut. “Pourquoi êtes-vous venue ici?” – Ah! noble chevalier, pitié! Au nom de Dieu et de son fils, ne me méprisez pas d’être venue ici. Bien que je sois presque nue, je n’ai songé à aucune folie ni à aucune action répréhensible ou honteuse, car il n’y a aucun être au monde si désespéré ni si misérable que je ne surpasse. Rien de ce que j’ai ne me plaît, et il ne se passe pas un jour sans que je sois malheureuse. Ainsi je suis accablée et je ne verrai plus d’autre nuit que celle-ci ni de jour autre que demain, je vais me tuer de ma propre main. Dès trois cent dix chevaliers dont était porvu ce château, il n’en reste ici que cinquante. Um chevalier très cruel, Aguinguenron, le sénéchal de Clamadeu des Illes, em a emmenpe, tué et emprisonné deux cent soixante, moins dix. De ceux qui sont en prison, il em va autant, pour moi, que de tués car je sais bien qu’ils y mourront et ne pourront jamais en sortir. [...] Aguingueron a mis le siège devant notre cite tout un hiver et un été, sans en bouger, et sa force croît pendant que la nôtre se réduit et que notre ravitaillement s’épuise, car il ne m’est pas resté ici que de quaoi nourrir une abeille.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 74-75.

defender sua terra. A noite se passa, com a damizela e Perceval abraçados trocando beijos. Na manhã seguinte, antes de Perceval partir para a batalha, a damizela contradiz seu projeto (de que ele a proteja) dizendo, entre outras coisas que ela não quer que ele arrisque a vida para que a tivesse como amiga. Seu jogo funciona; Perceval está ainda mais decidido a lutar contra Anguingueron.

Ambos se agridem longamente, até que Anguingueron, vencido, suplica mercê. Num primeiro momento Perceval sente vontade de matá-lo, porém recorda das palavras do probo Gornemant e diz para seu inimigo que então fosse ao castelo de sua amiga. Ouvindo esta ordem, Anguingueron replica que se ele fosse até o castelo sitiado, certamente o matariam por tanto que o odiavam. Então o cavaleiro vitorioso lhe diz para ir como prisioneiro até a corte de Artur e também para avisar a donzela que Kai esbofeteou que ele haveria de vingá-la. Assim, o cerco é levantado e o cavaleiro se vai até a corte de Artur.

Esta parte da narrativa de Chrétien merece atenção intra e extra textual. Do ponto de vista intra textual, observamos um novo Perceval, um cavaleiro cortês por completo, pois é gentil para com a damizela que o abriga, reconfortando-a, amando-a e defendendo-a do cerco que se levanta com força sobre sua praça-forte. Depois do adubamento Perceval está mudado por dentro, não veste mais, em seu âmagos as roupas da mãe que simbolizam seu estado original, sua *rusticia* do isolamento em que vivia. Do ponto de vista extra textual, me parece legítimo dizer que Perceval é um anti-Lancelot. Isto se dá porque Lancelot é um cavaleiro formado que, em outro romance escrito por Chrétien de Troyes, se degenera, perde suas atribuições cavaleirescas por subir numa carroça (símbolo forte e humilhante, porque elas eram destinadas àqueles que eram criminosos, traidores e ladrões)<sup>195</sup>; ao passo que Perceval é um bruto no início de sua trajetória e portanto, faz o caminho inverso ao de Lancelot, isto é, de um rústico se torna gradualmente um cavaleiro formado, completo e honrado. De igual modo, Perceval se distingue de Lancelot em matéria de amor. Enquanto que Lancelot se esforça para ficar junto da rainha Guinevere, casada com o rei Artur<sup>196</sup> (sendo a destarte um

<sup>195</sup> TROYES, Chrétien de. *Lancelote, O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 31.

<sup>196</sup> Sobre a mulher e a traição Duby diz que; “[...] o que prevalece na ideologia profana após 1160 tal como é expressa pela literatura de corte, é bem o valor afirmado do amor conjugal. Ele está no centro de *Eric et Enide*, mas também de todos os romances de Chrétien de Troyes, que temos conservados, isto é: os que agradaram. Permanecem - e nesse ponto ainda confluem o pensamento laico e dos clérigos - o veio antifeminista, mas agora transferido para o interior do casal, animado pelo medo da esposa, da tríplice insegurança que, sendo consciente, luxuriosa e feiticeira, sente-se, sabe que é portadora. O acento não deixa de ser posto sobre o respeito à união matrimonial e sobre as riquezas afetivas que ela contém.” – DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29.



traidor, efetivamente merecedor da carroça guiada pelo anão<sup>197</sup>), Perceval trata com cortesia sua amiga, que sendo damizela, não é casada. Para Lancelot o amor cortês é indevido, porque existe a barreira do casamento (ainda que isto possa ser encarado como uma possibilidade a mais para os tipos de amor representados no campo da literatura cortesã), já para o galês o amor cortês é legítimo, porque, embora ele não tenha tido relações sexuais com a damizela (apenas a beija e a abraça, o que é um tanto ambíguo e discutível, visto que a mãe de Perceval diz que ‘donzela que conde um beijo dá muito’<sup>198</sup>), como indica Georges Duby, porque o erro é fornicar, e para fornicar é preciso estar casado<sup>199</sup>, e Perceval e sua amiga não estão casados... É possível, deste modo, que Chrétien tenha escrito *Perceval ou O Conto do Graal*, quando este lhe foi encomendado por Filipe de Flandres, com pensamento voltado, entre outras coisas, para contrabalancear sua mais recente obra: *Lancelot, O Cavaleiro da Carreta*, escrito a pedidos de Maria da Champagne. De fato, é uma ironia (*aos nossos olhos*, isso deve estar claro) que uma condessa que encomendou um romance que enfatiza a traição conjugal tenha, após a morte de seu marido, se tornado freira<sup>200</sup>.

O combate contra Anguingueron é exemplo, não só de bravura cavaleiresca, como também de serviço à damizela, de proteção à mulher, em conformidade com os preceitos do Concílio de Charroux de proteger mulher e desarmados, e à Igreja (não devemos esquecer dos monges e freiras que viviam dentro dos muros do castelo, segundo a narrativa). Além disso, Perceval também ganha honra em, defendendo o castelo, não ter matado seu oponente, que vai enviar mensagem na corte de Artur, onde será prisioneiro, pois assim haverá quem conte sua vitória. Assim como Guilherme Marechal (1147-1219), que, provou seu valor como guerreiro, pouco tempo depois de ter entrado na ordem de cavalaria, diante também de muitas pessoas, Perceval faz suas provas<sup>201</sup> em seu primeiro combate.

<sup>197</sup> Personagem grotescamente retratado por Chrétien de Troyes. Podemos entender o anão como símbolo da baixaza de caráter. Como é o anão quem guia a carreta, por extensão entende-se que é a baixaza de caráter que guia a traição.

<sup>198</sup> Esta própria ambiguidade faz parte dos jogos de amor e agradariam aos ouvintes que poderiam especular a respeito desta parte do conto. Por outro lado, Perceval representa um bom cavaleiro, que se mantém casto, então não faria sentido escrever uma passagem que deixasse clara uma mácula carnal na figura do personagem.

<sup>199</sup> Cf. DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – Do Amor e Outros Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 44-45.

<sup>200</sup> A ironia é enxergada hoje. Na Idade Média dificilmente isto seria irônico, visto que não raramente mulheres pertencentes à nobreza eram destinadas aos conventos quando ficavam viúvas, ou simplesmente quando assim decidiam.

<sup>201</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, pp. 97-98.

Após o combate, Clamadeu das Ilhas ataca novamente o castelo, que, prestes a cair consegue se salvar, graças a um ‘*deus ex machina*’, a uma intervenção divina: por conta de uma tempestade, um barco de mercadores aporta na praia do castelo e o cerco que Clamadeu volta a impor-lhes de nada os afeta, porque a compra e venda dos víveres que os mercadores traziam consigo mantém facilmente toda a praça-forte e ela resiste, vencendo a Clamadeu das Ilhas, que também é enviado para a corte de Artur, levando a mesma mensagem que Anguingueron. Perceval permanece algum tempo junto de sua amiga, chamada Brancaflor, mas inquieto; ainda deseja encontrar sua mãe, pois a última vez que ele a vira ela estava desfalecida em consequência de sua partida para se tornar cavaleiro. Então o jovem cavaleiro parte em busca da Gasta Floresta, a despeito da vontade de sua amada em mantê-lo em Bom Refúgio, seu castelo.

### **Episódio 6 – O Graal e a lança que sangra**

Em sua jornada, que é muito longa, Perceval escuta o barulho de um rio e vai até ele, e segue sua margem à procura de uma ponte, afinal sua mãe desfalecera numa ponte quando de sua partida. O cavaleiro não encontra ponte alguma, porém avista dois homens pescando num barquinho no meio do rio e um deles lhe informa que havia um castelo mais à frente em que ele poderia encontrar abrigo. Perceval segue na direção indicada até encontrar o castelo e, entrando neste, valetes aparecem para lhe tirarem a armadura e guardar seu cavalo e ainda cobrem-no com manto de muito bom tecido. Em seguida o cavaleiro é conduzido para uma câmara muito ampla, onde está sentado um senhor, homem probo de cabelos esbranquiçados. O homem diz que não pode se levantar e desculpa-se, pois seus movimentos são penosos.

Os dois começam a conversar, mas logo são interrompidos por um valete que traz uma espada ao senhor

*“que a puxa um pouco da bainha e vê claramente onde foi forjada, pois está escrito. É de aço tão duro que em caso nenhum quebra, exceto um único, sabido apenas por quem havia forjado e temperado. Diz o valete que a trouxera:*

*– Sire, a loura donzela, vossa sobrinha e bela, vos faz presente desta espada. Jamais segurastes arma tão leve para seu tamanho. Pode ser dada a quem quiserdes, porém minha senhora ficaria contente se a*

*pusesseis em mãos de alguém hábil no jogo das armas. Quem a forjou fez apenas três. Como está morto, nunca mais poderá forjar outra*”<sup>202</sup>

Então o senhor entrega a espada para Perceval, que a analisa e a recebe contente. Depois disso tornam a conversar, enquanto saboreavam uma farta refeição. Então;

*“[...] veio de um aposento um valete que segurava lança brilhante, empunhada pelo meio. Passou ao largo do fogo e dos que estavam sentados. Uma gota de sangue vertia da ponta de ferro da lança; e até a mão do valete deslizava essa gota rubra. O jovem hóspede vê a maravilha e se refreia para não se perguntar o que significa. É que recorda as palavras de seu mestre de cavalaria. Não ensinou ele que homem jamais deve falar demais? Fazer pergunta é vilania. Assim, não diz palavra.*

*Chegam então dois valetes segurando na mão candelabros de fino ouro nigelado. Mui belos homens eram os valetes que portavam os candelabros. [...] Uma damizela mui bela e esbelta e bem trajada vinha com os valetes, trazendo nas mãos uma taça. Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse Graal<sup>203</sup> que as velas perderam a claridade, como estrelas como desponha sol ou lua. Atrás vinha outra donzela, portando um prato de prata. O Graal que ia à frente era feito do ouro mais puro. Tinha pedras engastadas, pedras de muitas espécies, das mais ricas e preciosas que existem no mar ou em terra. Nenhum poderia ser comparada às que recamavam o Graal. Assim como havia passado a lança, as pedras passaram diante dele. Foram de um aposento para outro. O jovem os viu passar, mas não ousou*

<sup>202</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 65 – “Celui-ci l’a tirée à demi et à bien vu où elle avait été faite, car s’était écrit sur l’épée. Il vit aussi qu’elle était de si bon acier qu’elle ne pourrait jamais se briser, sauf en un unique péril que nul ne connaissait sauf celui qui l’avait forée et trempée. L’écuyer qui l’avait apportée dit: “ Seigneur, la blonde jeune fille, votre nièce, qui est très belle, vous a envoyé ce présent. Vous n’avez jamais pu en voir de plus légère pour la taille qu’elle a. Vous la donnerez à qui vous plaira, mais ma dame serait très heureuse si elle était bien employée par celui à qui elle sera donné. Celui qui a forgé l’épée après celle-ci.”” – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 101-102.

<sup>203</sup> “Le Graal est la relique de la Cène et du Calvaire, confiée à Joseph d’Arimathie, transmise à son petit neveu Alain, pour qui le Christ renouvelle le miracle de la multiplications des poissons. D’où le nom de Roi Pêcheur que porte Alain et après lui, ses descendants, les gardiens du Graal. Celui-ci a été transporté en Bretagne, au château de Corbenic, dans la terre Foraine, dont nul ne sait l’accès. C’est alors que les chevaliers de la Table Ronde se lancent à la QUÊTE DU GRAAL.” [Em tradução livre : O Graal é a relíquia da Ceia e do Calvário, confiado à José de Arimateia, transmitido a seu sobrinho Alain, por quem Cristo renova o milagre da multiplicação dos peixes. Daí o nome Rei Pescador que tem Alain e depois dele, seus descendentes, os guardiões do Graal. Este foi transportado para a Bretanha, ao castelo de Corbenic, na terra de Foraine, onde ninguém conhece o caminho de acesso. É então que os cavaleiros da Távola Redonda se lançam à DEMANDA DO GRAAL.]. Retirado de: <http://lessourcesdolaf.wordpress.com/2012/03/> (acessado em 16/5/2014). – É importante e curioso lembrar que o Graal foi introduzido nas lendas do ciclo arturianas por Robert de Boron em seu romance *A Estória do Graal ou José de Arimateia*, escrito pouco depois de *Perceval ou o Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes, isto é, na última década do século XII. Pode ser que esta criação de Robert de Boron sirva para explicar por que motivo o Graal estava justamente com o Rei Pescador do conto de Chrétien. O único manuscrito restante se encontra na Bibliothèque National de France (Paris, Bibliothèque nationale de France, fr. 20047).

*perguntar a quem apresentavam esse Graal no outro aposento, pois tinha inda na mente as palavras do homem sábio, seu mestre de cavalaria.*”<sup>204</sup>.

Analisando a cena, precedente ao cortejo do Graal, é possível observar a importância da dádiva da espada, qual seja, de uma espada especial, muito bem trabalhada. Na cena em questão o objeto de guerra é entregue ao Rei Pescador (o senhor que não pode andar – seu “nome” é mencionado mais adiante no livro), que por conta de sua debilidade não pode fazer uso da espada, mas pode doá-la a quem lhe aprouver. Pode-se dizer que as boas maneiras cavaleirescas e cristianizadas presentes no livro se reapropriam da espada (e, portanto, de toda a carga simbólica contida nela), reciclando e ao mesmo tempo contrapondo-se aos valores guerreiros seculares de antiga origem germânica nos quais a transmissão da espada representa a passagem à idade adulta, e que por isso está associada ao adubamento. A entrega da espada a Perceval é como um reconhecimento de seu valor como guerreiro (tal como indica a narrativa) e de sua entrada na idade adulta, ou pode ainda ser encarada como um ‘adubamento menor’, por assim dizer, pois como se encaixa num só bloco da narração, ela faz prelúdio ao momento que vem em seguida, o cortejo do Graal, altamente carregado de simbolismos. Sendo assim, por que não entender a entrega da rara e especial espada a Perceval como uma entrada deste numa cavalaria mais pura, numa cavalaria de Cristo (*militia Christi*), que luta pela fé e que anda pela terra sempre buscando encontrar seu local à direita do Pai por meio da proteção de sua Igreja? Afinal, como diz Barthélemy; “*Não é exatamente neste século XII que*

---

<sup>204</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 66-67. – “[...] un écuyer vint d’une chambre en tenant une lance blanche empoignée par le milieu. Il passa entre le feu et ceux qui se tenaient sur la lit. Tous ceux qui étaient là voyaient la lance blanche et le fer blanc, d’où une goutte de sang sortait de la pointe du fer de la lance et jusqu’à la main de l’écuyer cette goutte de sang vermeille courait. Le jeune homme qui était venu là ce soir-là voit ce spectacle extraordinaire, il s’est retenu de demander comment cela pouvait se produire, car il se souvenait de la recommandation de celui qui l’avait fait chevalier et qui lui avait ordonné et appris de se garder de trop parler. Il craint, s’il posait la question, d’être tenu pour un malotru. C’est pourquoi il ne demanda rien. Alors deux autres écuyers vinrent, qui tenaient dans leurs mains de chandeliers d’or fin incrusté d’émail. Les écuyers porteurs de chandeliers étaient très beaux. [...] Une demoiselle qui venait avec les écuyers tenait un plat à deux mains. Elle était belle, noble, vêtue avec goût. Quand elle fut entrée dans la salle avec le graal qu’elle tenait, il se fit une si grande clarté que les chandeliers perdirent leur éclat comme les étoiles quand le soleil ou la lune luisent. Après elle vint une qui tenait un tailloir d’argent. Le grail qui allait devant était d’un or absolument pur, serti de maintes manières de pierres précieuses parmi les plus riches et les plus chères qui soient dans la mer ou sur terre. Les pierres du graal dépassaient sans aucun doute toutes les autres pierres. Comme était passée la lance, ils passèrent devant le lit et entrèrent dans une autre chambre. Le jeune homme les vit passer et n’osa pas demander qui l’on servait avec ce graal, car il gardait toujours à l’esprit les mots du sage gentilhomme.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 102-103.

*o rito tradicional da entrega de espada, o adubamento, ganha uma importância sem precedentes e se tinge de cores cristãs e cortesões?*”<sup>205</sup>

Perceval, entrega então sua nova espada a um valete e volta a conversar com o senhor do castelo. Durante o banquete então se passa a cena mais importante do conto e que lhe confere o nome de *Conto do Graal*: o cortejo. A cena é muito clara, muito iluminada, o que por si só já indica pureza e perfeição, pois a luz, no simbolismo<sup>206</sup> observável na metafísica da luz, conforme sugerido pelo abade de Licoln, Robert Grosseteste (1168-1253),

*“é bela por si, “já que sua natureza é simples e compreende em si todas as coisas juntas”. Por isso é maximamente unida e proporcionada a si mesma de maneira concorde pela igualdade: a beleza é de fato concórdia das proporções”*<sup>207</sup>.

Passa então o primeiro objeto; a lança que sangra na ponta. Instrumento de guerra, a lança é carregada por um homem, tal como a lança seria carregada por um soldado. Na lenda do Graal, esta lança seria a mesma lança que o soldado romano teria utilizado contra Jesus, quando este foi crucificado. Em João 19:34 lê-se: *“Mas um dos soldados perfurou um dos lados com uma lança, e logo saiu sangue e água”*; por isso o sangue que brota da ponta da lança conforme enunciado no texto de Chrétien, reforça tanto a história da Bíblia, quanto o mito popular medieval que acreditava na existência de tal lança.

<sup>205</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga à França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 16.

<sup>206</sup> Como o historiador italiano Umberto Eco explica, na Idade Média não havia distinção entre simbolismo e alegoria. Esta distinção, da forma como entendemos hoje, só se deu no século XVIII com o Romantismo. Todas as vezes que citamos ‘simbolismo’, estamos nos referindo a nossa distinção moderna, e não ao entendimento medieval. O simbolismo não se limita à representação imagética da ideia que ele visa transmitir; trata-se de um conceito muito mais amplo. De forma bastante esquemática o autor indica as diferenças entre os dois termos: *“A alegoria transforma o fenômeno em um conceito e o conceito em imagem, mas de modo que o conceito na imagem deva ser considerado sempre circunscrito e completo na imagem e determinado a exprimir-se através dela.*

*O simbolismo transforma o fenômeno em ideia, a ideia em imagem, de tal modo que a ideia na imagem permaneça sempre infinitamente eficaz e inacessível e, mesmo se pronunciada em todas as línguas, continue, todavia, inexprimível”*. – ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 112.

<sup>207</sup> GROSSETESTE, Robert apud ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 97.

Logo depois da lança, aparece o Graal muito radiante, mais até do que os candelabros que estavam ao seu lado, sendo levado por uma mulher. Como se acreditava que o Graal seria o recipiente que Jesus utilizou em sua última ceia com seus apóstolos, e/ou o receptáculo do sangue de Cristo, quando o soldado romano o furou e como Jesus diz que o conteúdo do cálice é ‘seu sangue’<sup>208</sup> convém que seja uma mulher quem carrega o Graal, por dois motivos. O primeiro porque é a mulher quem dá a vida, e por analogia o sangue de Cristo é doador e mantenedor de vida nova, na mitologia cristã. O segundo motivo, ligado ao primeiro é o fato de que foi uma mulher (ou algumas mulheres<sup>209</sup>) que anunciou(aram) que Jesus havia ressuscitado e vivia. A ligação entre vida, sangue, vinho e Graal, não poderia ser maior – e, com efeito, e não à toa, durante e após o cortejo, Perceval e seu anfitrião bebem “*clarettes de vinho com água em taças de ouro*”<sup>210</sup>, justamente os líquidos que saíram da ferida de Jesus.

A luz toma conta da sala sustentada por quatro pilares (uma possível referência aos quatro evangelistas; Mateus, Lucas, Marcos e João), porém a luz do Graal é mais forte, por analogia, podemos entender o Graal como representante de Deus: assim como a luz é perfeita, de acordo com Grosseteste, Deus também o é. Aliás, muitas vezes a divindade judaico-cristã é representada como manifestação da luz, a exemplo do Velho Testamento, em que Moisés no topo do Monte Sinai fala com Deus que se manifesta como relâmpago<sup>211</sup> e como fogo (luz), ou ainda no Novo Testamento, numa passagem que concorda perfeitamente com estas interpretações do simbolismo da narrativa de Chrétien de Troyes:

“[...] Deus é luz; nele não há trevas nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele, mas andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está

<sup>208</sup> Mateus 26:27-28: “A seguir, tomou o cálice e, tendo dado graças, deu-o aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos. Porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que é derramado por muitos para a remissão de pecados.”

<sup>209</sup> A imprecisão se dá porque a Bíblia apresenta incoerência nos quatro evangelhos quanto a quem anunciou a ressurreição de Jesus. Em Mateus, quem faz o anúncio são Maria Madalena e outra Maria (não identificada), em Marcos são Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé, já em Lucas são Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, Joana e outras mulheres que estavam com elas, por fim, em João é apenas Maria Madalena. - Cf. Mateus 28:1-11, Marcos 16:1-11, Lucas 24:1-12 e João 20:1-18.

<sup>210</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 67. – “*Il ne le manque ni vin claire ni râpé à boire dans des coupes d’or.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.104.

<sup>211</sup> Ver Êxodo 19:1-18.

*na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de seu Filho Jesus nos purifica de todo pecado.*”<sup>212</sup>

Além das referências claras ao cristianismo, não podemos nos esquecer que, uma vez que os contos arturianos são provenientes em parte de tradições célticas insulares e continentais, há espaço para especularmos sobre uma amplitude ainda maior do leque de referências semânticas e culturais oferecido pelo simbolismo da representação do Graal. Segismundo Spina diz que: *“Por simplista que pareça, o estilo é a expressão. É a marca pessoal de um artista, de um movimento literário, de uma época ou de uma classe. Expressar é transpor, por meio da palavra, da cor, da massa, do som, a realidade sentida, pensada, [ou] imaginada”*<sup>213</sup>. Assim, seria possível que esta sociedade do século XII ainda pudesse sentir e associar coisas cristãs com as antigas referências pagãs, ainda não totalmente mortas. É o que supõe Márcia Maria de Medeiros, ao fazer um paralelo entre o Graal e o caldeirão mágico do deus celta Dagda<sup>214</sup>, que possui propriedades de ser inesgotável, e de proporcionar rejuvenescimento e inspiração, mais ou menos como o cálice cristão, já que carrega o sangue da vida. Seria então possível perceber a influência da mitologia celta na sociedade cristianizada da Europa ocidental na Idade Média.

Quanto ao decurso da história em si, é de se ressaltar o erro de Perceval está em se calar, mesmo desejoso de saber o que era o Graal que passava frente a seus olhos, numa cena incrivelmente solene, silenciosa e mística, quase atemporal. Pensando fazer bem o que Gornemant de Goort lhe ensinara, o cavaleiro comete engano; seu engano é a falta de mesura. O muito silenciar pode ser pior do que o falar em excesso. Eric Auerbach diz que era parte do dever de cavaleiro o manter segredo das coisas, em contraste ao vilão (em francês; *vilain*) apresentado, por exemplo, em *Yvain, O Cavaleiro do Leão*, que comunica as aventuras da fonte mágica<sup>215</sup>. Ora, o fazer segredo das coisas implica também em não perguntar as coisas caso não seja convidado a isso, ou caso a pessoa com quem se conversa não tenha começado a contar algo. Portanto, a mudez de Perceval se explicaria através disto; ele foi, de acordo com

<sup>212</sup> I João 1:5-7.

<sup>213</sup> SPINA, Segismundo. Apud MEDEIROS, Márcia Maria de. O Romance de Cavalaria na Historiografia Literária. In: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Experiências e Ensaios de História: Cultura, Historiografia e Gênero*. Passo Fundo: Editora UPF, 2006, p. 103.

<sup>214</sup> MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEMS/UFGRD, 2009, p. 99.

<sup>215</sup> AUERBACH, Eric. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 118.

o código ideal vigente, ensinado a não perguntar, e por isso ele não pergunta sobre o Graal. Porém, o Graal passando várias vezes é uma provação (e a repetição da passagem indica intensificação da prova!), à qual Perceval falha na primeira vez, por não ter notado que fora sutilmente (e a sutileza é característica do romance cortês) convidado a perguntar o que seria o Graal em seu mistério (leia-se; eu seu mistério feérico-religioso).

O romance continua, bem como a mudez do protagonista. Após o banquete, todos vão dormir. Na manhã seguinte, Perceval resolve perguntar a alguém sobre a lança e o Graal. Contudo, as portas internas do castelo estão todas fechadas, apenas a porta da sala está aberta. Ele sai, e não encontrando ninguém em todo o castelo, monta seu cavalo e vai procurar os valetes na floresta, pois pensa que foram caçar. Então, quando está em cima da prancha de ponte levadiça dá um salto com o cavalo; alguém havia levantado a ponte. Em vão tenta falar com quem subiu a ponte. Deste modo, parte para a floresta.

### **Episódio 7 – O reencontro com a donzela da tenda e o sangue na neve**

Na floresta, o personagem encontra uma moça chorando ao lado do corpo de seu amigo morto. Ela lhe conta que um cavaleiro conhecido como O Orgulhoso da Charneca (em francês, *Orgulieux de la Lande*) foi quem o havia matado. Perceval promete, então, vingá-la. Os dois também conversam sobre o Graal e a lança que sangra que ele havia visto na noite anterior, ao que ela lhe explica que o rei era pescador porque não podia andar por conta de um ferimento de batalha que ele sofrera. Com respeito ao Graal, ela se sente muito preocupada, e diz que desventura recairia sobre ele por não ter tido nada no momento do cortejo do Graal. A moça se revela ainda sua prima-irmã, depois que ele diz seu nome: Perceval o Galês<sup>216</sup> (que até então não sabia o próprio nome, soube, de acordo com a narração – notemos que esta é a primeira vez que o jovem fala seu nome em todo o conto). Ela também lhe conta que sua mãe havia morrido. Ouvindo isto, Perceval se lamenta, mas logo assume ares de 'seguir em frente'<sup>217</sup>. Então Perceval sai em busca do Orgulhoso da Charneca. Não tarda a encontrá-lo junto de sua amiga, que sofrendo punição está aos farrapos. Perceval se identifica como o cavaleiro que beijou sua amiga. Então o Orgulhoso da Charneca diz que abriria a cabeça de

<sup>216</sup> O nome 'Perceval' se parece muito com '*perce le vale*', que em francês quer dizer 'perfura o vale'. De fato é um nome bastante apropriado ao personagem, pois a primeira cena em que ele aparece se passa num vale e também porque ao longo de todo o conto ele corta (fura) várias florestas em suas andanças. Talvez seu nome seja proveniente de um jogo de palavras feito por Chrétien de Troyes.

<sup>217</sup> Seria aqui o momento em que ele completa sua libertação da figura materna?



Perceval e eles duelam com lança e espada longamente e com bastante violência. Perceval vence e pede para o inimigo restabelecer sua amiga bem perdoando-a e pede também que vá à residência de Arthur, em troca da mercê que concede. Lá, o Orgulhoso conta o que se passou, se coloca como cativo ao rei e diz que Perceval, o [novo] Cavaleiro Vermelho irá vingar a moça que apanhou de Kai, o senescal. Assim o orgulhoso cavaleiro o faz.

Esta cena é apenas a conclusão do erro inicial de Perceval, sendo por ele mesmo reparado agora que já se tornou cavaleiro probó (e por isso mesmo reconhece sua falta). Como os valores de cavalaria presentes nessa cena se assemelham às de passagens anteriores – tratar bem as mulheres, conceder misericórdia ao vencido, punir aquele que agir mal (Kai) – não há propósito em nos debruçarmos sobre ela. Passemos, portanto para a sequência do conto.

Quinze dias se passam e Artur move sua corte, porque quer encontrar Perceval, até que uma noite acampam todos numa grande clareira, na orla de um bosque. Pela manhã, a neve que caíra cobre o campo. Tal é o ambiente da passagem que se segue. Perceval chega a este campo na dita manhã.

*“Antes de chegar perto das tendas, Perceval avistou uma revoada de gansas selvagens que a neve havia ofuscado. Bem as viu e ouviu, pois se afastaram fugindo de um falcão feroz, que grassava em seu rastro voando veloz. O falcão alcançou uma delas, desgarrada do bando. Tão fortemente a golpeou que ela caiu ao solo. Perceval chega tarde demais para pôr mão nele. Prontamente, pica de esporas rumo ao local onde viu o vôo. A gansa estava ferida no peito, donde corriam três gotas de sangue que se espalhavam por entre a alvura. Mas o pássaro não tem sofrer nem dor que o mantenha jazendo por terra. Antes que Perceval chegue, já levantou vôo! E Perceval vê a seus pés a neve onde a ave pousara, e o sangue inda visível. Apóia-se na lança e fica a contemplar o aspecto do sangue e da neve juntos. Essa cor fresca parece-lhe a mesma que sua amiga tem no rosto. De tanto lembrar esquece tudo o mais, pois é bem assim que via o rosto da amiga, o vermelho pousado sobre o branco como as três gotas de sangue sobre a neve.”*<sup>218</sup>

<sup>218</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 79. – “Il n’était pas arrivé aux tentes qu’une troupe de d’oies sauvages, que la neige avait éblouies, prit son envol. Elles filaient à grand bruit car un faucon les poursuivait à toute vitesse. Il atteignit impétueusement l’une d’elles qui s’était séparée des autres. Il la frappa et heurta si fort qu’il l’abattit au sol. Mais il était trop tôt, il partit et ni voulout ni l’attraper ni la rejoindre. Perceval pique des deux là où il avait vu le vol. L’oie était bléssée au cou, elle perdit trois gouttes de sang qui se répandirent sur le blanc en une couleur qui semblait naturelle. L’oie ne ressent pas assez de mal ou de douleur pour rester sur le sol. Avant que Perceval n’arrive, elle est déjà répartie. Quand il vit la neige foulée à l’endroit où l’oie s’était posée et le sang que se voyait tout autour, il s’appuya sur

Enquanto o cavaleiro mirava o sangue no campo nevado, nas tendas Sagremor o Desregrado, homem afetado por cóleras súbitas, ouve que há um cavaleiro armado parado no meio da neve e resolve ir até ele para trazê-lo à corte, conforme ordena Artur. Então Sagremor se dirige até Perceval, mandando que vá consigo até o rei, mas como seu interlocutor nada diz, resolve atacá-lo. Perceval, porém, notando o perigo, se põe a combater e vence Sagremor. Desde as tendas todos se espantam, com exceção de Kai, que zomba do derrotado e, em consequência deste mau comportamento, o rei lhe diz para que ele mesmo fosse buscar Perceval. E assim se sucede. Kai vai ao encontro do cavaleiro hipnotizado pelo sangue e pela neve.

*“Chegando, Kai brada de longe:*

*– Vassalo, vassalo, vinde até o rei! Juro que vireis, ou bem caro me pagareis!*

*Perceval ouve a ameaça. Volta-se e esporeia a montaria. Os cavaleiros, um e outro, querem levar a melhor. Chocam-se de pleno, sem negacear.*

*Kai goupeia-lhe com grandes golpes, tão forte que lhe quebra a lança, fazendo-a voar como casca em migalhas. Perceval porém responde bem. Atinge-o com grande golpe no topo do escudo e o derruba sobre uma rocha, tão rudemente que lhe desloca a clavícula e, entre cotovelo e axila, quebra-lhe o osso do braço direito, com um estalo de madeira seca. Kai desfalece de dor. Seu cavalo corre sozinho rumo às tendas.”*<sup>219</sup>

---

*sa lance pour regarder la figura qu'apparessait. L'alliance du sang et de la neige ressemble à sés yeux aux fraîches couleurs qui sont sur le visage de son amie. Il pense tant qu'il oublie tout. Semblable était sur son visage le vermillon pose sur le blanc, comme ces trions gouttes de sang apparues sur la neige blanche.”* - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p.127.

<sup>219</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 81. – “Il lui cria de très loin: “Vassal, vassal, venez auprès du roi! Vous viendrez, je vous le jure, ou vous le payerez très cher.”

*Perceval en s'entendant menacer tourne la tête de son cheval et pique des éperons d'acier son cheval qui est très rapide. Chacun désire bien combattre et ils se heurtent vigoureusement. Keu frappé un tel coup qu'il brise sa lance et la rompt comme une écorce car il y met toute sa force. Perceval ne se retient pas et l'atteint au-dessus de la bosse de l'écu. Il le fait tomber sur un rocher si bien qu'il lui déboîte la clavicle et qu'il lui brise l'os du bras droit entre le coude et l'aisselle comme un morceau de bois sec, ainsi que le fou l'avait prédit bien de fois. La prédication du fou était vraie. Keu s'évanouit de douleur et son cheval en fuite se dirige au grand trot vers les tentes.”* – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 129.

Kai é carregado de volta aos pavilhões e outro cavaleiro, Gauvain, vai até Perceval. Gauvain, muito cortês, conversa com o cavaleiro que já não mais observava o sangue na neve, pois que o sol a derreteu. Os dois se entendem, se apresentam um ao outro e partem em amizade até as tendas onde Artur os aguarda.

Este episódio condensa em si um forte simbolismo com relação ao sangue na neve, e também de moralismo cavaleiresco, no que tange aos duelos que Perceval enfrenta e à conversa com Gauvain. Começemos com a análise do simbolismo.

Eric Auerbach considera que a interpretação figural dos acontecimentos desbotava o teor da realidade dos acontecimentos em voga na Idade Média por causa do cristianismo (que originalmente era estranho à rigidez, uma vez que possuía uma consciência de realidade distinta, mais ampla, que conferia significados aos mais diversos fenômenos do mundo real), como se observa, segundo o autor, nas canções de gesta, com seu estilo elevado que iniciou o processo de libertação do enrijecido estilo narrativo e da esquematização rígida e estreita predominantes na Antiguidade Tardia e na Alta Idade Média<sup>220</sup>. Como já procuramos demonstrar neste trabalho, os romances de cavalaria são uma progressão das canções de gesta, mais próximos de realizarem uma representação da realidade mais leve, e por isso mesmo é um gênero literário que herda este ímpeto dos autores das canções de gesta. Sendo assim, podemos considerar o que Auerbach diz como também válido, pontualmente, para o caso da neve coberta com as três gotas de sangue n’*O Conto do Graal*.

Com isto em mente, podemos considerar que a realidade do conto apresenta um falcão atacando uma gansa selvagem, que sangra sobre a neve, mas que por dentro desta primeira realidade, Chrétien de Troyes cria, em consonância com a referida interpretação figural dos acontecimentos da qual partilhavam as pessoas que recebiam alguma boa educação formal no século XII: Perceval se transforma até neste ponto, pois, assim como uma torrente de significados passaria pela mente de um clérigo bem educado da época, ele vê na cena que remete à morte (visto que o falcão tentava matar a gansa em sua caçada) não apenas o óbvio, aquilo que é material – gansa, neve e sangue –, mas a combinação do vermelho sobre o branco<sup>221</sup> lhe remete à sua amada que, aliás, é muito pálida, assim como a neve, e isto está

<sup>220</sup> AUERBACH, Eric. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, Pp. 103-105.

<sup>221</sup> Importante lembrar aqui que o branco se opõe ao vermelho e ao preto na Idade Média, uma vez que se tinha à época um sistema base tripolar para as cores, como indica o site francês, baseado em Lyon e com foco em ciências humanas, Mots: “*De l’Antiquité au 12<sup>e</sup> siècle, le système de base est tripolaire : le blanc s’oppose au*

entredito até em seu nome; Brancaflor! O jogo semântico e referencial criado por Chrétien de Troyes é refinado. O que pode ser o significado do vermelho, do sangue? Talvez não haja *uma* resposta correta, mas várias. Não era já Perceval o novo Cavaleiro Vermelho? Não havia ele partilhado o leito com sua amiga? Quem sabe as gotas rubras que colorem a neve, criando um novo tom, signifiquem entre outras coisas e para além da lembrança do rosto da amada, a união de Perceval e de Brancaflor. Quem sabe ainda, como sugere Gauvain em sua conversa com o rei Artur, o cavaleiro estivesse meditando talvez sobre alguma perda, o que não pode ser desconsiderado, afinal, além da perda recente da mãe, o herói também perdeu o Graal e a lança de onde escorre (justamente) sangue da ponta – Perceval havia perdido a oportunidade que tivera de saber sobre o mistério do Graal, da lança e do sangue. Por que não pensar ainda, que os possíveis significados apreensíveis por meio deste episódio não misturem as duas coisas, indicando uma mescla, no seio da cavalaria, de pensamentos profanos (a mulher, ligada ao amor cortês que, como já dito aqui, concebia-se fora do casamento) com pensamentos que se voltam a temas sagrados e da mais alta pureza para aquela sociedade, ou seja, o próprio sangue vertido por Cristo? Levando em consideração a apreensão da realidade, do mundo, presente no cristianismo medieval, esta polissemia soa razoável. O cavaleiro de Gales só volta à sua realidade concreta quando o sol apaga as gotas de sangue que catalisam os seus [e os nossos] pensamentos.

Detendo-nos agora às lutas que Perceval trava, podemos facilmente perceber o tom moralizante. O primeiro cavaleiro, Sagremor, é incontido, é desmesurado e, portanto, incorre em falta, pois como afirma Lúlio: *“Ira é turvamento no coração, de relembrar e entender e querer; e pelo turvamento, a lembrança se converte em esquecimento, e o entendimento em ignorância, e o querer em irritação”*<sup>222</sup>. Já no que concerne a Kai, a lição de moral por trás é a confirmação da palavra de Perceval de que vingaria a donzela esbofetada. É uma realização de profecia, por assim dizer. Além disto, Perceval é implicitamente apresentado (e logo, representado) como um grande cavaleiro, pois diz Raimundo Lúlio;

---

*noir et au rouge, qui est « la » couleur par excellence. Ce très ancien système chromatique sert, par exemple, au regroupement trifonctionnel des classes dans la Rome antique, et on le retrouve au Moyen Âge dans la littérature, les fables, les contes (la plus ancienne version du Chaperon rouge remonterait à l'an mil [...]).*” – Disponível em: <http://mots.revues.org/9833> (acessado em 17/5/2014).

<sup>222</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 101.

*“Ah, como é grande a força de coragem no cavaleiro que vence e apodera<sup>223</sup> muitos malvados cavaleiros! O qual cavaleiro é aquele príncipe ou alto barão que ama tanto a Ordem de Cavalaria que, apesar de muitos homens malvados que são chamados cavaleiros lhe aconselharem cada dia que faça maldades, faltas e enganos para destruir em si mesmo a Cavalaria [...]”<sup>224</sup>*

Com efeito, o valor de Perceval é comparável ao de Gauvain, de quem, aliás, se ouve falar em vários lugares, pois possui honra e boa fama, o que apraz a sociedade dos guerreiros. O oposto também é verdade, já que Gauvain fica tomado de honra<sup>225</sup>.

## Episódio 8 - Acusações

Depois de voltarem, as tendas são erguidas e todos viajam para Carlion<sup>226</sup>, onde Artur levanta corte, e por três dias festejam Perceval, até que chega uma donzela horrorosa montada em mula igualmente feia que saúda a todos menos a Perceval, a quem se dirige em grave tom de reprovação. Entre outras coisas, ela lhe diz:

*“Estiveste em casa do Rei Pescador e viste a lança que sangra. Seria tão custoso abrires a boca, emitir um som, tanto que não, não pudeste perguntar a razão da gota de sangue que corre da ponta da lança? Viste o Graal, mas a ninguém perguntaste quem era o rico homem servido com ele. [...] Era tempo e lugar de falar. Quedaste mudou. Não te faltou azo. Teu silêncio nos foi nefasto. Era mister fazer a pergunta. O Rei Pescador de triste vida ficaria curado de sua ferida; possuiria em paz sua terra, da qual agora não mais terá sequer um retalho. Sabes o que acontecerá? As mulheres perderão os maridos, as terras serão devastadas, as donzelas sem socorro não poderão mais que ser órfãs e muito cavaleiro morrerá. Todos esses males virão de ti.*

*Depois ela se volta para o rei:*

<sup>223</sup> Segundo nota de Ricardo Costa, a palavra ‘apodera’ aqui possui o sentido de ‘submeter’. No texto em catalão se lê: “*¡A, con és gran força de coratge en cavayler qui vèns e apodera molts malvats cavaylers!*” – Idem, p. 32.

<sup>224</sup> Idem, p. 33.

<sup>225</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 84.

<sup>226</sup> Carlion, (ou *Caerleon*, em inglês; ou ainda *Caerllion*, em galês) existe. É uma cidade no sul do País de Gales. Foi fundada em 75 pelos romanos, que estacionaram nela sua Segunda Legião Augusta (em latim, *Legio II Augusta*) à qual deram o nome de Isca Augusta. As ruínas do forte romano podem ser vistas ainda hoje. Muito interessante o fato de Artur se dirigir justamente para uma cidade com passado romano.

– Vou embora, não importa o que penseis. Minha morada é bem longe daqui. Já ouvistes falar do Castelo Orgulhoso? É onde ficarei esta noite. Ali estão os cavaleiros mais seletos, quinhentos e mais. [...] E sabeis que ninguém chega sem encontrar justa ou batalha. Assim, quem quiser fazer cavalaria dirija-se para lá! Terá o que busca. Mas qse quiser arrebatat o prêmio sobre todos os outros cavaleiros, conheço o pedaço de terra onde o poderá conquistar, caso o seja bastante ousado. É sobre a colina num lugar onde Montesclaire alteia. Nesse castelo está sitiada uma damizela. Quem levantar o cerco e conquistar a damizela conquistará honra suprema. E inda mais: o cavaleiro a quem Deus conceder a vitória poderá cingir a espada que possui estranhos adornos.”<sup>227</sup>

Depois que ela disse estas palavras, Gauvain foi o primeiro a se levantar dizendo que iria resgatar a donzela sitiada. Outro cavaleiro, Guifles proclama que iria até o Castelo Orgulhoso. Kahedin, um terceiro cavaleiro, afirma que iria se dirigir ao Monte Doloroso. Perceval diz que não descansaria sem antes descobrir quem é o homem que se alimenta do Graal. Então ma multidão de cinquenta cavaleiros se animam comentando que iriam em busca de aventura, mesmo na mais sombria região. É uma verdadeira mobilização da busca pelo Graal. Mas eis que irrompe na corte uma segunda vida, também apontando dedo que acusa: Guingambresil. O cavaleiro saúda o rei, mas não a Gauvain e diz: “*Gawain, matastes meu pai. Atacaste sem o desafiar. Caiam sobre ti opróbrio e desonra! És traidor e por traição responderás perante mim! Que todos os barões saibam aqui que jamais menti sobre isso!*”<sup>228</sup> Ouvindo as

<sup>227</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 86. – “*Tu es entré chez le roi Pêcheur, tu as vu la lance qui saigne. Était-ce en CET instant un si grand effort d’ouvrir la bouche et de parler que tu n’as pas pu demander pourquoi la goutte de sang sort par la pointe du fer blanc? Le graal que tu as vu, tu n’as pas demande ni cherché à savoir quel homme riche on en servait. [...] Tu as eu largement le temps de le faire. Le riche roi qui souffre beaucoup aurait été entièrement guéri de sa plaie et aurait tenu sa terre, dont il ne tiendra jamais rien, en paix. Et sais-tu ce qui reculera du roi qui ne tiendra pas de terre et ne sera pas guéri de sa plaie? Les dames en perdront leurs maris, les terres seront ravagées, les jeunes filles sans aide resteront orphelines et maints chevaliers mourront. Tous ces malheurs arriveront par toi!* La jeune fille dit au roi: “*Roi, je m’en vais, si cela ne vous ennuie pas, car il me faut prendre un logement pour cette nuit loin d’ici. Je sais pas si vous avez entendu parler du Château Orgueilleux car il me faut y aller ce soir. Dans ce château il y a cinq cents soixante-dix chevaliers de valeur [...]. Je vous signale pour la raison que quinconque y va ne peut manquer de trouver l’occasion d’une joute ou d’un combat. Qui veut accomplir dès faits d’armes ne peut manquer d’en avoir s’il les recherche là! Mais qui voudrait remporter la palme sur le monde entier! Je sais véritablement le lieu et le coin de terre où on pourrait le mieux y parvenir s’il se trouvait quelqu’un d’assez audacieux pour cela. Sur l’éminence qui est sur le Mont Esclaire il y a une demoiselle assiégée: il aurait conquis un très grand honneur celui qui pourrait faire lever le siège et délivrer la demoiselle. Il recevrait toutes les louanges et pourrait ceindre en toute sécurité l’Épée aux Étranges Attaches celui à qui Dieu donnerait une telle chance.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 137-139.

<sup>228</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 87. – “*Gauvain, tu as tué mon seigneur, et tu l’as fait sans l’avoir défié. Tu y recueilles honte, reproche et blâme, et je t’accuse de trahison. Que tout les barons sachent bien que je n’ai pas menti d’un Seul mot.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 139. – É importante notar que na tradução ao francês moderno Guiganbresil acusa Gauvain de ter matado seu senhor e não seu pai. O tratamento por ‘tu’ no

acusações, Gauvain se resolve por seguir o acusador e assim o faz, levando consigo um escudeiro, sete corcéis e dois escudos.

Temos diante de nós um episódio de virada na história do Graal. A feia donzela cumpre papel de anunciadora de um tipo de castigo para Perceval por não ter perguntado sobre o sangue da lança ou sobre o Graal. Buscar o Graal é sua penalidade. Só ele poderá evitar um período de caos e de mortes que assolariam a terra, à semelhança daquele que sua mãe havia lhe contado. O Graal e sua busca parecem, de fato, uma analogia ou mesmo uma substituição às cruzadas.

As cruzadas foram, originalmente no que se refere à prática dos homens d'armas, um meio de impedir a violência interna nas terras do ocidente latino e as mortes de cristãos, que colocavam a cavalaria (*militia*) do mundo constantemente sob o risco de cometer homicídios e rapinas em meio a guerras injustas, precisando por este motivo, se redimir adentrando na cavalaria de Cristo (*militia Christi*), combatendo por sua causa e por sua fé e, como assinala Jean Flori, a respeito do ideal lançado pelo papa Urbano II para as cruzadas, os cavaleiros deveriam se lançar rumo a Jerusalém para libertar o Santo Sepulcro (e outros ditos lugares santos), “*sem intenção de lucros materiais, mas com um espírito de piedade, o papa oferecia o perdão de suas penitências, a plena remissão de seus pecados. A cruzada é, de fato, ao mesmo tempo uma peregrinação, uma guerra santa e uma penitência satisfatória*”<sup>229</sup> – isto é, idealmente. Mas sabemos que não foi o que aconteceu. Frente às derrotas, como as do século XII, a cavalaria regressava para a Europa mais desmoralizada (e este é precisamente o caso de Filipe de Flandres), como nos indica Jacques Le Goff. E as perdas não se restringiam apenas aos cavaleiros:

*“Por último também a Igreja perdeu mais que ganhou. Ao institucionalizar a cruzada, ao conceder indulgências e impostos especiais a cruzados que nem sempre partiam, ou que geralmente voltavam vencidos, ao criar ordens militares que, depois de demonstrar sua impotência para conservar a Terra Santa, se criou mais decepções e cóleras que esperanças puderam alimentar. Foi possível afirmar que a Reforma foi a consequência das cruzadas.*

---

lugar de ‘vous’ também indica falta de respeito (o mesmo vale para a acusação contra Perceval, que é tratado por ‘tu’).

<sup>229</sup> FLORI, Jean. A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 136.

*Foi lançada a hipótese de que o Graal, que ao final do século XII se introduz na literatura cortesã, era um substituto da Jerusalém perdida pelos cruzados, o contrário de um sonho frustrado. Assim se poderia compreender o pessimismo das últimas novelas da Távola Redonda, fruto amargo do fracasso da cruzada”*<sup>230</sup>

O Graal, sendo, portanto, uma espécie de substituto literário às cruzadas, que imprimiam amargas lembranças de perdas na mente dos cavaleiros que conseguiam escapar à carnificina, parece ser, em sua realidade literária, também uma Jerusalém; uma “Jerusalém” pela qual se deve sair em aventura, pela qual se deve zelar, pela qual se deve guerrear e pela qual se deve fazer penitência. E assim como na cruzada da vida real, na busca pelo Graal, todas estas coisas estão reunidas – e a mobilização de cavaleiros da corte de Artur gerada pela notícia do Graal é enorme, tal como a resposta dos nobres às primeiras cruzadas. Só a busca pelo Graal poderia impedir que o reino do Rei Pescador passasse pelas mazelas da guerra, assim como só Jerusalém deveria impedir que a cristandade latina lutasse entre si. Ao passo que uma Jerusalém, sendo objetivo de uma guerra real e levada a cabo, não foi capaz de lograr o sucesso desejado, a outra Jerusalém, em forma de cálice de ouro, estava aberta para receber todas as aventuras e no final conceder àqueles que merecessem boa recompensa. No campo da literatura, as frustrações saíam de cena e davam lugar à realização de aventuras, cheias de façanhas e onde era possível sonhar. Perceval haveria de ser, quem sabe, o realizador deste sonho de conquista e de êxito definitivo, se não fosse pela morte de Chrétien de Troyes que deixou o conto sem conclusão original.

Na narrativa de Chrétien, agora com sua mãe morta, e na iminência de grandes tragédias acontecerem por sua culpa, Perceval é atirado com força no mundo da cavalaria. As

---

<sup>230</sup> LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 135. – “Por último también la Iglesia perdió más que ganó. Al institucionalizar la cruzada, al conceder indulgencias e impuestos especiales a cruzados que no siempre partían, o que en general volvían vencidos, al crear órdenes militares que, después de demostrar su impotencia para conservar la Tierra Santa, se creó más decepciones y cóleras que esperanzas pudo alimentar. Se ha podido afirmar que la Reforma fue la consecuencia de las cruzadas.

*Se ha lanzado la hipótesis de que el Graal, que al finales del siglo XII se introduce en la literatura cortesana, era un sustituto de la Jerusalén perdida por los cruzados, el envés de un sueño frustrado. Así se podría comprender el pesimismo de las últimas novelas de la Tabla Redonda, fruto amargo del fracaso de la cruzada.”*



buscas por proezas estão por todo lado, como fica atestado com o pronto desejo de seu amigo Gauvain em ir até o castelo onde está sitiada a damizela – não nos esqueçamos das palavras de Georges Duby; estas histórias de cavalaria tinham como público os *juvenis*, e estes, salvo algumas exceções, se interessavam por mulheres e grandes façanhas.

Preso a meio caminho entre o tipo de cavaleiro representado por Lancelot e o tipo de cavaleiro representado por Perceval, Gauvain é um protótipo perfeito de cavaleiro secular, chegado aos mesmos prazeres que os senhores da vida real do tempo em que Chrétien escreveu o conto. Em contrapartida, porém, estas preocupações mundanas já são indiferentes para Perceval. Não só ele pode se gabar de já ter feito tudo aquilo, uma vez que levantou o cerco a Bom Refúgio, conquistou a damizela que nele habita – Brancaflor –, e até mesmo foi agraciado com uma rara espada, não com estranhos, mas com belos adornos das mãos do próprio Rei Pescador. Ou seja, em termos de cavalaria do mundo, Perceval já havia conquistado honra suprema. Por isso não, estas aventuras não se destinam mais a ele. Seu compromisso é maior, mais importante, mais puro: deve encontrar o Graal<sup>231</sup>.

Na segunda acusação, direcionada a Gauvain, o tom é diferente. Ele é acusado de ser traidor e regicida. Se, após o embate judiciário, for condenado sua pena só pode ser a morte, pois como vimos anteriormente, Raimundo Lúlio afirma que os cavaleiros devem destruir os maus homens, tais quais os traidores.

## Episódio 9 – O torneio de Tintagel

A narração continua, mas agora o foco é Gauvain. Chrétien de Troyes faz uso de uma *“técnica narrativa que viria a tornar-se lugar comum na romança arturiana, a de entrelaçar duas séries de aventuras e passar o foco de um herói a outro até que finalmente se encontram e a história se resolve”*<sup>232</sup>. No caminho até Escavalon Gauvain encontra muitos cavaleiros e um escudeiro e lhe pergunta então onde estavam indo, ao que este lhe informa que iam a um torneio no qual Méliant de Lis iria justar contra Thibaut de Tintagel porque ele iria lutar para provar seu valor à filha de seu anfitrião, sua amiga. Gauvain então vai até o torneio, onde fica embaixo de uma árvore, pois não quer se machucar nem ser aprisionado, porque ele precisava

<sup>231</sup> A respeito da busca do Graal de Perceval, ver: BARBER, Richard. *O Santo Graal: A História de uma Lenda*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 44.

<sup>232</sup> Idem, pp. 39-40.

se defender das injúrias de traição das quais estavam lhe acusando. As mulheres da corte assistiam ao jogo e a amiga de Méliant bate em sua irmã mais nova por ela ter dito que Gauvain seria mais bonito e elegante que Méliant de Lis. Na manhã do dia seguinte, a filha mais moça vai até onde Gauvain estava alojado para dar uma manga a Gauvain afim de que portasse durante o torneio, porém o cavaleiro está assistindo uma missa. Quando ele retorna, ela lhe entrega o presente e logo o torneio tem início. De frente às fileiras de cavaleiros se destaca Meliant de Lis e então se enfrentam;

*“[...] Gawain quebra-lhe a lança e combate com tanto ardor que o maltrata mui violentamente e o derruba por terra. Em seguida, detém o cavalo segurando-o pelo freio, e entrega-o a um valete, mandando que o leve até aquela por quem batalha e lhe faça dom do primeiro ganho de sua jornada.”<sup>233</sup>*

Terminado o torneio, onde Gauvain captura mais quatro cavalos para si, o rei de Tintagel tenta prover-lhe abrigo, mas este recusa e desculpa-se. Naquela noite ele dormiu em um mosteiro.

Passando à análise do episódio do torneio devemos começar não diretamente pelos cavaleiros, mas pela mulher que é responsável por sua realização; a filha mais velha. É interessante que a irmã ela seja apresentada como má. Talvez isto se relacione com o fato de, em primeiro lugar, ficar estabelecendo condições para se casar com Méliant de Lis<sup>234</sup>. Seria possível, que, no discurso da narração estivesse contida uma noção masculina comum à cavalaria de que não convém que a mulher resista tanto, que a mulher se negue ao matrimônio

<sup>233</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 98. – “*Monseigneur Gauvain le frappe à son tour au point de lui causer des ennuis car il l’abat à terre, met la main sur son chavel, le prend par la bride et le donne à un écuyer à qui il dit d’aller sans faute auprès de celle pour qui il trounoie et de lui dire qu’il lui envoie le premier trophée qu’il a fait ce jour et qu’il veut qu’elle ait.*” – TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 158.

<sup>234</sup> As mulheres eram entregues bem cedo em casamento por meio da *sponsalia* (um tipo de acordo entre as famílias dos noivos). A história do Graal nos apresenta uma filha primogênita, talvez para minimizar o aspecto brutal da entrega de garotas a partir dos 12 anos de idade às núpcias com homens truculentos como eram muitos dos cavaleiros. Contudo, a obra de Chrétien também faz uma possível referência cultural: A partir de meados do século XII a Igreja começou a permitir que a mulher dissesse “não” para que o casamento tivesse consentimento mútuo – e isto faz parte da elevação social da mulher naquele século. Claro, raramente elas diziam “não”, pois havia muita pressão social dos homens de ambas as famílias. O “não” poderia vir também da vontade de se manter virgem e ir para um convento (onde destinaria seu amor a Deus), o que embora com resistências era relativamente mais respeitado. – DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 35.

nas primeiras vezes? Apesar da influência do amor cortês, no qual o homem (no caso, Méliant de Lis) deve provar seu amor à dama (a filha mais velha), acredito que sim, pois diferentemente de outras mulheres na própria produção de Chrétien (a exemplo de Laudine, amada de Yvain), a filha de Thibaut nada ensina ao cavaleiro que a ama, e em amor cortês isto é imprescindível, como apresenta Duby, que afirma que o amor é encarado como um jogo e a mulher como o prêmio que deve ser disputado pelos jovens cavaleiros (*juvenis*) em uma corte. A mulher é também a chamariz do jogo. Portanto, a mulher educa, “domestica” o homem (em seus ímpetos violentos, viris, militares) através do amor delicado antes do casamento<sup>235</sup>, e simplesmente a filha mais velha não assume essa posição, ela não educa. Além disso, o historiador também afirma que “*todos os poemas de amor cortês foram cantados por homens e o desejo que eles celebram foi sempre um desejo masculino*”<sup>236</sup>. Assim existiria aí uma projeção de valor subentendida (para o público da época), que expressaria o que pensavam os cavaleiros e o clero – ou no mínimo Chrétien.

Quanto à atitude inicial de Gauvain de evitar o combate para defender-se futuramente em Escavalon é condizente com outra representação de embate jurídico feita por Chrétien de Troyes, que apresenta considerável violência nas decisões de disputas deste tipo; se trata de *Yvain, O Cavaleiro do Leão*<sup>237</sup>. Neste outro conto de Chrétien, Yvain luta contra Gauvain, e ambos saem muito feridos de modo que podemos presumir que, n’*O Conto do Graal*, convinha a Gauvain se abster de ferimentos em torneio, para ter melhor proveito no campo jurídico.

Quando então a narração apresenta cercos, captura ou prisão de cavaleiros, muitos cavaleiros feridos e cavalos mortos, o caráter cruento da cavalaria se demonstra em seu auge; no gosto que os cavaleiros do século (e Gauvain faz parte desse grupo) têm pelo combate, pela violência, pela agressão, transformando-a num esporte

*“que a Igreja já condenava em todos os seus concílios do último meio século, como armadilhas do Canhoto; os torneios, afirma ela, desviavam os cavaleiros de Cristo dos negócios militares importantes, em especial da cruzada; eles mutilavam, estragavam esses guerreiros cuja vocação seria a*

<sup>235</sup> Idem, p. 44.

<sup>236</sup> Idem, p. 86.

<sup>237</sup> Cf. TROYES, Chrétien de. *Yvain, O Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, pp. 77-84.

*de combater o mal, a heresia, a descrença; eles os dizimavam: pois nesses enfrentamentos havia maior risco de morte do que na própria guerra.*”<sup>238</sup>

A grande quantidade de barões que se dirige ao torneio (esporte muito famoso da Inglaterra ao Midi, passando por Flandres e indo até a Baixa Lorena no leste, na segunda metade do século XII<sup>239</sup>) é indicativo do prestígio que o rei Thibaut de Tintagel visava angariar para si, especialmente se considerarmos que no final do século XII, quando Chrétien escreve o conto, *“a alta aristocracia não encontrava, no norte do reino de França, triunfo mais forte para resistir ao fortalecimento da magistratura real do que esse: conquistar o apoio da cavalaria oferecendo-lhe sua diversão predileta”*<sup>240</sup>. Apesar de se tratar de um rei, devemos relativizar esta expressão, afinal, nos romances arturianos, dentro do reino de Logres, quem é rei é Artur. Convém aqui entender que se trata de um *senhor* de Tintagel.

Por fim, a maneira agressiva como Gauvain derrota Meliant de Lis (provando-se verdadeiro cavaleiro e não mercador<sup>241</sup>) indica o perigo dos torneios, os danos que eles poderiam causar. O outro lado da moeda também é apresentado: a honra que Gauvain adquire é instantânea após seus feitos, de modo que é convidado a passar a noite na casa do senhor de Tintagel. Vale lembrar que Filipe de Flandres gostava muito de torneios, este que era um dos mais apaixonados, nesse período e

*“que introduziu no esporte Henrique, o Moço, mal este desembarcou no continente. Esperava-o em Arras, para levá-lo sem demora ao torneio de Gournai. Ou melhor, com a demora estritamente necessária para equipá-lo, as suas custas, de maneira soberba”*<sup>242</sup>.

---

<sup>238</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 126.

<sup>239</sup> Idem, pp. 124-125.

<sup>240</sup> Idem, p. 127.

<sup>241</sup> Nos torneios não era raro que se encontrassem cambistas, traficantes, mercadores, prostitutas e todo tipo de parasita, que visava lucrar bastante com o evento. Assim, o aspecto desagradável da irmã mais velha é explorado também, por considerar Gauvain como mercador, rebaixando-o a esta condição não nobre. – Cf. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 129.

<sup>242</sup> Idem, p. 127.

Mas ele também procurava demonstrar sua fé. Talvez por isso Gauvain vá à missa logo de manhã bem cedo, conforme inclusive ressalta Lúlio ao dizer que assistir a missas deve ser usança de cavaleiro<sup>243</sup>. Dentro do século Gauvain é tão ideal quanto Filipe gostaria de fazer crer que fosse.

## Episódio 10 – Escavalon

Gauvain chega a Escavalon e é conduzido ao encontro de uma damizela em uma torre – era a filha do senhor que ele havia matado. Ao passar pela cidade, o cavaleiro se encanta:

*“Examina a posição do castelo, que está situado em um braço de mar. Vê que os muros e as torres são tão fortes que não temem ataque.*

*Admira aquela cidade toda povoada de pessoas felizes, e os cambistas mercadores de ouro e prata com cavaletes cobertos de moedas diversas. Vê as praças e as ruas repletas de bons obreiros ocupados em todos os seus ofícios. E cada ofício é diferente: um faz elmos, outro lorigas; este arreios, aquele escudos brasonados; um faz freios, outro esporas. Estes brunem espadas, os de acolá pisam a lã; aqui a tecem, ali penteiam, mais além tosquiavam.*

*Alguns são fundidores de metais, de prata e ouro, ou fazem obras ricas e belas: taças, vasos, escudelas, jóias lavradas a esmalte, anéis, cintos, fivelas. Homem poderia pensar e crer que nesta cidade é sempre feira, tanto em riquezas é opulenta: em cera, pimenta, especiarias, peles matizadas e cinzentas; toda espécie de mercadorias.”*<sup>244</sup>

<sup>243</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 103.

<sup>244</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 101-102. – *“Il regarde le site de la place forte qui s’élevait sur un bras de mer, il voit les murs et la tour si solides qu’ils ne craignait quinconque. Il contemple toute la ville peuplée d’une belle population, les comptoirs des changeurs couverts d’or, d’argent et de monnaie, il voit les places et les rues toutes pleines de bons ouvriers qui faisaient divers métiers selon toute la gamme des métiers. L’un fait des heaumes, l’autre des hauberts, celui-ci des selles, celui-là des blasons, et ceux-ci fourbissent les épées. Les uns foulent les draps, les autres les tissent, ceux-là les peignent, ceux-ci les tondent. Les autres fondent et forgent de l’argent, ceux-ci façonnent de beaux objets précieux, coupes, hanaps, écuelles, des vases en émail noir, anneaux, ceintures et fermoirs. On aurait bien pu penser et croire qu’il y avait tous les jours foire dans une ville qui était pleine de tant de biens, cire, poivre, graines, fourrures de vair et de gris et toutes sortes de marchandises.”* - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 164-165.

Na torre, Gauvain e a moça ficam sozinhos, começam a falar de amor e se beijaram. Então, um vavassalo<sup>245</sup> entra no quarto e os vê. Diz a ela que deveria se cobrir de vergonha, pois beijava e acariciava o assassino de seu próprio pai. Segue-se um discurso bastante misógino<sup>246</sup> em que o vavassalo afirma que ela, por ser mulher, claramente ama o mal por estar com o acusado; diz ainda que quando uma mulher encontra seu prazer, nada mais lhe importa (é como se a culpa de Gauvain fosse eximida e a única responsável fosse ela). Em seguida junta toda cidade contra eles, cercando a torre. A moça se desespera e joga peças de xadrez nos vilãos os xingando, enquanto que Gauvain se prepara para defender a torre, uma vez que cingia Excalibur, ‘a melhor espada do mundo’<sup>247</sup>. Tomando conhecimento da balbúrdia, o novo rei ordena que todos se retirassem e assim acontece. Faz-se necessário garantir a Gauvain seu direito de proteção à morte e à prisão antes do enfrentamento judicial. O rei decide então que a batalha judicial deveria ser suspensa por um ano e que, durante este tempo, Gauvain deveria encontrar a lança que sangra na ponta, caso contrário, depois de um ano ele ficaria à mercê de Guimganbresil novamente. Assim, o cavaleiro vai em busca da lança que sangra com seu cavalo Gringalet<sup>248</sup>.

A cena inicial, de Gauvain se maravilhando com as riquezas da cidade que possui intenso comércio é notória. Chama atenção, pois, na década em que Chrétien de Troyes escreveu o conto, o dinheiro estava retornando a circular mais intensamente, como vimos no capítulo um, e a cavalaria se fechava cada vez mais na nobreza, com certeza porque percebia o avanço da burguesia que nascia e começava a enriquecer com seu comércio. Como bem destaca Eric Auerbach:

<sup>245</sup> Um vavassalo é o vassalo de um vassalo, portanto, um nobre de categoria baixa.

<sup>246</sup> A misoginia era frequente em fins do século XII. Nesta mesma época surge a lenda da Melusina, mulher que é excelente mãe, mas que é amaldiçoada, sendo metade serpente (e aqui nós devemos fazer o paralelo com a serpente do Éden, representante do diabo) da cintura para baixo uma vez por semana. A ambiguidade com que os homens que escreviam as histórias medievais viam as mulheres é grande; é a mistura de fascínio e desprezo, apreço e medo. – Sobre a lenda da Melusina, ver: LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 150-161.

<sup>247</sup> Excalibur é a espada do rei Artur, não de Gauvain, contudo é ele quem a cinge neste romance. Chrétien subverte a tradição das canções de gesta que atribuíam a heróis excepcionais, armas também excepcionais, como a espada Durandal de Rolando. De qualquer modo, Gauvain consegue manejar a pesada espada de Artur.

<sup>248</sup> O nome de seu cavalo era muito importante para o cavaleiro medieval, como indica Leon Gautier. – Cf. GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960, p. 346. – O fato de o cavalo ser de grande importância para as sociedades medievais explica o motivo da citação do nome do cavalo de Gauvain. Podemos observar esta importância entre cristãos e não cristãos. Como exemplo, temos Freyfaxi, cavalo de Hranfinkell nas sagas islandesas [especificamente na *Saga de Hranfinkell Freysgoði* (*Hrafnkels saga Freysgoða*, em islandês)]. Além do nome, o tipo de cavalo era realmente importante, e constantemente citado em romances de cavalaria e em canções de gesta em francês [palafrém (palefrois), cavalo de tiro (roncin), corcel (destrier – porque o escudeiro levava em sua destra), entre outros].” – Sobre Hranfinkell e Freyfaxi ver: ANÔNIMO (SÉCULO XIII). *Três Sagas Islandesas*. Curitiba: Editora UFPR, 2007, pp. 15-52.

*“Chrétien de Troyes, que viveu primeiramente na Champanha, onde, justamente no seu tempo, as feiras comerciais ganharam importância primordial na Europa, e mais tarde em Flandres, cuja burguesia, antes que em qualquer outro lugar ao Norte dos Alpes, atingiu importância econômica e política, já devia ter sentido que a classe feudal deixara de ser a única classe dominante.”*<sup>249</sup>

É interessante também notar que os produtos citados ao final da passagem são basicamente os mesmos que eram encontrados nas feiras de Troyes, na Champagne, e de Gante, em Flandres. Certamente Chrétien se inspirou no que podia ver nessas feiras para criar esta parte do conto, e para criar um cavaleiro, um nobre, que percebe e admira a força de transformação desempenhada pelos burgueses, este novo grupo social, com uma mentalidade nova, uma organização de maior igualdade entre as partes e que se opunha ao modelo de sociedade feudal de então, que por sua vez era muito hierarquizado e organizado com base na fidelidade<sup>250</sup>. As vantagens do dinheiro acumulado pela burguesia beneficiam inclusive à classe dos senhores e cavaleiros; o castelo em excelente estado e a produção de brasões, escudos e elmos o atestam.

Quando na torre, após descobertos, a filha do antigo rei se desespera e joga peças de xadrez nos rebeldes raivosos que os cercam. Este ato demonstra o alto sectarismo social daquela sociedade, como dissemos acima, bem como o medo do populacho, que vivia em constante tensão com a nobreza. Até mesmo Gauvain, destemido, reconhece o perigo e se prepara para o combate iminente. Como há a intervenção do rei e de Guimganbresil, dispersando os burgueses, nota-se uma força maior, por parte da cavalaria frente à esta nova classe social que se erguia.

Pode-se pensar que os romances de Chrétien de Troyes, incluindo aqui *Perceval ou O Conto do Graal*, fazem parte de um tipo de proteção senhorial frente à burguesia nascente, pois numa realidade na qual os nobres deixam de deter a exclusividade do poder econômico e social, fazia sentido defender cavalaria e apresentá-la como aquela que dá as ordens e que é capaz de dispersar os burgueses em suas revoltas. Isto era importante, afinal de contas a

<sup>249</sup> AUERBACH, Eric. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 120.

<sup>250</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, pp. 75-76.

cavalaria fazia parte da tradição, ela ajudava a manter a *ordo* (ordem, em latim) do mundo até então, ela era ainda - e seria por mais alguns séculos – o grupo que deteria a verdadeira importância militar, além de a cavalaria ser parte da ordem idealizada para o mundo temporal (ao passo que a Igreja Católica, com seu clero era a ordem idealizada para o mundo espiritual). Além disso, Chrétien recebia patronato de Filipe de Flandres, ou seja; uma pessoa cultivada que pertencia à nobreza e que tinha interesse em manter o ideário nobre e se possível, divulgá-lo, propagandear-lo. Tudo isso foi usado para diminuir os burgueses, que surgiam de forma mais notável na França ao fim do século XII. Isto explica a forma como são retratados n’*O Conto do Graal*; incontidos, descorteses e perigosos. Subverter a ordem das coisas (leia-se, ir contra a nobreza e/ou contra aquilo que ela fizesse, independente de ser algo de fato moralmente repreensível, como o que nos é apresentado neste romance) era subverter a ideologia de então.

Márcia Maria de Medeiros afirma que

*“a literatura seja como ficção, seja como estilo, esboça-se no texto das mais elementares relações humanas; as mais simples e constantes transformações das coisas e dos valores sociais estimulam a transformação dos significados e, a partir desse prisma, até anedotas passam a conter juízos perfeitos. Toda ficção literária se origina dessa translação nos significados das palavras que se referem ao humano, às necessidades dos homens e dos movimentos sociais, ao espaço em que a sociedade se organiza, às relações sociais que se estabelecem entre os pequenos e os grandes grupos humanos.”*<sup>251</sup>

Logo, se percebermos os significados por trás do enunciado na obra de Chrétien, veremos a tentativa de apresentar um mundo ideal, que se possível deveria ser copiado – esta é a necessidade da nobreza, ao menos. Isto vale não somente para a cena da torre, mas também para a seguinte, onde a batalha jurídica e subsequente condenação são suspensas em troca de um serviço que Gauvain deve prestar por um ano (buscar e encontrar a lança que sangra). Se a ficção apresenta aquilo que uma sociedade ou um grupo social deseja, isso significa que as coisas acontecem diferentemente na realidade. Não há muito sentido em expressar em vários escritos diferentes, e com tantas ênfases, aquilo que é real que muito

---

<sup>251</sup> MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEMS/UFGRD, 2009, p. 62.



agrada uma sociedade ou grupo. O mundo real, certamente atrai a atenção imediata das pessoas, mas não aquilo que é comum ou já estabelecido; precisamos de mais, precisamos de coisas diferentes, que excitem ou acalmem os ânimos. Como afirma Marcella Lopes Guimarães; “*nossa vida não nos basta, temos necessidade de outras, de ler ou ouvir contar*”<sup>252</sup>. É então, em muitos casos, função da literatura possibilitar certa evasão para do real para o fantástico, e é isso que o romance cortês faz, apresentando uma cavalaria ideal, apresentando mesmo a fantástica história de um rei que libera por um ano o assassino de seu pai em troca de um serviço<sup>253</sup>!

### Episódio 11 – A redenção de Perceval

Gauvain é assim liberado para seguir agora uma fantástica aventura. Chrétien de Troyes volta aqui a falar de Perceval. Muda o personagem, muda o ambiente em que se encontra o protagonista e até mesmo o tempo: há um salto de cinco anos! Durante cinco anos, havendo perdido a memória, esquecido de Deus, vagou Perceval experimentando aventura após aventura das mais cruéis e duras, realizando proezas; nesse tempo enviou sessenta cavaleiros à corte de Artur!

*“Mas, ao cabo dos cinco anos, quando ia por um deserto [...], guarnecido de todas as armas, encontrou três cavaleiros escoltando seis damas. Todos estavam cobertos com capuzes, mas iam a pé, descalços e em camisas de crina.*

*As damas ficaram espantadas de o ver a cavalo e em armas, enquanto elas próprias e os cavaleiros andavam a pé, fazendo penitência de seus pecados.*

*Um dos três cavaleiros detém Perceval e diz:*

*– Mui querido amigo, então não acreditaís em Jesus Cristo, que escreveu a nova lei para dar aos cristãos? Não é bom nem razoável armar-se no dia em que Jesus Cristo foi morto! Agis mal!*

<sup>252</sup> GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: O Trabalho com Fontes*. Curitiba: Aymar, 2012, p. 114.

<sup>253</sup> Auerbach ao diz que: “*Na segunda ou na terceira Cruzada, no mundo de Henrique II, Luís VII ou Filipe-Augusto [sic], as coisas se davam de maneira muito diferente daquela do romance cortês. Este não é realidade modelada poeticamente, mas uma evasão para o fantástico.*” - AUERBACH, Eric. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 120. – É claro, mesmo sendo evasão para o fantástico, para qualquer autor é absolutamente impossível deixar de apresentar preocupações e valores de seu tempo, mesmo porque sua arte precisa ser entendida, precisa ter significado.

*E aquele que não tinha a menor idéia do dia, da hora nem do tempo, [...] responde:*

*– Mas em que dia estamos?*

*– Que dia? Não sabeis? É Sexta-Feira sagrada, quando homem deve chorar seus pecados e adorar a cruz; pois neste mesmo dia foi vendido por trinta dinheiros e crucificado Aquele que era puro de pecado. [...] É verdade que ele foi Deus e homem, que a Virgem deu a luz um filho concebido pelo Espírito Santo. Deus recebeu nosso sangue e nossa carne. Sua divindade foi recoberta de carne de homem. Quem assim não O procurar jamais O verá de face. [...] E neste dia, é verdade, foi posto na cruz e tirou Seus amigos do Inferno. Foi morte mui santa, que salvou os vivos e os mortos, fazendo-os passar da morte para a vida. Os maus judeus, em seu ódio (deveriam ser mortos como cachorros), fizeram o mal deles e o bem nosso quando O puseram na cruz. Perderam-se e nos salvaram. No dia de hoje, todos os que crêem em Deus devem fazer penitência, e nenhum cristão deveria portar armas pelos campos nem pelos caminhos.”<sup>254</sup>*

Então Perceval pergunta de onde eles todos tinham vindo e o que faziam. A resposta que obtém é de que vinham de uma floresta próxima, onde habita um santo eremita que vive a glorificar a Deus, a quem pediam conselhos a respeito de seus pecados e se confessavam como bons cristãos devem fazer para agradar a Deus. Ao ouvir estas palavras Perceval começa a chorar e deseja falar com o eremita. Pede a direção de onde o encontraria e parte. Encontra uma capela onde estavam o eremita, um padre e um ajudante. Na capela se joga ao chão em lágrimas e pede por perdão. O eremita o ouve confessar seus pecados: Perceval se sentia tão humilhado por nada ter dito quando viu passarem o Graal e a lança que sangra que

---

<sup>254</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 108-109. – “Au bout de ces cinq ans, il se trouva qu’il cheminait dans un endroit désert, arme de pied en cap comme d’habitude. Il a racontré trois chevaliers et une dizaine de dames, la tête sous le champeron qui marchaient tout à pied, vêtus de haïres et sans chausses. Les dames d’étonnèrent fort de le voir arriver ainsi arme, tenant son écu et sa lance. C’était pour le salut de leurs âmes qu’ils marchaient à pied en penitence des péchés qu’ils avaient faits. L’un des trois chevaliers l’arrête et lui dit: “Beau cher seigneur, vous ne croyez donc pas en Jésus-Christ qui écrivit la Nouvelle Loi et la donna aux chrétiens? Certes, il n’est ni bien ni raisonnable de porter les armes, et c’est meme une faute grave, le jour de la mort de Jésus-Christ.” Et lui qui n’avait aucune idée du jour ni de la saison [...], répond: “Quel jour sommes-nous?” – Quel jour, seigneur? Si vous ne le savez pas, nous sommes le Vendredi Saint, le jour où on doit adorer la croix et pleurer ses péchés, car aujourd’hui fut pendu à la croix celui qui fut vendu pour trente deniers, lui qui fut pur de tout péché [...]. Il est vrai qu’il fut home et Dieu, que la Vierge enfanta un fils conçu par le Saint-Esprit, qu’en elle il reçut cœur, chair et sang, et qu’ainsi sa divinité fut recouverte de chair d’homme, c’est une chose certaine. Et celui qui ne le croira pas ainsi, ne verra jamais Sa face. [...] en vérité, fut mis sur la croix et tira tous ses amis de l’enfer. Elle fut très sainte cette mort qui sauva les vivants et ressuscita les morts de mort à vie. Les juifs menteurs par haine, eux qu’on devrait tuer comme des chiens, firent leur malheur et notre félicité, et quand ils le levèrent sur la croix, ils se perdirent et nous sauvèrent. Tous ceux qui croient en Lui doivent aujourd’hui faire pénitence. Celui qui croit en Dieu ne devrait pas aujourd’hui Porter des armes ni sur un champ de bataille ni sur un chemin.” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, pp. 175-176.

desejou morrer, esquecendo-se de Deus. O eremita se revela seu tio, irmão de sua mãe e lhe explica que ela morreu de desgosto e dor após a partida de Perceval de casa na busca de se tornar cavaleiro. Seu tio lhe conta também que em razão do pecado de ter abandonado sua mãe, sua língua se congelou e sua razão não se despertou e assim não pôde perguntar o que era a lança ou quem se serve do Graal. E isto o eremita também revela: o homem que faz uso do Graal é seu irmão e de sua mãe (logo, outro tio de Perceval) que por sua vez é pai do Rei Pescador (portanto, primo de Perceval).

Após estas revelações Perceval ouve de seu tio uma recomendação já conhecida: que fosse sempre à igreja, que amasse e adorasse a Deus, que respeitasse homem probo e mulher proba, oferecer ajuda a jovens moças, a viúvas e a órfãs, e uma nova recomendação; colocar-se de pé diante de um padre. Por fim, o eremita pede ao sobrinho que como penitência por seus pecados passasse dois dias em sua companhia, comendo a mesma comida que ele. Nestes dois dias Perceval ouve uma missa e como alimento recebe beterraba, cerefólio, alface e agrião, painço e pão feito de cevada e aveia, aprende sobre o episódio da Paixão de Cristo e comunga na Páscoa.

Então Chrétien deixa de falar de Perceval novamente e diz que muito falará de Gauvain, antes de retornar a cobrir a história do protagonista original. Devido à sua morte, esta é a última cena em que Perceval aparece na parte d'*O Conto do Graal* escrita por Chrétien de Troyes.

Os cinco anos de andanças de Perceval envolvido em cruentas aventuras representam o que poderia acontecer a um cavaleiro caso se afastasse de Deus. Certamente o público que ouvia esta história na Idade Média devia pensar a respeito do perigo de se fazer parte da cavalaria, mas se esquecer da fé, pois, sendo esta uma profissão violenta, que flertava com o assassinato<sup>255</sup> constantemente sempre colocava seus membros sob o risco de morrerem – por isso mesmo era tão importante que fossem às missas com frequência, para remissão de seus pecados, o que os liberaria de suas culpas caso morressem numa batalha, e que, portanto, ajudaria a levar suas almas para o Paraíso, evitando os castigos do Inferno.

Quando Perceval encontra os penitentes, e um dos cavaleiros lhe conta que eles estão num dia santo, Sexta-Feira da Paixão, ele conta ao herói, resumidamente, a história bíblica da

---

<sup>255</sup> Entenda-se aqui: o tirar a vida de cristãos também, tido pela Igreja como pecado grave.

crucifixão de Jesus e como, de acordo com o cristianismo, as almas foram libertas pelo sacrifício de Deus que se fez homem, e que por isso todos devem adorar a Deus e não carregar armas em dia santo. O não portar armas em dia santo é uma clara alusão à Trégua de Deus, que foi instituída no século XI, com o propósito de diminuir a violência entre os laicos, e também diminuir a violência contra a igreja. A Trégua de Deus proibia o uso de armas em alguns dias da semana (os dias equivalentes aos dias da Paixão), bem como proibia o porte de armas em determinadas épocas do calendário litúrgico, como o Advento, a Quaresma, a Páscoa e o Pentecostes. Medeiros indica que:

*“Esse movimento introduz no contexto histórico do período dois elementos básicos: por um lado, o impor a abstinência de guerra durante um tempo sagrado infligiu aos cavaleiros uma prova destinada a consolidar sua fé. Por outro lado, introduziu instrumentos destinados a combater os violadores da Trégua de Deus: sanções eclesiásticas e a formação das milícias de paz - declararam guerra a guerra, guerra a guerra ruins [sic].”<sup>256</sup>*

E a autora segue fazendo uma citação de André Vauchez:

*“[...] a trégua de Deus parece marcar uma guinada na atitude da Igreja diante da guerra. Limitando os combates no tempo, não descreditava o próprio ato guerreiro, apresentado como um pecado, assim como a paixão pelo lucro ou a luxúria? Mas a atitude dos clérigos diante da violência continuou ambígua. Inicialmente, não exitaram em fazer, eles próprios, uso das armas, em certas regiões, para reprimir as violações do direito [...].”<sup>257</sup>*

Estes aspectos indicam por que Perceval fica tão chocado no episódio em que ele estava andando numa floresta depois de cinco anos sem ir a uma igreja, ao ponto de chorar; ele quebrava a Trégua de Deus, sendo que ela já fazia parte do quotidiano das pessoas do fim

---

<sup>256</sup> MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEMS/UFGD, 2009, p. 43.

<sup>257</sup> VAUCHEZ, André apud MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEMS/UFGD, 2009, p. 43.

do século XII, e logicamente também para Chrétien, que fazia retroprojeção de sua realidade para o passado idealizado e lendário.

Na conversa o cavaleiro penitente menciona também que os judeus deveriam ser mortos como cachorros. O ódio é expresso da maneira mais clara possível. O antissemitismo no discurso deste cavaleiro que é um bom cristão (pois paga penitência e respeita a Trégua de Deus) tem ares de revanchismo, de vingança contra aqueles que entregaram Jesus à morte. Ainda que hoje isto seja revoltante e que muitos cristãos não concordem quanto ao extermínio de judeus (especialmente depois das atrocidades da Segunda Guerra Mundial), na época em que este romance foi escrito, o espírito de cruzada admitia de certo modo os ataques a judeus (conhecidos hoje como pogroms, do russo; *погром*, que significa “destruir violentamente”), como foram os casos de ataques a comunidades judaicas da França e do Sacro Império Romano-Germânico nas regiões do rio Reno, durante a Primeira Cruzada, em 1096<sup>258</sup> – segundo Dominique Barthélemy, apenas o cronista Alberto de Aix reprovou estes ataques<sup>259</sup>. Podemos entender então que o discurso do cavaleiro propagava um valor (e um ódio) relativamente corrente no século XII. Por fim, explica o cavaleiro, nenhum cavaleiro deveria portar armas – e ele mesmo não carrega armas consigo e talvez temesse por sua vida assim como as mulheres que pagam penitência junto a ele, pois o “*bispo Garin de Beauvais estendia a salvaguarda prometida aos pobres pela jurisdição da paz de Deus ao cavaleiro que durante a Quaresma se despojasse voluntariamente de seu arnês militar. Ninguém devia atacá-lo*”<sup>260</sup>.

Em seguida, já na capela, o eremita se revela tio de Perceval e lhe explica que o Graal era utilizado por outro tio seu. Assim a trama da obra de Chrétien de Troyes passa a ser uma trama familiar. O mistério do Graal é um mistério de família. Bastaria agora que Perceval recuperasse o Graal para salvar a terra do Rei Pescador da destruição. Mas como já comentado, esta parte não foi escrita por Chrétien em função de seu falecimento. O eremita também explica a seu sobrinho que por conta de seu pecado de ter abandonado sua mãe para fazer parte da cavalaria (*a priori* mundana), por conta deste seu “primeiro pecado”, Perceval não pôde falar; seu primeiro pecado impediu a manifestação de sua razão diante dos objetos

<sup>258</sup> Cf. COHEN, Jeremy. *A 1096 Complex? Constructing the First Crusade in Jewish Historical Memory, Medieval and Modern*. In: SIGNER, Michael Alan (ed.). *Jews and Christians in Twelfth-Century Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2011, pp. 9-13. – Disponível em: <http://faculty.history.umd.edu/BCooperman/Medieval/Cohenpart1.pdf> (acessado em 19/5/2014).

<sup>259</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga à França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 340.

<sup>260</sup> DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

sagrados do Graal e da lança que sangra, e consequentemente, Perceval sofria em humilhação desde então, culminando em sua loucura e esquecimento de Deus e da fé. Tal como Søren Kierkegaard apresenta o conceito de primeiro pecado para todo homem após Adão, o primeiro pecado de qualquer homem pressupõe a pecaminosidade como sua condição<sup>261</sup>, e, a angústia, como consequência deste pecado pode se manifestar diante do bem<sup>262</sup> (no conto, representados pela lança e pelo Graal, e mais uma vez diante das palavras do cavaleiro penitente). É mister que Perceval se reconcilie com a fé e saia da situação emocional e psicológica em que se encontra; precisa, ele também, fazer penitência, e é isto que seu tio lhe oferece.

Depois, na fala do eremita, pode-se ver a repetição dos preceitos da Trégua de Deus e da ordem de cavalaria; respeitar pessoas desarmadas, ir à igreja, e ajudar as órfãs e viúvas. A introdução de outro preceito; ficar de pé diante de um padre significa prestar o devido respeito à Igreja (o que era importante, visto que Perceval estava afastado da fé havia cinco anos). O pagamento da penitência para o cavaleiro galês é ficar dois dias na companhia do tio. Nestes dias, Perceval, já despojado de suas armas, ouve missa e aprende sobre a Paixão, arrepende-se verdadeiramente e comunga na Páscoa, para limpar-se das manchas do pecado em que vivera por cinco anos. É a angústia de Perceval que o move nesta passagem. Assim como afirma Kierkegaard, “*quem se educa pela angústia em relação à culpa, só há de encontrar repouso na reconciliação*”<sup>263</sup>. Justamente é a reconciliação com a fé e a Igreja que apazigua Perceval. Mais do que isso, é uma reconciliação familiar e de duas classes sociais: o sobrinho cavaleiro se reconcilia com a clerezia representada na figura do tio.

Mesmo a alimentação de ambos indica bem estar e observância das orientações bíblicas. Eles comem beterraba, cerefólio (uma planta aromática, usada para tempera, que tem propriedades que amenizam as dores de úlceras e que tradicionalmente na Europa é conhecida como ‘folha da alegria’ porque é suave como as alegrias da vida<sup>264</sup>), alface e agrião, painço e

<sup>261</sup> KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 32-37.

<sup>262</sup> Idem, pp. 128-167.

<sup>263</sup> Idem, p. 177.

<sup>264</sup> Além disso, o extrato do cerefólio é recomendado para melhorar a memória, como indica o Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares (PPMAC) em: <http://www.ppmac.org/?q=content/ceref%C3%B3lio> (acessado em 19/5/2014).

pão feito de cevada e aveia – portanto sem fermento, assim como deve ser de acordo com a tradição bíblica<sup>265</sup>.

Na história, Perceval deixa passar abril cinco vezes, quando então se inicia o episódio do encontro com o eremita e quando se dá sua reconciliação e, por que não, seu renascimento. Isto é muito interessante, uma vez que abril é mês de primavera no hemisfério norte, e esta estação traz consigo o renascimento das plantas, a volta da vida. Ora, é justamente na primavera que Perceval inicia sua vida na cavalaria no começo do romance e é mais uma vez na primavera que ele se redime e renasce após seu tempo sombrio de pecados (tal como o inverno é sombrio), tornando-se cavaleiro novo, associado à Deus e à sua Igreja. A vida nova de Perceval, creio, simboliza a possibilidade de vida nova para a cavalaria do século.

## **Episódio 12 – Aventuras do século**

A narrativa se volta a Gauvain, de onde partiu. Volta deste modo, cinco anos no tempo.

Após sair de Escavalon, Gauvain chega a um local chamado Galway<sup>266</sup> onde vê uma moça que se olha no espelho e o trata rudemente, mas ele a serve. A pedidos dela, Gauvain parte para buscar seu palafrém num lugar onde muitos foram e morreram, apesar dos avisos de muitas pessoas e de um cavaleiro para não o fazer, pois coisas ruins lhe adviriam. Então, Gauvain é bem sucedido na busca do palafrém e o entrega à orgulhosa donzela. Ela decide então acompanhá-lo para ver seu sofrimento e humilhação.

Gauvain decide ir para a estrada por onde veio e ajudar um cavaleiro que estava quase morto nos braços de uma moça – os quais Gauvain já havia visto anteriormente. Ele pega ervas medicinais no caminho e passa nas feridas do cavaleiro caído. Então este lhe pede que pegue o cavalo ruim de um escudeiro que passava por ali. Gauvain foi mal recebido pelo

---

<sup>265</sup> No Antigo Testamento a orientação é dada em Levítico 23:4-8 e no Novo Testamento Jesus compara o fermento à falta de fé dos fariseus em Mateus 16:1-12, onde apesar do versículo 12 dizer para que não se acaulem do fermento do pão, a simbologia da passagem é forte o suficiente para ser seguida, especialmente durante a Páscoa.

<sup>266</sup> Aqui Chrétien provavelmente confunde Galway, que fica na Irlanda, com Galloway que fica no sul da Escócia. Na tradução para o português a que temos acesso está grafado ‘Galway’ e na tradução para o francês moderno ‘Galvoie’. Decidimos manter o nome como Galway, tal como consta na fonte por questão de fidelidade à narrativa, apesar de ser mais razoável que seja o sul da Escócia, pois todo o romance se passa até então na Grã-Bretanha, não na Irlanda.

escudeiro e lhe bateu de modo que este caiu do cavalo. Enquanto isto, o outro cavaleiro que estava caído pegou o cavalo de Gauvain, Gringalet, que era muito bom, e o monta assim como sua amiga monta seu palafrém. Gringalet salta de um lado para o outro. Gauvain ri da situação e diz que o cavaleiro deveria tomar cuidado, pois suas feridas poderiam voltar a abrir. Então o cavaleiro replica que toma o cavalo como se fosse dele. Gauvain protesta, afirmando que nunca lhe havia feito mal, ao que o cavaleiro o corrige, afirmando que eles se conheciam e que Gauvain havia certa feita lhe causado desonra, forçando-o a comer com os cachorros por um mês, com as mãos atadas! Ao que Gauvain responde:

*“– Serias pois aquele Greoreas que forçou uma donzela e a desfrutou? Entretanto bem sabias que no reino de Artur as donzelas são protegidas. O rei lhes presta socorro: ele as defende e protege. Não posso pensar nem crer que por esse rigor me odeies e queiras vingança. Agi por leal justiça, firme e respeitada em toda a terra do rei Artur.”<sup>267</sup>*

Greoreas então parte, deixando Gauvain com o mau cavalo do escudeiro. Com a situação, a orgulhosa donzela ri, deleitando-se em ver a má sorte do cavaleiro. Então eles seguem longo caminho até a margem de um enorme rio, em uma planície. Na outra margem avistam um enorme castelo, muito bem murado sob uma falésia, que possui quinhentas janelas, todas com damas e damizelas a contemplar os prados e os vergeis floridos. A maldosa dama se dirige para o rio e procura embarcar num barco que ali estava acorrentado e chama Gauvain para ir com ela, trazendo os cavalos, pois, atrás deles vem um cavaleiro cavalgando velozmente. Trata-se do sobrinho de Greoreas, que fora enviado para matar Gauvain. Os cavaleiros se enfrentam e Gauvain consegue tomar para si o cavalo do adversário. Quando retorna para a margem do rio, vê que a donzela havia desaparecido junto com o barco. Contudo, logo vê chegar outro barco guiado por um homem que demanda o cavalo recém conquistado, pois este era originário do castelo da margem oposta. Mas é penoso entregar o cavalo, então o homem

---

<sup>267</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 121. – “– *Es-tu donc ce Gorréas qui avait pris la demoiselle de force et en fit son plaisir? Pourtant tu savais bien que dans la terre du roi Arthur les demoiselles sont protégées. Le roi a assuré leur sauvegarde en les protégeant et en les escortant, et je ne pense certes pas que tu me haïsses pour ce forfait ni que pour cela tu me fasses du mal car j'ai agi ainsi par loyauté selon la justice qui est établie et fixée dans toute la terre du roi.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 193.



se contenta em reter o cavaleiro derrotado. De igual modo Gauvain segue com o barqueiro até a outra margem e se alberga em sua casa.

Esta parte do romance funciona como uma transição para a próxima, mais importante, mas contém a temática do serviço à donzela. Gauvain e Greoreas são antagonistas um do outro. Greoreas estuprou uma moça nobre (nas palavras que Chrétien empresta a Gauvain; forçou e desfrutou de donzela)! Esta prática é proibida aos cavaleiros nas terras de Artur, em consonância com a paz de Deus. Porém, também como no mundo real, como na Europa cristã do século XII, há cavaleiros que não respeitam as normas em Logres. A Igreja fazia o possível para salvaguardar as mulheres, ao menos as nobres, da violência dos cavaleiros, como indica Georges Duby:

*“Os bispos e os príncipes diziam-lhes: “Se não quiserdes ser condenados, prestai juramento, engajai-vos, perante Deus e por vossa alma, a respeitar algumas proibições. Podeis matar-vos entre vós, mas não mais deveis, doravante, brigar nos arredores das igrejas, locais de asilo onde qualquer um pode refugiar-se. [...] Além disso, não deveis atacar as mulheres, não as nobres, em todo caso, nem os comerciantes, os padres e os monges”.*”<sup>268</sup> [grifos meus].

Como era dever dos reis, representantes de Deus na terra, fazer a defesa do povo (leia-se; da aristocracia) contra a violência, mantendo a paz e a justiça<sup>269</sup>, Artur emprega seus cavaleiros para fazer justiça e por isso, Greoreas foi penalizado por Gauvain, pois este, sendo cavaleiro probo, protege as damas e donzelas conforme a lei de Artur (e da Igreja) – como fica evidente na forma que trata a donzela orgulhosa; a despeito de ela o tratar com rudeza, ele sempre se mantém cortês.

O comportamento baixo de Greoreas é reforçado por ter roubado o cavalo de Gauvain, que pouco antes lhe havia tratado as chagas. Além de estuprador, Greoreas é ainda ladrão e traidor. Mas sua baixeza não para por aí: foge, e mais tarde, incapaz de lutar, recorre a seu sobrinho para matar Gauvain pelas costas (afinal, é por trás, no encalço do trajeto de Gauvain e da orgulhosa donzela que vem o sobrinho do pérfido cavaleiro), fazendo de Greoreas também

<sup>268</sup> DUBY, Georges. *Ano 1000, Ano 2000: Na Pista de Nossos Medos*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 100.

<sup>269</sup> Idem, p. 105.

um covarde. Groreas concentra em si, mais até do que o senescal Kai, os piores vícios que poderiam ser encontrados em um membro da cavalaria.

### **Episódio 13 – O castelo sobre a falésia e Guiromelant**

A história então prossegue, com Gauvain acordando pela manhã na casa do barqueiro e mirando o grande castelo sobre a falésia. O hóspede pergunta ao anfitrião quem é o senhor do castelo ao que este responde que não sabe e nunca soube. Gauvain se impressiona com este fato; como um serviçal do castelo não saberia o nome do próprio senhor a quem serve?! Então pergunta quem defende o castelo? O homem então conta que existem quinhentos arqueiros e besteiros, bem como mais de quinhentos escudeiros de diferentes portes físicos, e, além disso há no castelo um tipo de maquinaria que um sábio lá instalou a mando da rainha. A rainha, por sua vez, habita com sua filha, que é muito bela, e com muitas damas viúvas e com outras tantas que são órfãs. Todos que vivem no castelo aguardam o dia em que um cavaleiro os protegerá e regerá, devolvendo honras às damas e sagrando os escudeiros como cavaleiros. Entretanto, explica o barqueiro, que o mar se transformará em vidro antes do dia em que isso acontecesse tamanha a dificuldade e improbabilidade de que o castelo pudesse ser liberto do encanto em que se encontrava, pois todo guerreiro que lá entrava morria.

Gauvain decide ir até o castelo com prontidão. O homem tenta impedi-lo, sem sucesso. O barqueiro leva o cavaleiro até o palácio do castelo e se despede. O herói, ao entrar na sala principal do palácio, avista um leito de ouro, cheio de sinetas nos entrecruzamentos de suas tiras, e dos lados havia dois carbúnculos<sup>270</sup> que irradiavam muita luz. Chama-se Leito da Maravilha. O destemido cavaleiro então se senta sobre o leito de modo que faz soar todas as sinetas e em sequência, centenas de flechas disparam em sua direção a partir de diversas janelas. Ele se defende da maior parte dos tiros com seu escudo, porém algumas flechas o acertam, então subitamente a saraivada de flechas para. De repente, sai de uma porta um leão esfomeado que ataca o guerreiro, que por seu turno se defendendo com o escudo e, com sua espada, corta a cabeça e as patas do leão. Depois disso aparece, junto do barqueiro que retorna, uma multidão de donzelas e de escudeiros que lhe oferecem seus serviços e passam a tratá-lo como seu senhor, que há longo tempo desejavam. Desarmam-no e o vestem com uma túnica de arminho, afivelada com um broche.

---

<sup>270</sup> Aqui carbúnculo se refere, genericamente, a pedras preciosas de cor vermelha, e não à doença infecciosa.

Curioso, Gauvain sobe junto do barqueiro em uma torre para olhar os domínios ao redor do castelo e lhe fala sobre caçadas e tiros com arco e flecha nas florestas da região. O serviçal diz que isso seria impossível, porque era dito que o cavaleiro que se tornasse senhor daquele castelo jamais sairia dali. Gauvain volta, assim, a sentar-se irritado e triste no Leito. Quando uma das moças que o servia conta para a rainha sobre sua tristeza, de feito que a rainha disse que assim que ele a visse, ele não ficaria mais triste. De fato, quando eles se encontram e conversam, ela pergunta seu nome e se ele veio da corte do rei Arthur. Ele não diz seu nome, mas afirma que vinha da corte de Artur. Ela pergunta sobre os nomes dos filhos do rei Lot, ao que ele responde: Gauvain (ele mesmo), Agravain (o orgulhoso), Gaheriet e Gerehet. A rainha também sobre outros cavaleiros. Ela pergunta ainda sobre a rainha Guinevere, e o cavaleiro diz que ela estava muito bem e bela, e depois de Eva, Deus não teria feito mulher mais conhecida do que Guinevere<sup>271</sup>. A tristeza de Gauvain passa e eles festejam por um dia inteiro, até a fria noite de inverno. No fim, Gauvain deita na Cama da Maravilha e dorme.

Esta parte do romance importa por ser, de certo modo, a realização de um sonho dos cavaleiros não estabelecidos: a conquista de um senhorio. Certamente aqui não se trata da conquista de um castelo e suas dependências por meio do jogo do matrimônio (arranjado entre os homens, naquela sociedade altamente patriarcal), tão buscado pelos *juvenis*, conforme destacado por Duby<sup>272</sup>. Trata-se de uma conquista por armas e por grandes feitos, ao prazer desses mesmos *juvenis* que formavam o público dos romances arturiano. Gauvain novamente é apresentado como um cavaleiro que vive no século, em busca de aventuras. Com efeito, o castelo descrito nesta parte do conto se assemelha muito àquele que a horrenda donzela cita quando acusa Perceval na corte de Artur. As coincidências são ainda maiores, visto que, como profetizou a donzela, quem quisesse aventurar-se neste castelo haveria de passar por torneio e por combate. Ora, é exatamente por essas coisas que Gauvain passa. Primeiro o torneio em Tintagel e depois os combates com o escudeiro e com o sobrinho de Groreas. Contudo, a conquista do senhorio não está completa, pois o novo senhor se encontra impedido de desfrutar de seus próprios bosques; não pode caçar em sua própria terra, ainda que nela sejam

---

<sup>271</sup> Possível alusão jocosa ao romance de Lancelot. Até porque Gauvain aqui fala que a rainha 'educa e ensina todos os homens' e que ela é muito honorável. De fato Guinevere é bela e educa os homens, mas ao dizer 'todos os homens', talvez Gauvain esteja sugerindo a frequência com que Guinevere comete adultério. Desta forma ela não poderia ser honorável, o que explica a comparação com Eva, que simboliza o pecado.

<sup>272</sup> DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens – Do Amor e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 34.

agora seus vassalos mais de quinhentos escudeiros – tudo em razão de algum tipo de encanto. Estamos falando, com certeza, de um ambiente dominado pelo maravilhoso. Como observa Medeiros:

*“Para o cavaleiro, o mundo existe apenas de forma maravilhosa, onde o instante e o “de repente” são condições normais para sua atuação. Este fenômeno é uma representação comum e até mesmo constante do imaginário do homem medieval. Há de se ressaltar o fato de que se vive, nesse momento histórico, uma espécie de conjugação das forças entre o real e o imaginário: a magia é um elemento que acompanha o medievo no seu dia-a-dia.”*<sup>273</sup>

Exatamente estes saltos entre um “agora” depois do outro parece se manifestar em Gauvain. Sua jornada não parece lhe afetar muito psicologicamente, pois está sempre em busca de um novo feito, uma nova honra e assim vive em andanças. O cavaleiro não olha para trás, não reflete sobre seu passado (e nisto se aproxima de Perceval quando este passa cinco anos sem se lembrar de Deus e entregue ao mundo; ambos os cavaleiros em meio às aventuras do mundo simplesmente seguem olhando para frente). Quando um novo obstáculo aparece Gauvain não se conforma, sente raiva. Assim procede quando da saída da casa do barqueiro e da conquista do castelo, e assim também se manifesta ao ser informado que, sendo senhor, não pode usufruir de suas florestas para caça.

Quanto ao castelo, pode-se dizer que seu tom feérico e maravilhoso começa pelo fato de ser uma praça-forte sem senhor e do fato de o serviçal não saber quem é (e ainda por tentar esconder isso de Gauvain o quanto pode). Tudo é muito nebuloso e as informações são desencontradas. A narrativa também hipertrofia a defesa do castelo; a utilização do número quinhentos para contabilizar o total de arqueiros e besteiros e novamente para o total de escudeiros é um meio alegórico de exprimir uma situação maravilhosa.

Não obstante, o próprio ar encantado e de suspense parece fazer alusão ao castelo do Rei Pescador, pois ambos os castelos precisam de uma intervenção externa para se libertarem de uma condição ruim; ambos estão envolvidos em guerras, em uma terra perigosa; ambos desejam alguma coisa (a cura do rei, ou os casamentos e adubamentos); e por fim, ambos

---

<sup>273</sup> MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEMS/UFGRD, 2009, p. 16.

parecem necessitar e admitir apenas a presença de cavaleiros bons e valorosos (Perceval e Gauvain) para a realização desta contribuição externa. Os castelos são, n’*O Conto do Graal*, zonas de transição. Fazem a transição de blocos da história de forma estrutural na narrativa (porque a partir deles se desdobra uma nova trama), e dentro da história também são zonas de transição simbólica entre o material (real ou minimamente verossímil) e o metafísico (místico e encantado).

Entendemos, portanto, que tanto a atmosfera maravilhosa do castelo conquistado por Gauvain, como sua forma de enxergar o mundo como uma sequência de momentos “presentes” que mistura o real e o maravilhoso, é um meio literário utilizado por Chrétien para enfatizar o aspecto lendário do conto, assim como para encantar seu leitor ou ouvinte.

Pois que na manhã seguinte, Gauvain acorda e vê uma jovem e um cavaleiro no prado a partir de uma torre. Deseja ir até eles, e, por intermédio do barqueiro, consegue que a rainha (sua avó) do castelo o libere para ir até o prado. Consegue arrancar-lhe também a promessa de que ela não perguntaria seu nome por sete dias. Então Gauvain atravessa o rio até a outra margem e o outro cavaleiro, que era acompanhado da orgulhosa donzela se precipita em ataque. Gauvain o atinge, fazendo-o cair do cavalo, e depois, de tanto se cansar, o cavaleiro pede mercê. Gauvain consente e o entrega ao barqueiro. Contrariada, a orgulhosa donzela desafia o cavaleiro a saltar um grande vão entre duas falésias, para colher-lhe flores do outro lado, tal como fazia o antigo amigo da donzela todos os dias. Se ele lograsse êxito nesta tarefa ela pararia de considerá-lo homem vil. Ele salta o vão, mas cai no meio da água gelada do inverno com seu cavalo. Nada até a margem e consegue escapar da morte. Seca a sela do cavalo e no campo, do outro lado do vão, encontra um cavaleiro que caçava pássaros com a ajuda de um falcão. Os dois começam a conversar e sir Gauvain lhe relata sua recente justa contra o cavaleiro, bem como o desafio da mesquinha donzela. Então o cavaleiro que caçava revela a Gauvain o seguinte:

*“Essa mulher [donzela orgulhosa] foi minha amiga, embora a contragosto. Jamais condescendeu em me amar e chamar de amigo. Jamais a abracei nem lhe dei beijos senão à força. Nunca a desfrutei, porém a amava malgrado seu. Arrebatei-a de seu amante, com quem esperava viver; matei-o e depois a tomei. Pus todo empenho em meu serviço, mas foi em vão, pois ela fugiu assim que encontrou ocasião. Escolheu como amigo aquele que acabas de abater. Ele não é cavaleiro de brincadeira, pois é valente, Deus me ajude! Entretanto, não o bastante para ousar vir onde poderia me encontrar. Amigo, acabas*

*de fazer proeza que nenhum outro cavaleiro ousou. Pois que ousaste, serás prezado e louvado pelo mundo, como toda coragem merece. É mostrar bela ousadia saltar o Vau Perigoso, pois fica sabendo que em verdade nenhum cavaleiro conseguiu sair dele.”* <sup>274</sup>

Gauvain percebe que a donzela havia mentido, e o outro cavaleiro, que a detesta e que começa a prezar aquele que saltara o Vau Perigoso, sugere que façam um acordo: tudo o que um perguntasse ao outro deveria ser respondido em verdade. E assim inicia-se a troca de perguntas. Gauvain pergunta qual era o nome da cidade que podia avistar e o nome do cavaleiro caçador. Orcaneles é o nome da cidade, e Guiromelant<sup>275</sup> é o nome do cavaleiro, que é senhor daquela cidade. Gauvain pergunta também o nome da donzela orgulhosa e de seu amigo que acabara de derrotar. Seus nomes são Orgulhosa de Nogres, porque lá foi criada, e Orgulhoso da Passagem da Estreita Via, porque é o guardião do acesso à Galway. Eis que Gauvain pergunta o nome do castelo que conquistara e onde comia e bebia. Quando Guiromelant escuta esta pergunta, se encoleriza e não acredita que alguém possa ter conquistado tal castelo. Por isso Gauvain apresenta-lhe provas de que o que dizia era verdade ao indicar as marcas da garra do leão em seu escudo.

Guiromelant se desculpa e pergunta pela rainha do castelo, revelando a Gauvain que ela era a mãe do rei Artur, Igraine, que todos pensavam estar morta. Explica também que a outra rainha que Gauvain vira era filha de Igraine e “*mãe desse a quem chamam Gawain (desventurado seja seu caminho)*”<sup>276</sup> e também mãe de uma donzela alta e bela<sup>277</sup> a quem ele ama e diz ser sua amiga – notemos que Guiromelant não sabe com quem conversa!

<sup>274</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 142. – “*La jeune fille a été mona mie, mais pas au sens où elle aurait voulu m’aimer ni digne m’appeler son ami, car je la ravis à son ami avec qui elle avait coutume de se déplacer, je le tuai puis je l’emmenai, elle, en mettant tous mes soins à la servir. Mais mon service ne servit à rien car dès qu’elle le put, elle chercha une occasion de me quitter et fit de son ami de celui à qui tu l’as ravie aujourd’hui. Ce n’est pas un chevalier pour rire, il est au contraire très vaillant, que Dieu m’aide, mais il ne fut jamais tel qu’il osât venir dans l’endroit où il pensait me trouver. Tu as aujourd’hui accompli un acte qu’aucun chevalier n’ose faire, et parce que tu l’as osé, tu as conquis la gloire et la réputation du monde entier par ta grande prouesse. Quand tu as sauté par-dessus le Gué Périlleux, tu fis preuve d’une très grande audace et sache vraiment que jamais auparavant un Chevalier ne s’était sorti de l’épreuve.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 228.

<sup>275</sup> Na tradução para o português, Rosemary Costhek Abílio chama a cidade de Orqueneselle e o nome do cavaleiro caçador é Guiromelan, sem o ‘T’, um pouco diferente do que aparece na tradução ao francês moderno de Michèle Gally. Preferimos utilizar aqui os nomes da tradução francesa por questão de fidelidade.

<sup>276</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 145. – “*mère de celui à qui je souhaite d’aller aujourd’hui à sa perte, la mère de Gauvain.*” - TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010, p. 231.

<sup>277</sup> Para melhor visualização da árvore familiar de Gauvain ver Anexos.

Guiromelant conta que odeia Gauvain porque Lot, pai deste, matara seu pai e ainda porque o próprio Gauvain havia matado um primo-irmão seu. Antes de partir, Guiromelant entrega um anel a Gauvain e pede que dê à donzela de quem ele diz ser amigo, lhe dá o anel e pergunta seu nome. Quando Guiromelant descobre que falava com Gauvain e então fica novamente tomado pela raiva. Eles combinam então uma luta dentro de sete dias, perante todos os nobres de cada reino; o dele e o reino de Artur, pois, segundo Guiromelant, o *“vitorioso receberá mil vezes mais honras do que sendo a única testemunha de sua vitória”*<sup>278</sup>.

Tendo acordado o combate, Gauvain, muito destemido, esporeia seu cavalo e salta o Vau Perigoso. Vendo esta façanha, a Orgulhosa de Nogres foi ao seu encontro pedir perdão pelo modo como se comportava até há pouco. Ela lhe conta que depois de Guiromelant ter matado seu amigo, ela teve vontade de morrer e por isso agia tão rudemente, esperando que por ofensa alguém a matasse. Os dois passam a se entenderem e retornam ao castelo, onde ocorre uma festa.

Ao nos debruçarmos sobre este episódio do conto, notamos três coisas. A primeira delas é a valentia e destreza de Gauvain, que vence o Orgulhoso da Passagem da Estreita Via e que, em seguida, instigado pelas palavras da Orgulhosa de Nogres se arrisca sem pensar ao pular da falésia. O romance apresenta cada vez mais Gauvain como um nobre cavaleiro tão ansioso por conseguir honras, que esconde seu nome (e sabemos que por nome é que se conhece um cavaleiro!) e se torna um louco, quase suicida. Sir Gauvain, muito ligado ao mundo, acaba sendo imprudente, o que, conforme afirma Raimundo Lúlio é um vício, pois;

*“Prudência é virtude pela qual o homem tem conhecimento do bem e do mal, e pela qual o homem tem sabedoria para ser amante do bem e ser inimigo do mal. [...] E prudência é quando, por algumas cautelas e maestrias, sabe o homem se esquivar dos danos corporais e espirituais. Logo, como os cavaleiros são para encaixar e destruir os males, e porque nenhum homem se mete em tantos perigos como os cavaleiros, qual coisa é mais necessária ao cavaleiro que a prudência?”*<sup>279</sup>

---

<sup>278</sup> TROYES, Chrétien de. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 146. – Esta passagem foi omitida na tradução ao francês moderno.

<sup>279</sup> LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, p. 93.

O mesmo vale para Guiromelant, pois não é prudente o bastante para perguntar o nome de Gauvain tão logo o conhece, ficando irado quando finalmente o descobre após tanto maldizê-lo. Isto nos faz chegar à segunda coisa a se sublinhar: as mudança de humor apresentada por Guiromelant ao ódio que este sente por Gauvain e pelo rei Lot. Com efeito, a vingança que Guiromelant busca é análoga às vinganças familiares que aconteciam ainda no século XII entre diferentes senhores feudais (não havia, por exemplo, o próprio conde Filipe de Flandres entrado em guerra com seu cunhado Balduíno V de Hainaut?), e que fazia a Igreja tanto se opor a essas práticas. Muito comum na Idade Média, é a vingança familiar (intrinsecamente ligada à honra de cada família), portanto, que move Guiromelant contra Gauvain.

A terceira coisa que podemos notar diz respeito à maneira de apresentação do que acontece com Gauvain até este ponto da história. É notável a progressão do tom maravilhoso na trajetória de Gauvain, criando assim um paralelo com a trajetória de Perceval. Isto se evidencia por Chrétien de Troyes iniciar a narração da trajetória deste cavaleiro com uma acusação jurídica e logo apresentando um episódio de um torneio, ou seja, coisas relativamente realistas (ou verossímeis), então a narrativa se desenvolve mais um pouco passando pelo episódio de Escavalon e a suspensão do embate jurídico por um ano seguindo-se das aventuras (ou desventuras) ao lado da Orgulhosa de Nogres, que já apresentam aspecto um pouco mais nebuloso, porque existe o mistério; nem tudo está explicado para o leitor, não se sabe como o novo rei de Escavalon permite que o assassino de seu pai possa partir e também não se sabe por que a donzela se comporta tão mal. Por fim, a chegada ao castelo e, em sequência, as revelações familiares fazem culminar o tom maravilhoso que adquire aquilo que cerca o personagem de Gauvain.

Antes de passarmos para a última parte d'*O Conto do Graal* escrita por Chrétien, convém ressaltar que as revelações familiares contadas a Gauvain por Guiromelant criam, mais uma vez, paralelo com o que o eremita revela a Perceval. Enquanto na trama de Perceval, as revelações a respeito de sua família lançam luz sobre um segredo familiar de algo muito santo, o Graal, e ao passo que estas mesmas revelações fazem Perceval se arrepender de seus erros e se reconciliar com Deus e a Igreja, as revelações familiares são no caso de Gauvain responsáveis por mais conflitos, de ordem mundana; o problema quanto a sua irmã e Guiromelant que a quer possuir, e o combate que se vê forçado a enfrentar com este outro cavaleiro. Enquanto um personagem possui revelações que são no geral apaziguantes e envoltas de santidade, o outro personagem possui revelações predominantemente



catalisadoras de conflitos, de violência. A cavalaria representada na figura de Gauvain é um tanto mais mundana e mais arriscada, e, cremos, é por isso mesmo apresentada por Chrétien como menos desejável.

Na parte final, durante a festa Gauvain entrega o anel a sua irmã (que também não sabe quem ele é), que desmente Guiromelant, explicando que eles nunca haviam se encontrado. Depois de conversar com sua irmã, Gauvain chama um valete e, em segredo, lhe conta quem é e o envia até a corte de Artur em Orcânia, requisitando sua presença e de toda a corte no combate que teria em alguns contra Guiromelant. Em seguida, em meio à festa, todos os escudeiros do castelo se banham em água quente, e, ao despontar da aurora no dia seguinte, todos os cavaleiros que passaram a noite em vigília num mosteiro foram adubados cavaleiros por sir Gauvain, que lhes cingiu a espada e lhes calçou a espora direita.

Enquanto isso, o mensageiro chega à corte de Artur, que está aflito por não ver Gauvain há muito tempo. Nesta cena, inconclusa, se interrompe a história escrita por Chrétien de Troyes.

Por curta que seja esta parte do romance, ela apresenta uma coisa bastante significativa: uma grande festa de sagração de cavaleiros (e que segundo a narrativa se passa no tempo do Pentecostes). Como já indicamos anteriormente, todos os paços da ritualística descrita por Raimundo Lúlio n’*O Livro da Ordem de Cavalaria* são fielmente seguidos por Gauvain – o banho, a vigília, a grande festa, o cingir das espadas e o calçar das esporas – de modo a fazer muita honra a si e aos mais novos membros da ordem de cavalaria.

## Conclusão

Tendo feito a análise de toda a parte escrita por Chrétien de Troyes em *Perceval ou O Conto do Graal*, no qual o leitor acompanha a jornada de Perceval e a de Guavain, pode-se notar não só a importância literária do conto, que foi um divisor de águas para a história da literatura, como também a influência, mais intensa do que em qualquer outra obra de Chrétien, de elementos cristãos ao longo do romance, mesclando-se com elementos seculares tipicamente cavaleirescos.

Esta influência fica bastante explícita na figura de Perceval. Em sua trajetória, o jovem passa por diferentes processos de aprendizagem: primeiro toma conhecimento do que é a

cavalaria e como se aparenta um cavaleiro. Depois aprende um pouco da história da família, que contava com cavaleiros, a partir de sua mãe, que também o instrui a sempre orar nas igrejas e mosteiros e a bem tratar as donzelas, logo consegue as armas – violentamente é verdade (algo como um batismo de sangue, o que é apropriado à cor de sua armadura, vermelha) – que o fazem ser como um cavaleiro. Então recebe treinamento em armas e é adubado por Gornemant de Goort, que também o instrui sobre como se comportar. Mais tarde aprende sobre o amor que lhe é docemente oferecido por sua amiga Brancaflor; logo de modo prático, torna-se um defensor dos fracos e das mulheres ao defender Bom Refúgio contra as investidas de Clamadeu das Ilhas. Em seguida, depois de ter se maravilhado com o Graal e a lança que sangra na ponta, aprende sobre o erro que cometera ao nada falar quando pôde ver estes misteriosos objetos, pois que em consequência de sua mudez a ruína cairia sobre o Rei Pescador e seu reino. Por fim, em sua busca pelo Graal, cheio de angústia, Perceval se esquece da fé por cinco anos e se entrega aos prazeres mundanos, até que seu tio, o eremita o redime para consigo e para com Deus, aprendendo sobre a Paixão e dando fim a sua humilhação e sofrimento. A reconciliação de Perceval com a religião simboliza a redenção que a cavalaria secular poderia obter, segundo a visão de clérigos como Chrétien de Troyes, caso se lembrasse de Deus e renunciasses aos prazeres mundanos; justas e torneios, guerras injustas movidas por ódios familiares, violências de todo tipo. Perceval é a representação de um tipo cavaleiresco a ser seguido.

No que diz respeito ao romance imediatamente anterior de Chrétien, *Lancelot, O Cavaleiro da Carreta*, é notável a diferença entre Perceval e Lancelot. Enquanto Perceval progride em honra e em pureza, Lancelot se deixa desonrar e cai em pecado ao subir na carroça e ao cometer adultério com a rainha Guinevere, mulher do rei Artur. O personagem de Perceval é de fato um anti-Lancelot e *O Conto do Graal* é uma compensação mais pura (de acordo com uma moral cristã) ao romance do cavaleiro da carreta.

Ainda n' *O Conto do Graal*, por sua vez, Gauvain, apesar de ser cortês e valente, é um cavaleiro bastante afeito a estes prazeres e envolvido com as intrigas do mundo. O cavaleiro está no limiar entre o herói e o anti-herói. Ele é responsável pela morte do rei de Escavalon e de um primo-irmão de Guiromelant; ele se apraz em participar de torneios, como no episódio de Tintagel. É ainda um personagem sedutor ao mesmo tempo que cortês para com as donzelas, ao mesmo tempo que troca carícias com a filha do rei que ele mesmo havia matado, respeita e serve gentilmente à filha mais nova do rei de Tintagel e mesmo à donzela orgulhosa

em Galway. A cavalaria representada na figura de Gauvain é tão ambígua quanto a cavalaria mundana do século XII: sua cordialidade ideal se opõe à sua também grande violência para com cavaleiros inimigos ou para com aqueles que não fazem parte da nobreza. Esta ambiguidade traz consigo a incerteza e os perigos sociais, físicos e espirituais a que se expunham os cavaleiros do século e destarte, é apresentada como um contraponto à outra cavalaria, a de Perceval, a subordinada à Igreja e salva pela fé (e que é representado como mais afeita à experiência de cruzadas do patrono de Chrétien, Filipe de Flandres). A cavalaria de Gauvain representa um tipo de cavalaria menos desejável do que a de Perceval, caso se quisesse estar a salvo da danação.

Perceval e Gauvain são dois modelos de cavaleiros ideais, embora diferentes: enquanto Perceval progride rapidamente de um estado rude para a mais fina cavalaria, com ligações com questões religiosas; Gauvain é apresentado de maneira mais sensual e guerreira, como um verdadeiro cavaleiro do norte, mais ligado aos divertimentos cavaleirescos profanos, como torneios, por exemplo, e a conquistas de damas e de feitos.

Quanto aos outros cavaleiros apresentados na narrativa, temos mais exemplos negativos do que positivos. O senescal Kai serve como contra exemplo do que deve ser um cavaleiro ideal; não só ele é motivo de riso, mas também de ódio; Kai é zombeteiro e invejoso. Guiromelant é em quase tudo igual à Gauvain, porém ele tenta se apossar de uma donzela após ter matado seu amigo, demonstrando assim uma tendência mais aos vícios do que às virtudes. Meliant de Lis é um bom cavaleiro, mas talvez se sujeite demasiadamente aos desejos de sua amiga, o que o faz um tanto presunçoso de si – e assim não consegue vencer Gauvain. Por fim Groreas é o exemplo mais baixo de cavaleiro encontrado no livro; traidor, covarde, descortês, ladrão, violador de donzelas, infrator da lei real e da paz de Deus. Tantos exemplos negativos parecem indicar os diferentes vícios presentes na cavalaria enquanto corpo social e ainda sugerem as muitas chances de perdição da alma que um cavaleiro tinha, de um ponto de vista cristão.

Quanto ao Graal, objeto central no romance, é possível inferir que este seja de fato, como sugere Jacques Le Goff, um substituto na literatura às derrotas dos cruzados na Palestina. Como a realidade constrangia o desejo do papado e especialmente da cavalaria cristã latina em se apossar dos locais que eles tinham como santos, lugares estes que eles buscavam aos milhares conquistar, ao menos na ficção apresentada pela literatura arturiana,

estes senhores poderiam buscar algo igualmente santo. Quem sabe, se Chrétien tivesse vivido para dar fim a seu romance, Perceval seria aquele que conquistaria o Graal (que seria uma espécie de “Jerusalém-objeto”), realizando o sonho de conquistar para a cavalaria um símbolo de Deus. Esta hipótese se fortalece pelo fato de haver junto com o Graal, a lança que sangra na ponta, portanto, um objeto de guerra, que remete aos guerreiros que iam até Jerusalém vingar a Cristo e tirar o sangue dos muçulmanos, entendidos como ‘infiéis’ que não aceitavam aquele que verteu seu sangue para o perdão dos pecados de toda a humanidade. Como Filipe de Flandres foi um destes frustrados cavaleiros derrotados no oriente, mas ainda desejosos de honras e de lograr êxito em defender a Igreja, faz sentido que no conto que encomendara a Chrétien de Troyes a cavalaria fosse aquela que, de modo idílico, busca e conquista o Graal assim como deveria ter sido aquela que busca e conquista a Terra Santa.

Finalmente, podemos dizer que em suas facetas, em seus altos e baixos e apesar de sua incompletude original, *Perceval ou O Conto do Graal* é um livro que, para além de representar as mazelas e as glórias da cavalaria de fins do século XII, também influenciou de tal modo as gerações que o leram, que foi capaz de reinventar significativamente a própria cavalaria do mundo real.

## **Referências Bibliográficas:**

### **Fonte Principal:**

TROYES, Chrétien de. *Perceval ou le Conte du Graal*. Paris: Larousse, 2010.

\_\_\_\_\_. *Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

### **Fonte Auxiliar:**

LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010.

### **Bibliografia:**

ANÔNIMO (SÉCULO XIII). *Três Sagas Islandesas*. Curitiba: Editora UFPR, 2007

AUERBACH, Erich. *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AZEVEDO, Tânia Maris de. *Em Busca do Sentido do Discurso*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BARBER, Richard. *O Santo Graal: A História de uma Lenda*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia Antiga á França do Século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

BÍBLIA. Português. Bíblia (com ajudas adicionais). Tradução de Alfalit Brasil. Estocolmo: Alfalit Brasil, 2001.

DIEHL, Astor Antônio (org.). *Experiências e Ensaios de História: Cultura, Historiografia e Gênero*. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

DICIONÁRIO de Latim – Português. Porto: Porto Editora, 2008.

DELORT, Robert. *Introduction aux Sciences Auxiliaires de l'Histoire*. Paris: Armand Colin, 1969.

DENAIN, Wauchier de. *La Première Continuation du Roman de Perceval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1972.

DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Ano 1000, Ano 2000: Na Pista de Nossos Medos*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

\_\_\_\_\_. *Idade Média, Idade dos Homens: Do Amor e Outros Ensaio*s. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Sociedades Medievais – “Lição inaugural” proferida no Collège de France, em 4 de Dezembro de 1970*. Lisboa: Terramar, 1999.

ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FACE, R. D. *Techniques of Business in the Trade Between the Fairs of Champagne and the South of Europe in the Twelfth and Thirteenth Centuries*. In: *The Economic History Review – New Series*, 10-3.

FLORI, Jean. *A Cavalaria - As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.

GAUTIER, Émile Théodore Leon. *La Chevalerie*. Paris: Arthaud, 1960.

GUILHERME IX. *Poesia*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

HOMERO. *Odisséia*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *La Baja Edad Media*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2009.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: O Trabalho com Fontes*. Curitiba: Aymarã Educação, 2012.

MEDEIROS, Márcia Maria de. *A Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UEM/UFGD, 2009.

MIRÀNDOLA, Pico della. *A Dignidade do Homem*. São Paulo: Escala, s/d.

PAYEN, Jean Charler. *Le Moyen Âge: Des Origines à 1300*. Paris: Arthaud, 1970.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média – Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O Historiador e Suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

PREVITÉ-ORTON, C. W. *História da Idade Média, vol. 4: O Século XII*. Lisboa: Editora Presença, 1973.

ROIZ, Diogo da Silva. *Linguagem, Cultura e Conhecimento Histórico*. São Paulo: Paço Editorial, 2012.

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas, vol. 2 – O Reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

SIGNER, Michael Alan (ed.). *Jews and Christians in Twelfth-Century Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2011.

THIRRY, Charles & TYSENS, Madeleine (org.). *Charlemagne et l'Épopée Romane*. Paris: Librairie Droz, 1978.

TROYES, Chrétien de. *Lancelote: O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

\_\_\_\_\_. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Yvain, O Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

TUROLD. *La Chanson de Roland*. Paris: Gallimard, 2005.

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

WALTER, Philippe. *Chrétien de Troyes*. Paris: PUF, 1997.

WELSH ANONYMOUS. *The Mabinogion*. Mineola: Green Edition/Dover Publications, 1997.

### **Sites:**

Deltawerken:

<http://www.deltawerken.com/Gravensteen/869.html>

Gallica:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k94606h/f204.image.r=juives>

Les Sources d'Olaf:

<http://lessourcesdolaf.wordpress.com/2012/03/>

Medieval Lands:

<http://fmg.ac/Projects/MedLands/FLANDERS,%20HAINAUT.htm#PhilippeIdied1191>

Mots – Les Langues du Politique:

<http://mots.revues.org/9833>

Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares (PPMAC):



<http://www.ppmac.org/?q=content/ceref%C3%B3lio>

The Camelot Project:

<http://d.lib.rochester.edu/camelot/text/bliocadran>

The Lancelot Project:

<http://www.lancelot-project.pitt.edu/LG-web/TheStory-Summary.htm>

UNESCO:

<http://whc.unesco.org/en/list/873>

World 66:

<http://www.world66.com/europe/belgium/ghent/sights/thegravensteen>

## Anexos

## Árvore familiar de Gauvain:

